

A decorative graphic element consisting of two concentric circles with a line extending from the bottom of the outer circle, forming a stylized speech bubble or callout shape, is positioned to the left of the title.

Caderno de Formação

Agentes
Comunitários de
Urbanização



MORAR BEM
VIVER MELHOR



Governo do Estado de São Paulo

Geraldo Alckmin
Governador

Márcio França
Vice-governador

Secretaria da Habitação do Estado de São Paulo

Rodrigo Garcia
Secretário

Nelson Baeta Neves Filho
Secretário Adjunto

Roberto Lucca Molin
Chefe de Gabinete

Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano

Nélio Henrique Rosselli Filho
Diretor Presidente

Euvanda Gonçalves de Moraes
Chefe de Gabinete

Carlos Alberto Fachini
Diretor Administrativo-Financeiro

Ernesto Mascellani Neto
Diretor de Atendimento Habitacional

Nourival Pantano Júnior
Diretor de Assuntos Jurídicos e de Regularização Fundiária

Aguinaldo Lopes Quintana Neto
Diretor Técnico

Elisabete França
Diretora de Planejamento e Projetos



Concepção do projeto

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL E URBANO

Ernesto Mascellani Neto

Diretor de Atendimento Habitacional

Viviane Frost

Superintendente de Ações de Recuperação Urbana

Walkyria Marques de Paula

Gerência de Ações de Recuperação Urbana I

Valéria Sanches

Gerência de Ações de Recuperação Urbana II

Revisão de Conteúdo

Maria Thereza Torres Montenegro

Marystela Pinheiro de Oliveira

Renato dos Santos Mirra

Gestão dos processos de produção editorial

FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTO VANZOLINI

João Amato Neto

Presidente da Diretoria Executiva

Guilherme Ary Plonski

Diretor da Área de Gestão de Tecnologias em Educação

Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Coordenadoras Executivas

Luis Marcio Barbosa

Gerente da Unidade de Gestão de Projetos

Produção editorial

Denise Blanes

Celeste Baumann

Felipe Ibrahim

Mainã Greeb Vicente

Maria Helena de Castro Lima

Marina Fortes

Priscila Garofalo

Priscila Risso

Rita De Luca

Tatiana Ferreira de Souza

Valéria Aranha

Produção de conteúdo

Denise Lotito

Maria Helena de Castro Lima

Mariana Costa Silveira

Assistência editorial

Celeste Baumann

Felipe Ibrahim

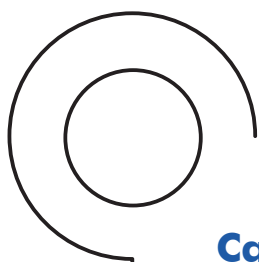
Mainã Greeb Vicente

Arte de capa

Michelangelo Russo

Projeto gráfico e diagramação

R2 Editorial



Caro(a) formador(a),

Preparamos este material para ajudá-lo a organizar a estrutura e os conteúdos do curso de formação para Agentes Comunitários de Urbanização, que será ministrado por você e cujo objetivo é constituir uma rede de moradores interessados e aptos a identificar problemas, propor soluções e envolver a população no processo de urbanização e nos projetos de desenvolvimento local.

Você, formador, também atuará como motivador e facilitador do processo de integração do grupo, pautado no papel do Agente Comunitário de Urbanização. Dessa forma, o Agente deverá terminar a formação tendo adquirido novas ferramentas para pensar e propor formas de melhorar as condições de habitação dos moradores, com um olhar para o desenvolvimento urbano sustentável da comunidade.

Este material está organizado por módulos e oficinas. Cada uma delas possui um roteiro preestabelecido, com orientações e material didático para as atividades sugeridas. Porém, caberá a você complementar este material, caso sinta necessidade, de forma a ampliar o repertório aqui proposto.

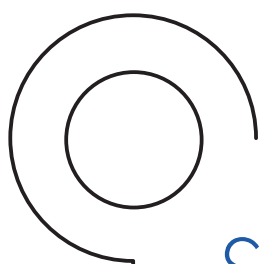
Traga, para a pessoa responsável pela coordenação do curso, as avaliações e as sugestões, suas e da turma de Agentes, pois, no modelo de curso proposto, os conteúdos poderão ser alterados ou aprofundados de acordo com as características próprias do projeto e da população.

Nessa perspectiva, também faz parte da formação dos Agentes, além da construção de um grupo colaborativo, o exercício da participação, cabendo ao ofici-neiro estimular a manifestação de todos.

Esperamos que este material possa auxiliá-lo nesse processo.

Bom trabalho!

*Secretaria da Habitação do Governo do Estado de São Paulo
Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano*



Sumário

Apresentação 9

Formação para Agentes Comunitários de Urbanização: orientações gerais..... 13

- » Objetivos..... 13
- » Metodologia..... 13
- » Estrutura da formação 14

Oficinas: roteiros e orientações 16

- » Comentários gerais..... 16
- » Módulo I – Urbanização e protagonismo comunitário 17
 - » Oficina 1: Apresentação do curso e do grupo..... 18
 - » Oficina 2: O que é cidade? 24
 - » Oficina 3: Como se urbaniza uma favela? 30
 - » Oficina 4: Cidade, cidadão e cidadania..... 35
- » Módulo II – Memória, cidadania e comunicação comunitária..... 42
 - » Oficina 5: O papel da memória na construção da identidade comunitária..... 42
 - » Oficina 6: A memória coletiva..... 48
 - » Oficina 7: Informação, comunicação e cidadania..... 51
 - » Oficina 8: Passeio formativo (1): A produção da informação 61
- » Módulo III – Projetos de organização sociocomunitária e de desenvolvimento local..... 62
 - » Oficina 9: Projetos sociais (1): Arte e cultura..... 62
 - » Oficina 10: Projetos sociais (2): Empreendedorismo e meio ambiente..... 68
 - » Oficina 11: Projetos sociais (3): Participação e organização sociocomunitária..... 72
 - » Oficina 12: Passeio formativo (2): Projetos sociais 75

» Módulo IV – Recuperação urbana	76
» Oficina 13: Diagnóstico sociocultural.....	76
» Oficina 14: Qualificação urbana: espaços públicos e privados	80
» Oficina 15: Passeio formativo (3): Encontro com Agentes Comunitários de Urbanização	84
» Oficina 16: Encerramento.....	84

Anexos85

» Anexo I – Tópicos relevantes do processo de urbanização.....	85
» Anexo II – Como formar grupos de trabalho.....	94
» Anexo III – Questionário individual para resgate da memória.....	96
» Anexo IV – Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais.....	97
» Anexo V – Instrumental de caracterização dos Agentes Comunitários....	99

Vídeos..... 103





Apresentação

O desenvolvimento de ações elaboradas no âmbito do Trabalho Técnico Social (TTS) da Superintendência de Ações de Recuperação Urbana (Saru) – entre as quais se inclui esta **Formação para Agentes Comunitários de Urbanização** – requer uma visão do conjunto da metodologia adotada.

Para oferecer esse panorama geral do trabalho da Saru à pessoa responsável pelo curso de formação, apresentaremos, aqui, uma síntese dos seus fundamentos e principais linhas de atuação. Esse trabalho social se baseia nas quatro concepções descritas a seguir.

Território

Considerar as características e dinâmicas socioterritoriais é um fator central para o planejamento e o desenvolvimento de qualquer ação do TTS. Para subsidiar o seu planejamento e a sua execução, são realizadas diversas pesquisas no decorrer da intervenção, buscando responder questões como: Quais são as características físico-urbanísticas da área e quais as suas implicações para o TTS? Quais os equipamentos públicos disponíveis e como são utilizados pela população? Quais as características sociais, demográficas, culturais e econômicas da população residente no território? Quais são e como se articulam os diferentes atores sociais, como representantes comunitários, movimentos culturais, esportivos, ambientalistas ou outras organizações?

Por fim, cabe uma pergunta central: **Qual a melhor forma de desenvolver as diferentes ações do TTS com a comunidade, considerando as complexidades do território e suas dinâmicas sociais?**

Perfil do técnico social e visão abrangente do Trabalho Técnico Social

As equipes que desenvolvem o TTS da Saru são interdisciplinares, formadas por geógrafos, historiadores, assistentes sociais, arquitetos, psicólogos e sociólogos, entre outros profissionais. É fundamental que o técnico social tenha uma visão de conjunto da intervenção, compreendendo as suas interfaces ambiental, legal, histórica, fundiária, urbanística e arquitetônica.

Participação e fortalecimento da organização comunitária

O fomento ao exercício da cidadania e ao desenvolvimento sustentável do território perpassam todas as atividades previstas no plano do Trabalho Técnico Social, que se inicia com a pactuação do projeto de urbanização com a população, a apresentação dos critérios de remoção e reassentamento e o incentivo aos projetos sociais de organização sociocomunitária e de desenvolvimento local.

Assim, espera-se que, durante o planejamento, a execução e a avaliação das ações no âmbito do TTS/Saru, haja diálogo permanente com a população.

Presença institucional em campo

Os chamados Escritórios de Apoio Técnico (EATs) da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) são espaços institucionais criados nas áreas de intervenção da Companhia com o objetivo de atender a população durante todo o período de implementação do projeto.

Esses escritórios contribuem para dar credibilidade e percepção de continuidade das ações, além de propiciar melhores condições de trabalho para os profissionais que atuam na área e integrar as diferentes equipes técnicas responsáveis pela execução do projeto de intervenção (Social, Obras, Projetos).

Eixos do Trabalho Técnico Social

Diagnóstico socioterritorial e pactuação com a comunidade

Durante todo o período de preparação e execução das obras, a equipe Social realiza vários estudos da ocupação, que têm início com o mapeamento e a caracterização socioeconômica de todas as famílias, seguidos de pesquisa amostral sobre a qualidade de vida da população, levantamento das atividades econômicas e identificação dos equipamentos sociais. A pesquisa socioeconômica, denominada de **arrolamento**,

inclui a identificação, a caracterização e o mapeamento de todas as edificações existentes e das famílias que residem no perímetro da intervenção. Esses estudos subsidiam o planejamento do TTS e das outras áreas técnicas envolvidas no planejamento e na execução do projeto.

O processo de pactuação ocorre desde o início da intervenção, por meio de reuniões para apresentação da proposta e o início das pesquisas diagnósticas, e se estende por todo o período de execução do projeto. Uma etapa importante da pactuação é a realização das reuniões setoriais coordenadas pela equipe Social, em parceria com os profissionais das áreas de Projetos e Obras da CDHU. O objetivo dessa etapa é apresentar os resultados da pesquisa diagnóstica e o projeto básico, que consiste nas diretrizes gerais do programa de urbanização em pauta. Nessas reuniões, realizadas com todos os moradores distribuídos em pequenos grupos, por quadra ou rua, são eleitos os representantes que formarão o grupo de **Agentes Comunitários de Urbanização**.

Outras reuniões de pactuação com a população são realizadas no decorrer da intervenção, para apresentar e discutir, por exemplo, os motivos das remoções e do reassentamento das famílias, além dos critérios para atendimento habitacional. Os dados coletados nos diversos estudos de diagnóstico socioterritorial e as informações obtidas nas reuniões são sistematizados e georreferenciados, compondo um conjunto de materiais de referência – incluindo bases cartográficas e mapas temáticos – que subsidiam a estratégia do trabalho social e os fluxos de trabalho de outras áreas técnicas e gestores públicos.

Remoção, reassentamento e urbanização

O Trabalho Técnico Social com as famílias que tiveram as suas moradias indicadas para remoção envolve várias ações, tais como:

- **Atendimento Individual Programado (AIP):** cada família é convidada a comparecer ao EAT em data e horário específicos. Nessas entrevistas, os técnicos sociais coletam dados complementares aos obtidos no arrolamento e transmitem informações gerais sobre o projeto, o motivo da remoção e as possíveis formas de atendimento habitacional disponíveis.
- **Sistematização e georreferenciamento das informações:** as informações coletadas nos AIPs são registradas em um sistema próprio. Tais informações alimentam as bases de dados georreferenciadas e subsidiam o monitoramento da intervenção, podendo gerar mapas temáticos indicativos, por exemplo, do perfil socioeconômico ou da composição familiar dos moradores. Essas informações também podem ser sobrepostas a outras bases cartográficas da CDHU e de outras secretarias ou órgãos governamentais, auxiliando o planejamento da intervenção.

- **Vistorias domiciliares e ações de mobilização:** os técnicos sociais realizam visitas domiciliares quando há necessidade de checar ou validar alguma informação fornecida pelo morador. Já as mobilizações ocorrem quando são entregues convites ou outras formas de comunicação para chamar as famílias a participar de reuniões ou outros eventos.
- **Estratégia de atendimento habitacional e operacionalização da remoção:** quando o programa prevê mais de uma modalidade de atendimento habitacional, pode ser necessária a definição de critérios para o acesso às opções disponíveis. Considerando-se os diferentes perfis da população – como composição familiar, situação socioeconômica e tempo de residência na área –, é elaborada uma classificação e hierarquização das alternativas habitacionais. Cada programa pode oferecer uma ou mais modalidades de atendimento habitacional, tais como cartas de crédito, novas unidades habitacionais, trocas de moradias com famílias que residem em área onde não haverá remoção, recomercialização de antigas unidades, entre outras.

Projetos de organização sociocomunitária e de desenvolvimento local

Os processos de fomento à organização sociocomunitária constituem um importante eixo da metodologia do TTS, por serem considerados indutores do desenvolvimento local e da participação. Esses projetos valorizam os interesses da população, bem como as vocações locais.

Embora cada projeto sociocultural seja criado e desenvolvido mediante a identificação das características e dinâmicas socioterritoriais específicas, identificamos três linhas temáticas gerais:

- Arte e cultura.
- Empreendedorismo e meio ambiente.
- Participação e organização sociocomunitária.

A descrição e a exemplificação dessas linhas de ação é objeto do Módulo III dessa formação. Os técnicos da Saru estão capacitados e à disposição para esclarecer dúvidas e fornecer maiores informações.

Formação para Agentes Comunitários de Urbanização: orientações gerais

Objetivos

O objetivo do curso é formar uma rede de Agentes Comunitários aptos a identificar problemas, propor soluções e envolver a população no processo de urbanização e nos projetos de desenvolvimento local. Para isso, são apresentados conteúdos e atividades que buscam:

- fomentar uma gestão participativa;
- constituir coletivamente os núcleos embrionários dos projetos sociais;
- desenvolver ferramentas de expressão para o exercício da participação;
- formar um grupo de moradores representativo e legítimo.

A constituição desse grupo de Agentes faz parte de uma estratégia para fortalecer a representação e a participação da comunidade. O Agente Comunitário de Urbanização, nesse sentido, deve participar da reflexão sobre as transformações do bairro e discutir as questões sociais e urbano-ambientais locais. Espera-se que o Agente complete a formação compreendendo o seu papel no âmbito do projeto de urbanização, para melhorar as condições de habitação da população, sempre buscando um olhar para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Espera-se, ainda, que o Agente Comunitário formado por este curso possa compreender o Trabalho Técnico Social da Saru/CDHU e seja capaz de auxiliar a comunidade nas decisões relacionadas ao projeto de urbanização, além de representar os interesses e os pontos de vista do conjunto dos moradores.

Dessa forma, ao final da formação, os Agentes Comunitários de Urbanização devem ser capazes de:

- sensibilizar e mobilizar a população e promover a sua participação;
- reconhecer os vínculos da comunidade com o território;
- fortalecer as instâncias representativas da população;
- acompanhar as obras e estabelecer um canal sistemático de informação de negociação;
- sugerir formas de promover a sustentabilidade da intervenção;
- proporcionar o convívio democrático e o exercício do respeito e da tolerância.

Metodologia

Cada oficina da formação seguirá um roteiro preestabelecido, acompanhado de *slides* e orientações detalhadas para as atividades propostas. Antes de cada encontro, oicineiro deve estudar o roteiro da oficina, ler os materiais indicados, assistir aos vídeos e preparar as conversas que terá com o grupo. Além disso, é importante conferir e, quando

necessário, alterar os *slides*, atentando-se especialmente para as informações específicas de cada oficina ou processo de formação (por exemplo: datas, horários, locais etc.). No conjunto de *slides* que oicineiro receberá, estão destacadas as informações que, obrigatoriamente, devem ser alteradas.

O icineiro deverá pesquisar outras fontes, além de estudar o material complementar indicado no curso, sempre dialogando com a coordenação quando sentir necessidade de aprofundar algum assunto ou considerar que está pouco preparado para um determinado tema das oficinas. Também é possível que ele precise buscar apoio da CDHU para preparar os materiais que serão utilizados ou organizar os passeios sugeridos. Os trechos grafados em *itálico* representam conteúdos de estudo.

O conjunto de *slides* que acompanha as oficinas não pretende ser uma “camisa de força” para o icineiro, mas sim um ponto de partida que pode ser adaptado conforme a sua sensibilidade, a sua maneira de se expressar com a turma e as questões apresentadas pelo grupo durante as oficinas. Parte do material requer que o icineiro preencha lacunas com as informações do seu projeto específico.

Este curso parte de uma concepção de educação amparada no modelo socioeducativo organizador, no qual os rumos dos encontros são orientados não apenas pelo que está planejado, mas também por aquilo que é trazido pelos participantes. Nesse sentido, é desejável que o icineiro esteja aberto à escuta das necessidades e dos desejos do grupo e que, a partir disso, adapte as oficinas com anuência da supervisão. Assim, as orientações aqui contidas podem e devem ser seguidas de acordo com as particularidades de cada turma. Mesmo o número de encontros pode ser reduzido ou ampliado, caso haja interesse de aprofundar os temas abordados.

Os objetivos da formação são tanto o desenvolvimento de atitudes como a transmissão de conhecimentos. E, para atingi-los, as práticas e os procedimentos do formador, bem como as atividades propostas, devem ser coerentes com as atitudes que se pretende desenvolver no público. Não apenas o discurso do icineiro, mas também as suas ações vão colaborar para que, de fato, sejam atingidos os objetivos da formação. Assim, se nossa proposta é, por exemplo, desenvolver o protagonismo, temos que valorizar e respeitar as iniciativas dos participantes. Se levamos em conta as vozes de todos em suas reivindicações dentro do curso, mesmo que não concordemos com o que for dito, teremos uma atitude de representatividade legítima. Respeitar as opiniões diversas e fazer questão de que todos sejam ouvidos e considerados em suas opiniões proporciona a criação de um ambiente democrático, calcado na tolerância e no respeito.

Estrutura da formação

A formação é dividida em quatro módulos (veja o quadro a seguir), com um total de 16 oficinas. Sugere-se que os encontros sejam semanais, com cerca de 4 horas cada, que podem ser divididas em dois períodos de 2 horas. No final do curso deve-se ter um mínimo de 16 horas de formação por módulo, totalizando 64 horas de curso. Como a duração das oficinas pode variar de acordo com o tempo necessário para as diferentes turmas desenvolverem as atividades propostas, pode-se desmembrar uma oficina em dois encontros.

Além das ações formativas com o oficinairo, poderão ser agendados encontros com especialistas, se sua presença for necessária para aprofundar temas tratados no curso. Nesse caso, novas oficinas poderão ser realizadas.

Existe também a proposta de passeios formativos, que deverão ser organizados com bastante antecedência e para os quais o oficinairo contará com o apoio dos técnicos sociais da Saru.

Faz parte da formação, ainda, a constituição dos grupos preliminares dos projetos de organização sociocomunitária e de desenvolvimento local, responsáveis pela elaboração, discussão e divulgação da proposta entre os demais moradores.

Certificação: receberá o certificado de Agente Comunitário de Urbanização aquele participante que concluir 75% da carga horária de cada módulo. Sendo assim, o participante receberá até quatro certificados. Ao final da formação, todos receberão o diploma de Agente Comunitário de Urbanização.

Carga horária: 64 horas, divididas em encontros semanais de 4 horas.

Módulo I: Urbanização e protagonismo comunitário

Oficina 1 – Apresentação do curso e do grupo

Oficina 2 – O que é cidade?

Oficina 3 – Como se urbaniza uma favela?

Oficina 4 – Cidade, cidadão e cidadania

Módulo II: Memória, cidadania e comunicação comunitária

Oficina 5 – O papel da memória na construção da identidade comunitária

Oficina 6 – A memória coletiva

Oficina 7 – Informação, comunicação e cidadania

Oficina 8 – Passeio formativo (1): A produção da informação

Módulo III: Projetos de organização sociocomunitária e de desenvolvimento local

Oficina 9 – Projetos sociais (1): Arte e cultura

Oficina 10 – Projetos sociais (2): Empreendedorismo e meio ambiente

Oficina 11 – Projetos sociais (3): Participação e organização sociocomunitária

Oficina 12 – Passeio formativo (2): Projetos sociais

Módulo IV: Recuperação urbana

Oficina 13 – Diagnóstico sociocultural

Oficina 14 – Qualificação urbana: espaços públicos e privados

Oficina 15 – Passeio formativo (3): Encontro com Agentes Comunitários de Urbanização

Oficina 16 – Encerramento

Oficinas: roteiros e orientações

Comentários gerais

Para que você, formador, possa ter mais clareza de como conduzir as oficinas, chamamos a atenção para cinco lembretes:

- **Divisão do tempo durante os encontros:** em cada oficina, indicamos o tempo para cada atividade. Trata-se apenas de uma sugestão, que você pode e deve adaptar para sua turma. De qualquer forma, sempre faça um pequeno intervalo, para que as pessoas possam ir ao banheiro, tomar água, falar ao telefone etc. O tempo estimado para as oficinas é de 4 horas. Você verá que, em algumas oficinas, as atividades tenderão a ultrapassar esse tempo e que, em outras, sobrarão tempo. Essas diferenças permitirão que você tenha flexibilidade para ajustar os roteiros e, ao longo dos encontros, incluir outras atividades, como informes, discussões sobre outros assuntos que venham a surgir, confraternizações etc.
- **Objetivos das oficinas:** como já foi dito, os roteiros apresentados para cada oficina podem ser adaptados por você, visando a atender melhor as necessidades da turma. É preciso, no entanto, estar atento aos objetivos de cada oficina e dos módulos, para que eles sejam mantidos, mesmo com as adaptações feitas.
- **Participação:** você verá nas orientações dos roteiros que a participação da turma é sempre estimulada. Adote, sempre que possível, estratégias para convidar as pessoas a participarem, chamando-as a dar exemplos do que conhecem a respeito do assunto da oficina, depoimentos e opiniões. As perguntas a seguir são formas de envolver os participantes: Vocês já viram algo desse tipo? Gostam de coisas assim? Já tiveram a oportunidade de participar de uma situação como essa?
- **Escuta:** muitas vezes não nos damos conta de que nosso público tem um repertório de conhecimentos, vivências, cultura e vocabulário muito diferente do nosso. Isso quer dizer que conceitos, ideias e mesmo palavras que achamos muito naturais no nosso cotidiano nem sempre são conhecidos da turma. Por isso, é fundamental que você se lembre de checar a compreensão que o grupo está tendo da sua fala. Explicar a mesma ideia mais de uma vez com palavras diferentes, dar exemplos e fazer perguntas são formas eficientes de conseguir isso. Porém, é preciso pensar no tipo de pergunta a ser feita. Note que uma pergunta como “O que é protagonismo?” é bem menos eficiente do que uma do tipo “O que vocês entendem por protagonismo?”. O

primeiro exemplo pressupõe a existência de uma resposta correta, o que pode gerar receio nas pessoas de responder incorretamente e intimidá-las. A segunda opção, por outro lado, sugere que cada um pode ter uma ideia diferente sobre o termo, afastando a noção de certo e errado. Por esses motivos, o segundo tipo de pergunta é bem mais eficiente para provocar a participação das pessoas e contribuir para que você descubra de que forma elas entendem o que você diz.

- **Preparação para a oficina:** toda oficina requer uma preparação, seja a organização de materiais e da sala, instalação de internet e outros itens de infraestrutura, seja de estudo sobre o que será apresentado por você. Sempre leia o roteiro, assista aos vídeos e pesquise sobre os temas antes de iniciar cada oficina. Em alguns casos, indicaremos materiais para aprofundar conhecimentos. Peça ajuda aos técnicos sociais da Saru para o que precisar.

Módulo I – Urbanização e protagonismo comunitário

Oficinas 1 a 4

Objetivos gerais

- A) Entender os processos de ocupação informal do território como parte das dinâmicas de formação da cidade.
- B) Reconhecer as dinâmicas próprias de um processo de urbanização de favelas.
- C) Discutir a organização comunitária como ferramenta de participação.

Objetivos específicos

- 1) Introduzir o tema da história das cidades e da urbanização do Brasil.
- 2) Estabelecer relações entre a história da urbanização e as cidades hoje, explicando como se dá a ocupação informal do território.
- 3) Refletir sobre as dinâmicas do processo de urbanização de favelas e como a população local se insere nesse processo.
- 4) Reconhecer as dimensões físicas, legais, sociais, econômicas, políticas e simbólicas do território.
- 5) Abordar os conceitos de democracia, participação e cidadania.
- 6) Discorrer sobre o papel do Agente Comunitário e as estratégias de participação.

Oficina 1: Apresentação do curso e do grupo

Objetivos

- Promover a integração dos participantes.
- Apresentar a síntese do perfil do grupo, com base nas informações do questionário preenchido pelos moradores quando da inscrição no curso.
- Expor os objetivos, a programação e o cronograma do curso, bem como debater e obter sugestões dos participantes.
- Estabelecer acordos para a boa convivência e o bom aproveitamento do curso.
- Introduzir o tema da formação das cidades.

Materiais

- *Flip-chart*, cartolinas, canetões, papel sulfite, crachás etc.
- Vídeo *O Agente Comunitário de Urbanização* (ver lista disponível ao final do material).

Dinâmica

1ª parte

1. Apresentação dos participantes – 60 minutos.
2. Apresentação do perfil do grupo – síntese das informações do questionário de perfil dos Agentes Comunitários – 60 minutos.
3. Apresentação do curso e do vídeo *O Agente Comunitário de Urbanização* – 45 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Trabalho em três grupos – 60 minutos.

Levantamento de conhecimentos prévios sobre:

- O que é cidade?
- Como se urbaniza uma favela?
- O direito à cidade e à democracia.

1ª PARTE

1. Apresentação dos participantes: Quem é você e de onde você vem?

Antes de apresentar o curso, convém fazer a apresentação das pessoas. Dessa forma, ao iniciar, as pessoas já podem sentir-se mais à vontade para tirar dúvidas, fazer comentários ou sugestões.

Toda atividade em grupo, por mais simples que seja – como uma apresentação dos presentes –, requer um planejamento, para que você saiba como conduzir a atividade diante de possíveis dificuldades e favorecimentos. Você precisa estar preparado para lidar com as diferentes situações que podem surgir, seja para contornar problemas, seja para aproveitar acontecimentos ou falas que possam servir de exemplo, ou até mesmo se for necessário levar o trabalho em uma direção não prevista.

Para a apresentação dos participantes em um grupo e em uma situação de formação, é importante que você oriente as pessoas sobre como elas devem se apresentar. A forma dessa dinâmica está relacionada tanto com o objetivo que você pretende alcançar com a apresentação quanto com as condições da atividade.

Nesse caso tem-se dois objetivos:

1. Que você se aproxime do seu público, iniciando um processo de identificação de quem são os introvertidos, os expansivos e aqueles com disposição para participar do grupo.
2. Que o grupo inicie o processo de entrosamento. Uma vez que um dos objetivos do curso é promover a organização comunitária, é importante que as pessoas se sintam à vontade para poder iniciar um trabalho colaborativo.

Tendo em vista esses objetivos, você deve programar a atividade de apresentação pensando que:

1. As pessoas devem estar posicionadas de modo que todos se ouçam e se vejam, pois a apresentação não será feita para você, mas para todo o grupo. Se não for possível colocar as pessoas em círculo, peça que cada uma se levante ao falar, para que todos a vejam, e que fale alto o suficiente para que todos possam ouvi-la. Quando uma pessoa não puder falar alto, repita o que ela disser, para que todo o grupo escute.

2. Você deve orientar as pessoas sobre o que devem dizer, para que não falem coisas fora do foco da apresentação nem deixem de falar o que é necessário para alcançar o objetivo da atividade. Para isso, ofereça ao grupo uma pequena lista de tópicos, como nome, profissão, origem etc. Você pode pensar em outros pontos de apresentação, mas não deixe de orientar sobre o que deve ser dito.

Exiba o *slide* com a lista de tópicos e deixe-o visível durante toda a apresentação.

Em nosso caso, tratar do lugar de origem é importante, pois mais adiante trabalharemos memória e identidade coletiva. Assim, explorar as semelhanças e as diferenças de origem das pessoas pode colaborar nesse trabalho. Expor essas origens também dará margem para que os Agentes se identifiquem com aqueles que são de lugares e regiões comuns, o que propicia uma oportunidade de integração.

Apresente-se

- Nome
- Profissão
- Com quem você mora
- De onde veio (lugar de origem)
- Fale:
 - Uma coisa que você gosta
 - Uma coisa que você não gosta

É necessário marcar um limite de tempo por pessoa (que pode variar a depender do número de participantes), para que a apresentação não fique enfadonha. Você deve ser o primeiro a se apresentar, dando o exemplo de como devem ser as apresentações.

Com um grupo de até 30 pessoas, essa dinâmica pode funcionar bem. Se o número de participantes for maior, as apresentações devem ser feitas em grupos menores. Nesse caso, peça que as pessoas se reúnam em duplas e se apresentem entre si. Depois, uma deve apresentar a outra para todo o grupo, com o mínimo de palavras possível.

É importante levar material para que cada pessoa escreva seu nome antes ou depois das apresentações, fazendo uma plaquinha ou crachá.

Por ser o primeiro momento de contato do grupo, é muito importante que os participantes se sintam acolhidos. Preste atenção nas pessoas, em como elas são. Respeite aqueles que são tímidos, incentivando-os com delicadeza para que se expressem. Ao mesmo tempo, é preciso limitar aqueles que são extrovertidos, também com gentileza, explicando que é preciso dividir o tempo para que todos tenham a oportunidade de falar, por exemplo.

O bom humor e a descontração podem ser estratégias interessantes para quebrar o gelo, porém, deve-se estar atento para não fazer brincadeiras que possam ser interpretadas como ofensivas ou discriminatórias, como falar de gênero ou orientação sexual, raça, características físicas, deficiências etc. No primeiro contato, é fundamental orientar para que sejam respeitadas as diferenças e as limitações de cada um.

2. Apresentação do perfil do grupo

Aproveite esse momento de apresentações para mostrar aos Agentes Comunitários uma síntese da análise dos dados do questionário que eles responderam antes do início da formação e que visou à elaboração de seu perfil (veja “Anexo V – Instrumental de caracterização dos Agentes Comunitários”).

As respostas já terão sido tabuladas e sistematizadas pela equipe técnica para serem apresentadas ao grupo. Com base nos *slides* que contêm a sistematização das respostas, exponha e discuta os resultados da pesquisa, comentando cada item e chamando a atenção para as sugestões e observações dos Agentes. Mostre, ainda, como as informações do questionário foram utilizadas para adequar o curso às expectativas e à disponibilidade de horário dos Agentes.

Perfil do grupo

Inserir gráficos com os dados de perfil, entre os quais:

- Gênero
- Idade
- Escolaridade
- Local de origem
- Ocupação

3. Apresentação do curso e do vídeo *O Agente Comunitário de Urbanização*

Antes de apresentar o curso é importante conhecer as expectativas dos participantes e verificar se elas podem se encaixar nos objetivos propostos pela Saru. Para isso, inicie investigando o que as pessoas esperam desses encontros. Faça perguntas: Que informações vocês já têm do curso? O que esperam dele? Por que vieram aqui? O que gostariam de aprender?

Liste no *flip-chart* as respostas e comente sobre os temas que foram sugeridos pelo grupo e que estão previstos no programa. Explique também o que poderá ser atendido, o que está totalmente fora dos objetivos do curso e os itens que serão avaliados com a coordenação.



ESTEJA ATENTO

Todas as sugestões do grupo devem ser anotadas e analisadas cuidadosamente depois da primeira oficina, verificando-se, com a equipe do TTS/Saru, a possibilidade de serem atendidas nas demais oficinas já planejadas.

No encontro seguinte, responda sobre o que ficou pendente. Esse procedimento dá credibilidade para o trabalho e faz com que o público se sinta valorizado. Essa atitude também pode servir como exemplo de ação de representatividade dos anseios do grupo e de incentivo ao protagonismo dos participantes.

Depois dessa conversa inicial, você deve expor os objetivos do curso. É muito importante que as pessoas saibam por que esse curso foi montado e qual é a sua função. Apresente o *slide* com esses objetivos, lendo e comentando o que significa cada um dos itens:

- Estimular o protagonismo comunitário.
- Formar um grupo de representantes para atuar de forma acolhedora e democrática durante a implementação do projeto de urbanização.
- Constituir os núcleos dos projetos sociais (você pode conhecer os projetos nos vídeos indicados para o Módulo III e dar alguns exemplos para os participantes).
- Desenvolver formas de expressão para o exercício da participação.

Depois de apresentados e discutidos os objetivos, você deve mostrar o período de realização do curso, as datas, os horários e o local (ou locais) dos encontros, além de outros detalhes que julgue importante informar. Na montagem do *slide*, além da inserção desses dados, sugere-se acrescentar uma foto real do núcleo.

Objetivos do curso

- Estimular o protagonismo comunitário.
- Formar grupo de representantes da comunidade para atuar durante a implantação do projeto de urbanização.
- Constituir os núcleos dos projetos sociais.
- Desenvolver formas de expressão para o exercício da participação.

Oficinas

- Período de realização: **de 18/05 a 31/09/2017.**
- Encontros: **quintas-feiras, das 14h00 às 18h00.**
- Local: **sede da Associação dos Moradores.**



Em seguida, leia com a turma o *slide* com a apresentação dos títulos das oficinas.

Oficinas

Módulo I: Urbanização e protagonismo comunitário

- Oficina 1: Apresentação do curso e do grupo
- Oficina 2: O que é cidade?
- Oficina 3: Como se urbaniza uma favela?
- Oficina 4: Cidade, cidadão e cidadania

Módulo II: Memória, cidadania e comunicação comunitária

- Oficina 5: O papel da memória na construção da identidade comunitária
- Oficina 6: A memória coletiva
- Oficina 7: Informação, comunicação e cidadania
- Oficina 8: Passeio formativo (1): A produção da informação

Módulo III: Projetos de organização sociocomunitária e de desenvolvimento local

- Oficina 9: Projetos sociais (1): Arte e cultura
- Oficina 10: Projetos sociais (2): Empreendedorismo e meio ambiente
- Oficina 11: Projetos sociais (3): Participação e organização sociocomunitária
- Oficina 12: Passeio formativo (2): Projetos sociais

Módulo IV: Recuperação urbana

- Oficina 13: Diagnóstico sociocultural
- Oficina 14: Qualificação urbana: espaços públicos e privados
- Oficina 15: Passeio formativo (3): Encontro com Agentes Comunitários de Urbanização
- Oficina 16: Encerramento

Para concluir a apresentação do curso, deve ser feita uma série de acordos com os participantes, uma espécie de contrato entre você e eles.

Esse “contrato” deve ser pensado previamente por você, em discussão com os técnicos sociais da Saru, levando em conta o perfil da comunidade. Uma vez feitos os acordos, tanto você quanto os participantes devem respeitá-los.

Independentemente das particularidades de cada local, alguns pontos costumam ser comuns a todos os grupos:

- Pontualidade para começar e para terminar os encontros.
- Respeito às diferenças entre os participantes.
- Escuta de todos que queiram se expressar.
- Compreensão do jeito de ser dos colegas.
- Colaboração com os trabalhos. Enfatize aqui que você espera que todos os participantes contribuam para a condução das oficinas, dando sugestões e fazendo críticas.

Combinados

- Pontualidade para começar e para terminar os encontros.
- Respeito às diferenças entre os participantes.
- Escuta de todos que queiram se expressar.
- Compreensão com o jeito de ser dos colegas.
- Colaboração com os trabalhos → todos podem e devem contribuir para a condução das oficinas, com sugestões e/ou críticas.

Exponha esses pontos no *slide* e pergunte se todos estão de acordo e o que mais gostariam de deixar combinado. Algumas perguntas podem ajudar nessa conversa: De que forma será possível cumprir esses acordos? Há alguma coisa a mais que querem deixar combinado?

Na sequência, monte um cartaz com o resultado do que foi combinado entre todos e o exponha em um local visível no espaço da formação.

Como conclusão para essa primeira parte da oficina, apresente o vídeo *O Agente Comunitário de Urbanização*, que faz um apanhado dos objetivos gerais do curso e mostra a importância da formação para que os Agentes se preparem para exercer sua função de ponte entre os moradores e a CDHU.

2ª PARTE

1. Levantamento de conhecimentos prévios sobre “O que é cidade?”, “Como se urbaniza uma favela?” e “O direito à cidade e à democracia”

A proposta da segunda parte dessa oficina é iniciar a abordagem dos três temas que serão tratados nas demais oficinas do Módulo I.

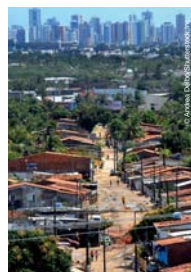
Você deve apresentar os temas e pedir que os participantes se dividam em três grupos, um para cada tema. Essa divisão deve ser feita de forma voluntária, uma vez que a discussão em cada grupo será mais proveitosa se as pessoas escolherem o assunto sobre o qual preferem falar.

Como estratégia para conduzir a discussão, você deve explicar às pessoas que todos possuem experiências, ideias, juízos, crenças e valores sobre um determinado assunto. Ninguém precisa ter conhecimentos técnicos sobre os temas propostos, mas todos podem falar sobre as suas percepções e experiências, dizer o que sabem e o que mais querem saber a respeito. Informe aos participantes que esses temas serão retomados nas oficinas seguintes, partindo-se do que for dito nessa primeira atividade.

Para orientá-los sobre como abordar o que já conhecem sobre o assunto, proponha questões e estimule o relato de experiências relacionadas. No tema sobre cidades, por exemplo, faça perguntas semelhantes a estas: Como são as cidades? Quais cidades você conhece? Quais as diferenças entre elas? Os bairros são todos iguais? O que é importante para você na sua região? Quem vive bem/mal na cidade? Qual a sua cidade ideal? O que tem na sua cidade ideal? O que falta no lugar onde você mora?

Para introduzir a discussão sobre o tema da urbanização de favelas, você pode perguntar: Por que se faz um projeto de urbanização? O que se quer alcançar? O que vocês acham que deve ter em um projeto de urbanização? Como pode ser a urbanização do bairro? O que a urbanização pode trazer para o bairro? Como a população pode participar de um projeto de urbanização? Por que essa participação é importante?

Sobre o tema do direito à cidade, cidadania e democracia, alguns exemplos de perguntas são: O que é ser cidadão? Vocês já ouviram falar sobre ter direito à cidade? O que isso significa? Todas as pessoas têm direitos na cidade? Quais são os direitos que as pessoas têm no bairro? Na opinião de vocês, quais deveres devem acompanhar a conquista desses direitos? Quais os deveres dos cidadãos na cidade?



As cidades

• O que é cidade?

- Como são as cidades? Quais cidades você conhece? Quais as diferenças entre elas? Os bairros são todos iguais? O que é importante para você na sua região? Quem vive bem/mal na cidade? Qual é a sua cidade ideal? O que tem na sua cidade ideal? O que falta no lugar onde você mora?

• Como se urbaniza uma favela?

- Por que se faz um projeto de urbanização? O que se quer alcançar? O que deve ter em um projeto de urbanização? Como pode ser a urbanização do bairro? O que a urbanização pode trazer? Como a população pode participar de um projeto de urbanização? Por que essa participação é importante?

• O direito à cidade e à democracia

- O que é ser cidadão? Você já ouviu falar sobre ter direito à cidade? O que isso significa? Todas as pessoas têm direitos na cidade? Quais são os direitos que as pessoas têm no bairro? Na sua opinião, quais deveres devem acompanhar a conquista desses direitos? Quais os deveres dos cidadãos na cidade?

Explique que aquilo que for conversado nos grupos será um ponto de partida para os encontros seguintes. Por isso, é importante que todos anotem o que foi discutido, para lembrarem depois, e façam um cartaz com suas conclusões para apresentar aos demais.

O objetivo desse tipo de exercício é identificar, valorizar e considerar todo e qualquer conhecimento prévio para, a partir dele, complementar o conhecimento do grupo.

Na formação, essa técnica será utilizada outras vezes, pois acreditamos que, ao reconhecermos que todos carregam conhecimentos importantes, podemos provocar o interesse das pessoas, torná-las mais próximas, causar empatia, responder a alguma necessidade real e importante da comunidade. Dessa maneira, a formação tem muito mais chance de ser considerada significativa pelos participantes e, portanto, fazer que as pessoas se sintam mais envolvidas.

O levantamento de conhecimentos prévios é importante porque nenhuma formação pode ter sucesso se não atender às necessidades daqueles a quem se destina. No processo formativo, é preciso atender às necessidades reais do público, e não àquelas que se imagina que as pessoas tenham.

Além disso, para que um grupo em formação seja produtivo, é preciso que se constitua um espaço de diálogo, no qual todos pratiquem uma escuta respeitosa. Isso significa escutar e perceber cuidadosamente o que os participantes dizem e fazem, como eles se comportam, tendo sempre uma atitude atenta, inclusive, àquilo que está implícito.

Oficina 2: O que é cidade?

Objetivos

- Conhecer as funções da cidade.
- Abordar os problemas urbanos atuais.
- Discutir a ideia de cidade formal e como as ocupações informais fazem parte dela.
- Entender o que é o direito à cidade.

Material

- Vídeo *Quais são os desafios das cidades?* Disponível em: <www.capacidades.gov.br/videoteca/detalhar/id/254/titulo/desafios-da-cidade>. Acesso em: 24 Jul. 2017.

Dinâmica

1ª parte

1. Apresentação do grupo que trabalhou o tema “O que é cidade?” na Oficina 1 – 60 minutos.
2. Apresentação do conteúdo “A formação das cidades e a urbanização do Brasil” – 60 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Apresentação do conteúdo “O direito à cidade”, utilizando o vídeo *Quais são os desafios das cidades?* – 60 minutos.
2. Fechamento: reflexão coletiva sobre o que é cidade hoje – 45 minutos.

1ª PARTE

1. Apresentação do grupo que trabalhou o tema “O que é cidade?” na Oficina 1

Peça para o grupo que conversou sobre “O que é cidade?” apresentar suas reflexões para os demais participantes. A sua função aqui é mediar essa apresentação, ajudando o grupo a expressar suas ideias e garantir que todos tenham direito à fala, tanto os que estão apresentando quanto os que estão ouvindo.

Mediar também é qualificar as reflexões do grupo, chamando a atenção para significados mais complexos e relacionando-os com os objetivos da reflexão que se quer gerar na oficina. Se alguém diz, por exemplo, “eu queria que no meu bairro tivesse um parque igual ao que tem no bairro da minha patroa”, você pode qualificar essa afirmação perguntando: “ah, você quer dizer que a cidade tem uma distribuição injusta dos equipamentos públicos?”. Dessa forma, você aproxima a fala dessa pessoa de um dos objetivos da oficina, o de entender o que é “direito à cidade”.

Nessa mediação, aproveite as falas dos participantes para fazer relações com o que você apresentará, na sequência, sobre o que é cidade.

2. Apresentação do conteúdo “A formação das cidades e a urbanização do Brasil”

Depois que os participantes apresentarem o que pensam sobre o que é cidade, você pode iniciar a sua apresentação, explicando que vai falar sobre como as cidades chegaram a ser o que são hoje. Essa é uma forma de entendermos um pouco o caminho da formação das cidades e os motivos de elas serem como são atualmente.

Ao longo da sua apresentação, procure fazer relações entre a sua fala e a apresentação do grupo.

A ideia é contextualizar historicamente, de forma breve, a formação das cidades, relacionando essa história com a urbanização do Brasil e os problemas urbanos de hoje. Essa parte da oficina será uma espécie de aula. Use os *slides* para orientar sua fala sobre o conteúdo a seguir, que reúne alguns pontos que podem ser abordados por você. Prepare-se com antecedência, conhecendo os *slides* e pesquisando em outros materiais.

Como as cidades chegaram ao que são hoje?

Se voltarmos no tempo para compreender como se formaram as cidades atuais, veremos, por exemplo, que as cidades medievais podem ser consideradas os embriões das cidades modernas. Porém, muito antes delas, as cidades da Grécia e da Roma antigas já apresentavam a função de ser um lugar de reunião de pessoas – fosse para se juntarem contra inimigos comuns, como no caso das acrópoles gregas, fosse para discutirem sobre questões gerais da sociedade, como se fazia nos fóruns romanos.

Como eram as cidades Antiguidade

Vista da acrópole de Atenas, Grécia.

Acrópole → local mais alto das antigas cidades gregas, que servia de cidadela e onde se erguiam templos e palácios.



Fórum Romano.

Fórum → centro da vida pública romana, onde aconteciam cerimônias e outros atos públicos, como as eleições. Também era o centro das atividades comerciais.

Como eram as cidades São Paulo antiga



Jean-Baptiste Debret.
Vista geral da cidade de
São Paulo, 1827.
Aquarela.



Jean-Baptiste Debret.
Palácio do Governo em
São Paulo, 1827. Aquarela.

A cidade como local de reunião para se proteger, e construída em lugares altos e de difícil acesso, era comum em várias sociedades antigas, não só na Grécia. O mesmo aconteceu com algumas cidades brasileiras, fundadas pelos jesuítas, como é o caso da cidade de São Paulo, construída no alto da colina entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, do qual era possível enxergar de longe possíveis ataques.

Além de oferecer proteção, as cidades antigas também tinham a função de ser um lugar de troca de mercadorias. As cidades da Roma Antiga formavam-se no cruzamento de estradas, nas quais as pessoas se encontravam para trocar seus produtos. Nesses entroncamentos, muita gente se juntava para realizar esse comércio, e ali começava a se organizar uma cidade, que passava a ter outras funções, como a de ser um local de realização de cerimônias, eleições, discursos públicos, julgamentos de criminosos e lutas entre gladiadores.

O desenvolvimento das cidades romanas foi interrompido pelas chamadas “invasões bárbaras”, que obrigaram as populações das cidades invadidas a migrarem para o campo, onde passaram a cultivar a terra dos senhores feudais. Foi dessa forma que surgiram as cidades medievais.

Para trocarem seus produtos, as pessoas se reuniam ao redor dos castelos dos seus senhores, sob a proteção de seus muros. Com o tempo, elas passaram a morar nesses lugares, chamados de burgos, oferecendo serviços diversos, como os de sapateiro, ferreiro e carpinteiro.

Começa a surgir, então, uma população urbana, e as cidades tornam-se um lugar no qual se juntam pessoas, histórias são contadas, ideias, experiências e conhecimentos são trocados e debates sobre assuntos de interesse público são travados.

Como eram as cidades Idade Média

Os muros e a vida cotidiana



Cidade medieval de Monteriggioni, na região de Toscana, Itália, construída por volta do ano de 1200.



Pieter the Younger Bruegel.
Casamento de camponeses, c. 1630.



Pieter the Younger Bruegel.
Festa na aldeia, s.d.

Com o aumento dessa população, era preciso construir novos muros ao redor dos primeiros, para abrigar a todos, e assim as cidades se expandiam ao redor de seu centro.

Você pode, ainda, explicar aos participantes que a formação e a organização das cidades medievais se assemelham a muitas das nossas cidades, quando pensamos na ideia de centro e periferia. Em geral, as populações das regiões mais centrais possuem melhor acesso a serviços e infraestrutura, enquanto nas periferias esse acesso é bem mais difícil.

A parte rica da população está no centro ou próxima dele e, quando se desloca para áreas mais distantes do centro, tende a construir núcleos fechados de moradia, organizados na forma de condomínios. Enquanto isso, as pessoas mais pobres vivem nas periferias das cidades ou, quando estão em núcleos mais centrais, eles são organizados de forma precária, constituindo, na prática, o que chamamos de “periferia social”.

Como são as cidades

Centro e periferia



Convivência na polaridade: cidade formal e informal



Retome o que foi dito sobre a configuração das cidades medievais, explicando que, com o passar do tempo, aquela população urbana crescia, a cidade recebia imigrantes e assim se diversificava. Muitos conhecimentos e experiências eram trocados, resultando na criação de tecnologias que modificavam o modo de trabalho e de viver das pessoas.

*Uma das maiores rupturas aconteceu no final da Idade Moderna, em meados do século XVIII (18), quando se iniciou a chamada Revolução Industrial, que teve diferentes fases e durou quase dois séculos. Foi um período marcado por **invenções tecnológicas** muito transformadoras que, progressivamente, aumentaram a importância das atividades urbano-industriais em relação às agrícolas. O resultado desse processo foi a concentração de indústrias nas cidades e o crescimento espantoso de suas populações. Essa situação gerou muitos avanços, mas também muitos problemas para as cidades e suas populações.*



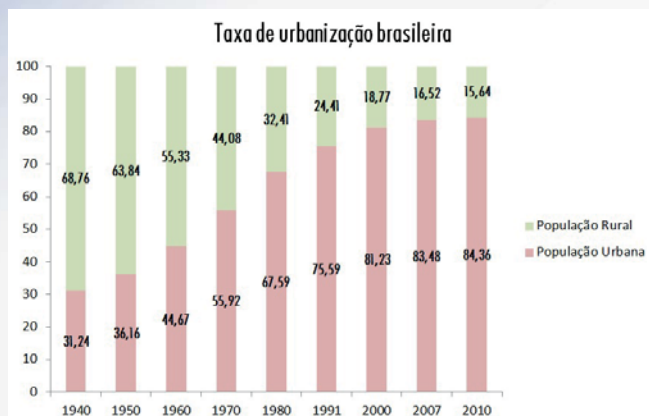
Invenções tecnológicas

As inovações da Revolução Industrial incluem a substituição de métodos artesanais por métodos industriais, a fabricação de novos produtos químicos, o surgimento de novos processos de produção de ferro e de novas formas de usar a água em processos de produção de energia, além do uso da energia a vapor e do carvão como combustível.

No Brasil, o desenvolvimento da urbanização ocorreu de maneira mais radical somente na década de 1950, quando tivemos um intenso movimento de industrialização, impulsionado pela chamada política desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek.

Desde então, nossa população urbana vem crescendo continuamente: se em 1950 a proporção de brasileiros vivendo nas cidades representava 36% da população, em 2000 esse contingente já era superior a 80%. O período de maior crescimento foi entre a década de 1970 e 1990. De 2000 para cá, o crescimento já não é mais tão acelerado.

Urbanização no Brasil



Fonte: IBGE. Censo demográfico 1940-2010.
Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP122>>. Acesso em: 24 Jul. 2017.

Resultados do desenvolvimento

Urbanização desordenada →
Desigualdade social +
problemas urbanos

- Poluição (do ar, da água, do solo, sonora e visual).
- Crescimento não planejado.
 - Segregação territorial.
 - Infraestrutura precária.



Ressalte para o grupo que, ao mesmo tempo que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia melhora a vida da população em vários aspectos, com o crescimento das cidades aumentam as desigualdades sociais e a desorganização urbana. Muitos dos problemas urbanos que temos hoje é resultado da urbanização desordenada:

- Poluição (do ar, da água, do solo, sonora e visual).
- Crescimento não planejado.
 - Segregação territorial.
 - Infraestrutura precária.

Nas cidades, entretanto, não temos apenas problemas. Há diversas facilidades também, como acesso a serviços e infraestrutura, geração de conhecimento, encontro de pessoas e maior diversidade sociocultural.

2ª PARTE

1. Apresentação do conteúdo “O direito à cidade”, utilizando o vídeo *Quais são os desafios das cidades?*

Depois de discorrer sobre o processo de formação das cidades, retome a conversa com os Agentes abordando um problema das cidades atuais: seu uso desigual pelas diferentes populações que nela habitam e o direito que todos têm a ela.

Lembre-se de que hoje as cidades são muito desenvolvidas e vivem uma contradição: para alguns moradores, a cidade é o lugar onde acontece a vida social e política, no qual o conhecimento é criado e compartilhado e onde várias formas de criatividade e arte são desenvolvidas; para outros, a cidade nega essas oportunidades.

É provável que essa questão tenha aparecido na apresentação do grupo sobre o que é cidade. Se não apareceu, você deve relacionar a apresentação do grupo com esse aspecto, direcionando a conversa para o fato de que todos os moradores da cidade devem ter direitos iguais e devem poder usufruir das vantagens da urbanização.

O direito à cidade e a reflexão sobre as formas de ocupação do território serão discutidos a partir do vídeo *Quais são os desafios das cidades?*

Esse vídeo fala sobre a dinâmica da urbanização, o que gera problemas relacionados à sua ocupação desordenada. Na oficina, propomos assistir apenas a uma parte do vídeo, interrompendo a exibição logo após a fala de Evaniza Rodrigues (cerca de 6min40 de vídeo).

Antes da oficina, assista ao vídeo completo para conhecer seu conteúdo e anote os pontos que você julgar de interesse para o tema “o que é cidade?”.

Ao exibir o vídeo, use a estratégia de fazer pausas e comentar os trechos que possam alimentar a conversa sobre como a história da urbanização brasileira colaborou para os problemas que encontramos nas nossas cidades hoje, o que é a cidade e o direito que todos temos a ela.

A seguir, destacamos alguns trechos e indicamos pausas para reflexão. Você pode, porém, escolher outros que ache interessante comentar.

Passe o vídeo até a fala de Benny Schasberg e pause logo depois para comentar os termos “cidade formal” e “cidade informal”. O que entendemos por isso? Relacione o termo “informal” com ilegal, clandestino, sem direitos, que não recebe os confortos e os benefícios da urbanização; já o termo “formal” pode ser associado à ideia de legalidade, direitos e urbanização. A favela é uma parte informal da cidade, construída fora dos parâmetros legais de ocupação dos terrenos; mas não se pode dizer, por isso, que ela não faça parte da cidade. E, se ela faz parte da cidade, por que seus moradores não têm os mesmos direitos que as pessoas que vivem em outras áreas consideradas mais nobres?



No livro *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda* você encontra uma interessante discussão sobre o preconceito contra a favela. Verifique, especialmente, o prefácio e as páginas 23 e 24.

NÓBREGA JÚNIOR, Edson Diniz; BELFORT, Marcelo Castro e Silva; RIBEIRO, Paula. *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2012. Disponível em: <<http://redesdamare.org.br/blog/publicacoes/baixe-gratis-o-livro-memoria-e-identidade-dos-moradores-de-nova-holanda-2>>. Acesso em: 24 Jul. 2017.

Feita essa discussão, retome o vídeo para debater a respeito dos direitos que temos enquanto moradores da cidade. Quando Ermínia Maricato diz que a parte mais pobre da cidade é “desguarnecida de equipamentos e de infraestrutura”, do que ela está falando? O que são equipamentos e o que é infraestrutura em uma cidade? Podemos falar em iluminação, coleta e tratamento de esgoto, praças, coleta de lixo e transporte, por exemplo. As imagens, nesse trecho do vídeo, dão ideia de um lugar com falta de equipamentos e infraestrutura.

Depois da fala de Cristiane Benedetto que trata do termo “direito à cidade”, peça que as pessoas retomem o que ela chamou de “direito à cidade” e pergunte o que elas entendem por “cidade democrática”. É democrático que algumas áreas tenham infraestrutura muito boa de parques, jardins e zonas residenciais bem cuidadas enquanto

outras se caracterizem pela grande pobreza, com moradias inadequadas, serviços de má qualidade, instalações de lazer e cultura deficientes ou ausentes, decadência urbana e investimentos escassos?

Na continuação do vídeo, Marcelo Burgos trata das cidades-dormitórios, um ponto muito importante. Burgos diz que as pessoas que moram nesses lugares têm um teto, mas não têm cidade. Fazendo uma pausa no vídeo nesse momento, você pode retomar o que foi dito antes sobre as funções das cidades: ponto de encontro das pessoas para trocas, discussões políticas etc. Por que o sociólogo diz que as pessoas desses lugares “não têm cidade”? O objetivo dessa conversa é iniciar uma reflexão que interessa muito ao nosso público: **O que queremos para a nossa comunidade em termos de urbanização?**

Na fala do professor Carlos Vagner, que define cidade como “um lugar grande, denso e heterogêneo”, ele diz que a segregação – tanto dos ricos, nos condomínios de luxo, quanto dos pobres, nos bairros periféricos – é uma forma de morte da cidade, porque a cidade é encontro, não segregação. Esse encontro também é um fator importante para a existência de uma cidade democrática.

Em seguida, vale também parar no ponto em que se fala sobre o espaço público, como a marca principal das cidades: “a rua, a praça, o largo”.

Ao fim, a fala de Evaniza Rodrigues sintetiza o que foi dito a respeito da história das cidades: “Por que as pessoas vieram morar nas cidades? As pessoas vieram morar nas cidades por causa do encontro”. O término de sua fala, sobre a cidade como o “espaço em que as pessoas possam conviver”, deve encerrar a apresentação do vídeo (cerca de 6min40) na oficina.

2. Fechamento: reflexão coletiva sobre o que é cidade hoje

Depois de tantas falas sobre a cidade – falas dos participantes, suas e do próprio vídeo –, pode-se ampliar o que foi dito inicialmente na apresentação do grupo sobre “o que é cidade hoje”.

Retome o cartaz da apresentação do grupo e complemente-o com os temas sobre a história das cidades e o direito à cidade, relacionando os conteúdos. Alguns pontos devem ser reforçados, pois também serão assuntos das oficinas seguintes, por exemplo:

- o crescimento das cidades dando origem a bairros desiguais;
- cidade formal e cidade informal;
- equipamentos e infraestrutura que temos e que faltam;
- cidade democrática – espaço em que as pessoas possam conviver em liberdade.

Oficina 3: Como se urbaniza uma favela?

Objetivos

- Refletir sobre o que é um bairro urbanizado com base nas percepções dos participantes.
- Apresentar em linhas gerais os condicionantes técnicos de uma urbanização.
- Relacionar as expectativas com os condicionamentos técnicos.

Material

– Vídeos *Os moradores e a urbanização: expectativas e realizações* e *A urbanização e seus atores* (ver lista disponível ao final do material).

Dinâmica**1ª parte**

1. Apresentação do grupo que trabalhou o tema “Como se urbaniza uma favela?” na Oficina 1 – 60 minutos.

2. Apresentação dos vídeos *Os moradores e a urbanização: expectativas e realizações* e *A urbanização e seus atores* – 60 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Condicionantes técnicos do processo de urbanização e diferentes dimensões do território – 60 minutos.

2. Síntese da oficina: condicionantes e limitações – 45 minutos.

1ª PARTE**1. Apresentação do grupo que trabalhou o tema “Como se urbaniza uma favela?” na Oficina 1**

O grupo em questão deve apresentar suas ideias sobre como se urbaniza uma favela, e você deve mediar a apresentação, seguindo as mesmas orientações dadas na Oficina 2 para essa atividade.

Aproveite o momento para estimular os participantes a relatarem suas experiências de vida em favela: O que é bom? O que é ruim? Quais as dificuldades? Quais as ideias para melhorar a realidade encontrada?

2. Apresentação dos vídeos

Os moradores e a urbanização: expectativas e realizações

Após a apresentação do grupo e a conversa a respeito de como se urbaniza uma favela, exiba o vídeo *Os moradores e a urbanização: expectativas e realizações*. Esse vídeo mostra como é o processo de criação de um projeto de urbanização da CDHU, explicando os condicionantes técnicos e legais levados em conta para a concepção do projeto: documentações, diretrizes, laudos geológicos e ambientais etc.

Também é ressaltada a ideia de que, embora o projeto seja feito com todo o rigor técnico, quando ele é posto em prática, sempre há necessidade de adaptação. Os condicionantes técnicos precisam ser respeitados, mas há espaço para o diálogo com a população, e a transparência é o ponto fundamental desse diálogo.

Chame a atenção dos participantes para o caso, contado no vídeo por um morador sobre como se conseguiu modificar uma via perimetral para que ela fosse mais larga, a fim de atender às necessidades dos moradores da região.

A urbanização e seus atores

Sugerimos exibir esse vídeo como um complemento do anterior, pois ele explica o que pode estar envolvido na urbanização: obras de infraestrutura, novas unidades habitacionais, reformas de unidades existentes, regularização de documentação, remoção de famílias etc.

Vale a pena dar destaque para questões em que os Agentes Comunitários podem agir para influenciar no bom andamento das obras e no bom entendimento entre a CDHU e os moradores, sobretudo para ajudar a população a conviver com os transtornos que as obras causam no seu dia a dia.

2ª PARTE

1. Condicionantes técnicos do processo de urbanização e diferentes dimensões do território

O intuito da oficina é explicar os principais fatores que pesam na elaboração do projeto de urbanização de favelas, para familiarizar o grupo com os processos de urbanização e os termos mais utilizados. O objetivo principal é introduzir a ideia de que, em cada projeto, há fatores determinantes/não negociáveis. Você pode contar com o apoio dos técnicos da CDHU para apresentar esses condicionantes. No caso de um projeto com características mais específicas, tais como riscos geotécnicos, por exemplo, pode ser interessante que um especialista no assunto seja convidado para falar com a população.

Após comentar os *slides*, pode ser necessário retomar com a turma, de forma mais detalhada, todo o processo de urbanização, fazendo um apanhado do que é levado em conta nele (Veja “Anexo I – Tópicos relevantes do processo de urbanização”).

Numa comunidade, as soluções de urbanização devem considerar o contexto geral do território do ponto de vista social e as necessidades coletivas, e não apenas as necessidades de uma família ou de um grupo específico. É dessa forma que se desenvolve um território sustentável. Para isso, é necessário considerar:

Projetos de urbanização

O que é preciso considerar para a construção de um território sustentável:

- Contexto geral do território do ponto de vista social:
 - Reais condições de vida da coletividade;
 - Referências de memórias da comunidade;
 - Necessidade de construção de uma nova identidade, a partir da identidade já existente.
- Expectativas e necessidades coletivas da população (e não de cada um de seus moradores).
- Condicionantes técnicos.

- o conhecimento das reais condições de vida da coletividade, incluindo as especificidades dos diferentes grupos etários e sociais (por exemplo, pessoas com deficiência, idosos, crianças etc.);
- as referências de memórias daquela comunidade, que não devem ser abandonadas ou esquecidas;
- a necessidade de construção de uma nova identidade, que deve ter como ponto de partida a identidade já existente;
- as expectativas do bairro como um todo, e não de cada um de seus moradores.

Além desses aspectos, há uma parte bastante técnica que deve ser considerada: **os condicionantes do processo de urbanização**. Esses condicionantes técnicos envolvem:

- a construção de estrutura viária de acesso às edificações;
- a caracterização geológica/geotécnica do solo: levantamento planialtimétrico cadastral, análise da declividade, mapeamento e classificação das áreas de risco;
- as características urbanísticas/condições de habitabilidade: padrão construtivo das edificações (qualidade de acesso, materiais de construção, ventilação, iluminação), conformação dos lotes, adensamento, tipo de uso, entre outras características associadas aos padrões de ocupação da área;
- os condicionantes legais (urbanísticos, fundiários e ambientais): informações sobre o terreno, suas delimitações e seus registros de posse, as Diretrizes de Uso e Ocupação do Solo definidas em Plano Diretor, as Diretrizes do Zoneamento Ecológico Econômico, se houver, entre outros;
- as áreas de uso coletivo, áreas verdes e de lazer;
- a hidrologia e o tratamento de cursos de água: drenagem de águas pluviais, canalização de córregos;
- a infraestrutura urbana e o saneamento: abastecimento de água, coleta e lançamento/tratamento de esgoto, coleta de resíduos sólidos, rede elétrica e iluminação pública;
- os equipamentos urbanos e serviços públicos: transporte coletivo, disponibilidade de equipamentos públicos de educação, saúde e lazer etc.

Projetos de urbanização Condicionantes técnicos

- Estrutura viária de acesso às edificações.
- Caracterização geológica/geotécnica → tipo de terreno, declividade, classificação de risco etc.
- Caracterização urbana → tipo de ocupação, padrão das edificações, adensamento etc.
- Aspectos legais: urbanísticos, fundiários e ambientais → registro de posse dos terrenos, Diretrizes de Uso e Ocupação do Solo etc.
- Áreas de uso coletivo, áreas verdes e de lazer.
- Hidrologia e tratamento de cursos de água → drenagem, canalização etc.
- Infraestrutura urbana e saneamento → abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, coleta de resíduos sólidos, rede elétrica etc.
- Equipamentos urbanos e serviços públicos.



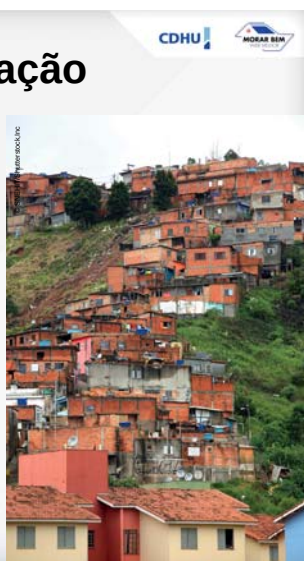
No que se refere às razões que orientam as remoções, informe aos participantes que a CDHU considera importante fazer o menor número possível de remoções de famílias. Os motivos para remoção, no entanto, existem e são de vários tipos:

- Obstrução de vias de acesso ao bairro e às edificações: às vezes é preciso abrir ou alargar vias para permitir a circulação de veículos, até mesmo de veículos de prestação de serviços, como caminhões de coleta de lixo e de manutenção de infraestrutura, ambulâncias, corpo de bombeiros, serviços de entrega ou mudança.
- Segurança: é preciso remover casas próximas de linhas de transmissão de energia, ferrovias e rodovias.
- Riscos de deslizamento: por proximidade de cursos de água ou por alta declividade do solo.

Projetos de urbanização

Motivos de remoção

- Obstrução de vias de acesso ao bairro e às edificações.
- Segurança → casas próximas de linhas de transmissão de energia, ferrovias e rodovias.
- Riscos de deslizamento.
- Atendimento à legislação específica → áreas de proteção ambiental, proximidade a cursos de água, mananciais, áreas verdes e de lazer.
- Adensamento.



Projetos de urbanização

Motivos de remoção

- Necessidade de prover:
 - Espaços de uso comum → praças, parques, áreas de lazer e esporte.
 - Equipamentos públicos de saúde e educação.



- Atendimento à legislação específica: áreas de proteção ambiental, proximidade a cursos de água, mananciais, áreas verdes e de lazer.
- Adensamento: às vezes as casas estão construídas muito perto umas das outras, o que torna o ambiente insalubre, com falta de ventilação e insolação, além de dificultar a circulação das pessoas.

Outro fator que pode orientar o desenho urbano é a necessidade de criar ou manter no bairro espaços de uso comum, como praças, parques e outras áreas de lazer e esporte, para atender à legislação urbanística, possibilitando oportunidades de práticas esportivas e de convivência entre os moradores.

A disponibilização de áreas institucionais para a implantação de equipamentos públicos de saúde e educação também pode

fazer parte do projeto de urbanização, dependendo das definições prévias acerca de seu escopo e em atenção à legislação do município.

2. Síntese da oficina: condicionantes e limitações

Falar em condicionantes é necessariamente falar de limitações que orientam as diretrizes para o projeto de urbanização. Essas diretrizes muitas vezes não caminham na direção desejada pelos moradores, o que pode causar frustração e descontentamento.

Assim, é importante concluir a oficina retomando os tópicos que causaram mais polêmica ou dificuldades de entendimento a respeito dos condicionantes do projeto em questão.

Para avaliar essa percepção, você pode solicitar que os participantes manifestem suas dúvidas e insatisfações ou, ainda, retomar tópicos que tenham provocado mais incertezas, inquietações. Questões e apontamentos que não possam ser esclarecidos no momento da oficina deverão ser encaminhados para os técnicos, e a resposta deverá ser repassada para os participantes no encontro seguinte.

Oficina 4: Cidade, cidadão e cidadania

Objetivos

- Abordar os conceitos de cidadania e democracia.
- Discutir o papel do cidadão na cidade.
- Discutir o papel do Agente Comunitário.
- Apresentar e discutir o mapa do arrolamento com a identificação da distribuição da presença dos Agentes Comunitários na área de intervenção.

Materiais

- *Flip-chart*.
- Vídeo *Como participar da construção da cidade?* Disponível em: <www.capacidades.gov.br/videoteca/detalhar/id/256/titulo/como-participar-da-construcao-da-cidade>. Acesso em: 24 Jul. 2017.

Dinâmica

1ª parte

1. Apresentação do grupo que trabalhou o tema “O direito à cidade e à democracia” na Oficina 1 – 45 minutos.
 2. Apresentação do vídeo *Como participar da construção da cidade?* – 60 minutos.
 3. Conceitos de democracia, participação e cidadania – 30 minutos.
- Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Apresentação do papel do Agente Comunitário – 60 minutos.
2. Geografia da representação: cidadania e participação no projeto – 30 minutos.

1ª PARTE

1. Apresentação do grupo que trabalhou o tema “O direito à cidade e à democracia” na Oficina 1

O grupo em questão deve apresentar suas ideias sobre direito à cidade e à democracia, e você deve mediar a apresentação, seguindo as mesmas orientações dadas na Oficina 1 para essa atividade.

Tendo em mente o que será apresentado por você no decorrer da oficina, aproveite para ressaltar tópicos desses conteúdos que por ventura apareçam na apresentação do grupo.

2. Apresentação do vídeo *Como participar da construção da cidade?*

O vídeo trata das diversas maneiras de participação e manifestação da população, por exemplo:

- iniciativa popular de lei;
- referendo;
- plebiscito;
- participação das organizações sociais nos processos decisórios.

É importante informar aos participantes que as formas de participação serão discutidas ao longo da oficina.

Logo no começo do vídeo, há uma fala muito provocativa de Marcelo Burgos sobre a “linguagem do favor” e a “linguagem dos direitos”. Pause o vídeo ao final dessa fala e pergunte ao grupo: Qual a diferença entre pedir um favor e exigir um direito? Ressalte que, quando exigimos um direito, tentamos garantir algo que é nosso, o que é muito diferente de pedir um favor.

Na sequência, pause o vídeo depois que Orlando Santos Junior explica as possibilidades de participação das organizações sociais nos processos decisórios: fóruns, conselhos e mobilização no espaço público.

Em relação à participação nas decisões ligadas ao planejamento das cidades, chame a atenção para as falas de Paulo Sandroni e Nabil Bonduki sobre participar das audiências públicas. Converse um pouco com o grupo, perguntando se alguém tem conhecimento dessas audiências ou já participou de alguma delas.

Caso alguém tenha participado, convide-o a dar um depoimento. Lembre aos participantes que escolher governadores e prefeitos é uma forma de participação muito importante, pois esses representantes têm muito poder.

Evaniza Rodrigues fala sobre o que é possível influenciar no Plano Diretor da cidade. Nesse ponto, pause o vídeo e explique o que é um Plano Diretor. Se houver interesse do grupo, você pode combinar de apresentar, no encontro seguinte, informações a respeito das audiências públicas sobre o assunto. Pense também na possibilidade de convidar um técnico para explicar melhor o que está contemplado no Plano Diretor.

A professora Sônia Rabello e o professor Ivanildo Silva abordam a questão do orçamento participativo e a fala da moradora de Belterra (PA) dá um claro exemplo de conquista desse tipo de participação, com a decisão coletiva de uso do dinheiro público para a construção de uma escola. Nesse ponto do vídeo, pode ser interessante pausá-lo e fazer um rápido levantamento sobre as prioridades do bairro.

Charles Aviz trata sobre a Associação dos Moradores do Bengui, em Belém (PA), que luta pela moradia digna e a regularização fundiária. Chame a atenção para a importância do trabalho das associações de moradores.

O vídeo também aborda a importância do conhecimento dos direitos dos cidadãos no avanço das condições de moradia e de melhoria da cidade. Eddane Acioli, por exemplo, fala a respeito do Plano Municipal de Saneamento Básico de Tucumã (PA), feito de forma participativa.

A utilização do exemplo da ocupação Manoel Congo (RJ) também pode ser inspiradora, sobretudo para a questão da Habitação de Interesse Social (HIS), pois trata de mudanças na legislação para atender às necessidades de moradia de um determinado grupo. Pause o vídeo e chame a atenção para a fala de Lurdinha Lopes de que é possível mudar as leis que são contra os avanços, com a força da mobilização.

Itamar Silva fala dos desafios para chamar as pessoas à mobilização. Ele comenta que as pessoas estão mais individualizadas. Pergunte ao grupo se essa situação também acontece com eles: Quais são as dificuldades para que as pessoas se envolvam na mobilização para a participação?

O final do vídeo traz uma conclusão interessante e provocadora: quem está bem dificilmente vai se mobilizar para pedir mudanças; quem está mal é que precisa se mobilizar.

3. Conceitos de democracia, participação e cidadania

Depois de apresentar o vídeo, aproveite o momento para aprofundar um pouco o conhecimento do grupo sobre as noções de democracia, participação e cidadania. Use a sequência de *slides* sobre esses temas para apoiar sua fala.

*O termo **democracia** significa, em termos gerais, tomada de decisões de forma compartilhada por um grupo de pessoas, respeitando a vontade da maioria. Mas será que é tão simples assim?*

O significado do termo democracia foi mudando ao longo da história, estando presente em diferentes sociedades e culturas e assumindo configurações diversas. Assim, temos mais de uma maneira de fazer democracia. Por exemplo:

- **democracia direta:** a decisão é tomada diretamente pelas pessoas, como em uma assembleia.
- **democracia representativa:** alguém é eleito ou designado para representar outra pessoa, tomando decisões em seu lugar. É o que acontece nas eleições para os governantes e legisladores em nosso país.

A democracia representativa surge a partir da ideia de repartição de poderes, quando se percebe que as pessoas que fazem as regras (ou leis) de uma sociedade não devem ser as mesmas que as colocam em prática e que ambas (as pessoas que fazem as regras e aquelas que as aplicam) devem ser eleitas.

*Em qualquer das acepções, o conceito de democracia está intimamente ligado ao de **participação**. Não existe democracia sem participação: seja pela voz, seja pelo voto.*

Porém, a percepção de como deve acontecer a participação da sociedade nas decisões – o quanto ela deve ser ampliada ou restrita – também variou ao longo da história, definindo o quanto a democracia é mais ou menos inclusiva.

Democracia, participação e cidadania

Democracia

Tomada de decisões compartilhada por um grupo de pessoas, respeitando a vontade da maioria

Democracia direta → a decisão é tomada diretamente pelas pessoas.

Ex: assembleia.

Democracia representativa → alguém é eleito ou designado para representar outra pessoa, tomando decisões em seu lugar.

Ex: eleições para os governantes e legisladores no Brasil.

Democracia, participação e cidadania

Não existe democracia sem participação

Seja pela voz, seja pelo voto



*Por exemplo, no Brasil houve uma época em que as mulheres não podiam votar nem ser votadas. Assim, sua participação nas decisões da sociedade era limitada, e a democracia era menos inclusiva. A chamada **democracia representativa moderna**, que inclui todos*

os cidadãos, só passou a ocorrer no Brasil com a Constituição de 1988.

No entanto, o voto – a participação nas eleições – é apenas uma das formas de participação da sociedade. Existem várias outras.

*Ao longo dos séculos XX (20) e XXI (21) ganha espaço a chamada **democracia participativa**, na qual se ampliam os espaços e as formas pelas quais os cidadãos participam diretamente das decisões que lhes afetam.*

A condição para que esse tipo de participação aconteça é a organização social. Não existe participação efetiva quando as pessoas não se organizam. O envolvimento dos cidadãos possibilita a ampliação da sensação de pertencimento e de seu poder de decisão.

Existem diferentes possibilidades de participação direta da população: algumas delas, mais formais e organizadas pelo poder público; outras, de iniciativa da própria população. Destacamos aqui os referendos, os plebiscitos, as leis de iniciativa popular, as audiências públicas, os orçamentos participativos (existentes em alguns municípios), os conselhos de gestão de políticas públicas, as associações comunitárias, os projetos sociais e as manifestações públicas.

Antes de explorar o conceito de cidadania, reforce a importância da organização local para identificar as necessidades coletivas da comunidade e para viabilizar as suas conquistas.

Democracia, participação e cidadania

Democracia participativa → participação direta nas decisões

É viabilizada pela organização

A participação e a democracia participativa só se efetivam se as pessoas se organizarem



Com o seu envolvimento, também se amplificam:

- Sensação de pertencimento
- Poder de decisão

Democracia, participação e cidadania

Algumas formas de participação direta:

- Referendos, plebiscitos, leis de iniciativa popular.
- Audiências públicas.
- Conselhos de gestão de políticas públicas.
- Associações comunitárias.
- Projetos sociais.
- Manifestações públicas.



Democracia, participação e cidadania

Organização comunitária

Identificação de necessidades coletivas + luta por direitos



Cidadania



O conceito de **cidadania** também está relacionado com os conceitos de participação e de democracia, pois é por meio da participação que as pessoas são reconhecidas como seres que têm direitos, a base para a cidadania.

A cidadania passa pela conquista de três conjuntos de direitos, que se tornaram valores para boa parte das nações ocidentais.

Passa, ainda, pela plena consciência dos indivíduos sobre as regras que definem a convivência entre as pessoas (o que é adquirido com a educação) e sobre o seu papel na sociedade.

A conquista dos direitos de cidadania tem relação direta com a capacidade de organização e mobilização da sociedade, que permite que determinados benefícios deixem de ser privilégios de alguns para se tornarem direitos de todos. Esses direitos podem ser:

- **civis**, que correspondem aos direitos individuais de liberdade, de igualdade, de propriedade, de mobilidade, de expressão e de associação, entre outros;
- **políticos**, que correspondem ao direito de participar de eleições, seja como eleitor, seja como candidato. Esse direito foi se estendendo paulatinamente, incluindo cada vez mais parcelas da população;
- **sociais**, que correspondem às necessidades básicas das pessoas e à sua qualidade de vida, ao direito a um mínimo de bem-estar econômico e social, entre os quais se incluem os direitos à saúde, à educação, à cultura, à moradia digna etc.

Entre esses direitos, tem destaque a **educação**, pois é por meio dela que os indivíduos conhecem as regras do convívio em sociedade.

Democracia, participação e cidadania

Cidadania

Consciência dos indivíduos sobre as regras que definem a convivência entre as pessoas



Democracia, participação e cidadania

Direitos sociais



Direitos civis



Direitos políticos





Algumas possibilidades de participação no Brasil

A atual Constituição indica que a população brasileira pode participar diretamente da gestão das políticas públicas de saúde, educação, meio ambiente, assistência social, entre outras, por meio dos chamados conselhos de gestão das políticas públicas.

Esses conselhos são formados por representantes do governo e da sociedade que, juntos, discutem e indicam os rumos mais importantes das políticas, além de as acompanharem para reorientar esses rumos, se necessário.

Em geral, os membros do governo são indicados pelos órgãos que têm relação direta com as políticas em questão. Já os membros da sociedade que participam dos conselhos são pessoas que já estão ligadas a movimentos ou instituições que se destacam por defender os direitos dos cidadãos relacionados a uma determinada política. Dessa maneira, para ser um representante nos conselhos, você precisa fazer parte desses movimentos.

Além dos conselhos, há outras formas de viabilizar a participação da sociedade nas políticas públicas. A chamada Lei da Transparência (Lei Complementar nº 131, aprovada em maio de 2009), por exemplo, determina que a participação popular esteja assegurada pelos poderes públicos e que os orçamentos e os gastos governamentais possam ser consultados pelos cidadãos, a qualquer momento, ficando disponíveis nas páginas eletrônicas dos órgãos de governo.

A Lei da Transparência também incentiva a participação popular nas audiências públicas, que são reuniões chamadas pelo poder executivo, durante o processo de planejamento local ou de formulação de políticas, ou por membros do poder legislativo nos momentos de elaboração de leis.

2ª PARTE

1. Apresentação do papel do Agente Comunitário

Com base no vídeo *Como participar da construção da cidade?* e ao longo da apresentação do conteúdo sobre democracia e participação, você tratou de formas de participação e de como essa participação pode ser decisiva para as mudanças que queremos ver na nossa cidade. Retome esse tema e levante a pergunta: Vocês participam ou conhecem experiências voltadas para a solução de problemas de sua área?

Retome essas ideias com o grupo e convide os participantes a contar sobre as experiências pessoais a respeito de participação e representação comunitária. É importante enfatizar os diferentes perfis e formas de participar de um projeto de urbanização.

Depois disso, apresente os *slides* que listam algumas características importantes dos Agentes Comunitários de Urbanização. São elas:

- Representa os interesses da comunidade.
- Tem legitimidade de representação por meio da indicação de outros moradores da comunidade.
- É porta-voz: recebe e transmite informações.
- Mantém diálogo permanente com a comunidade e com o poder público.
- Expressa a vontade da maioria.
- Reconhece e respeita a diversidade dos representados: gêneros, idades, raças/etnias, culturas, opiniões etc.

- Atua como agente mobilizador.
- Contribui para a organização comunitária.
- É aberto a cobranças ou críticas.
- Busca conhecer o projeto de urbanização e os temas relacionados à cidadania, visando melhorar a qualidade de vida da comunidade.

É importante dar exemplos e lançar perguntas que verifiquem a compreensão dos participantes sobre termos que podem gerar dúvidas, como “legitimidade” e “porta-voz”, assim como ressaltar o significado de alguns termos-chave, como “representar” e “reconhecer a diversidade”.

Peça que as pessoas deem ideias sobre o que é importante pensar quando se é um Agente Comunitário e a respeito dos temas que um Agente precisa conhecer. Liste no *flip-chart* os itens levantados pelo grupo.

2. Geografia da representação: cidadania e participação no projeto

Para concluir a oficina, promova uma conversa sobre como está a distribuição da representação dos Agentes na área de intervenção. Para isso, prepare previamente um resumo e um mapeamento dos Agentes inscritos e presentes no curso. A síntese deve incluir gráficos e mapas que ilustrem a situação da representação na região. Peça ajuda aos técnicos da Saru para preparar o material e estude-o bem antes da oficina, para compreender e absorver suas informações.

Apresente essa síntese, estimulando uma conversa avaliativa da participação das pessoas no curso, com análise da situação: Como está distribuída a representação nas regiões da comunidade? Como está a frequência dos Agentes nas oficinas? Por quê? Há pontos que não estão indo muito bem e precisam ser mudados? O que está favorecendo a participação e deve ser mantido?

É importante, nesse momento da formação, criar um clima de abertura, para que as pessoas expressem o que pensam e o que sentem sobre o assunto, façam autocrítica e deem sugestões para a continuidade do trabalho.

Pode haver necessidade de encaminhamentos para solucionar problemas ou melhorar a participação. Organize as informações e sistematize as providências, anotando as propostas e os passos seguintes.

Agente Comunitário de Urbanização

- Representa os interesses da comunidade.
- Tem legitimidade de representação por meio da indicação de outros moradores da comunidade.
- É porta-voz: recebe e transmite informações.
- Mantém diálogo permanente com a comunidade e com o poder público.
- Expressa a vontade da maioria.

Agente Comunitário de Urbanização

- Reconhece e respeita a diversidade dos representados: gêneros, idades, raças/etnias, culturas, opiniões etc.
- Atua como agente mobilizador.
- Contribui para a organização comunitária.
- É aberto a cobranças ou críticas.
- Busca conhecer o projeto de urbanização e os temas relacionados à cidadania, visando melhorar a qualidade de vida da comunidade.

Módulo II – Memória, cidadania e comunicação comunitária

Oficinas 5 a 8

Objetivos gerais

- A) Recuperar a memória coletiva e abordá-la como fator de valorização da identidade e exercício da cidadania.
- B) Apresentar a informação e a comunicação como ferramentas para a participação comunitária e a cidadania.

Objetivos específicos

- 1) Discutir a importância das memórias individual e coletiva para a construção da história e da identidade da população local.
- 2) Levantar elementos das memórias individual e coletiva da população local.
- 3) Conceituar informação e comunicação, com foco nas suas funções sociais: promoção de cidadania, mobilização, prestação de serviços etc.
- 4) Apresentar e discutir aspectos fundamentais da informação e da comunicação: ética, transparência, poder político etc.
- 5) Desenvolver um olhar crítico sobre a comunicação e as informações: checagem de fontes, veracidade, parcialidade etc.

Oficina 5: O papel da memória na construção da identidade comunitária

Objetivo

- Sensibilizar para o tema da recuperação da memória coletiva como construção da história e da identidade da população local.

Materiais

- Filme *Narradores de Javé* (Direção: Eliane Caffé, 2004, Brasil, 100 min.).
- Ficha “Questionário individual para resgate da memória”.

Dinâmica

1ª parte

- 1. Apresentação do filme *Narradores de Javé*, seguida de discussão – 140 minutos
- Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

- 1. A importância da memória para a construção da história e da identidade da população local – 60 minutos.
- 2. Levantamento de memórias individuais e coletivas (solicitar aos participantes que providenciem material para o trabalho na oficina seguinte – fotos, reportagens, documentos etc.) – 25 minutos.

1ª PARTE

1. Apresentação do filme *Narradores de Javé*, seguida de discussão

Esse filme foi escolhido por apresentar relações com a situação das comunidades que passam por um processo de reassentamento total, com remoção de todas as edificações, e por discutir o tema da recuperação da memória coletiva. Após o filme será feita uma discussão sobre os temas por ele suscitados.

Assista ao filme previamente, pensando e anotando o que pode ser comentado sobre os temas da representatividade comunitária, da resistência, do resgate da memória e das formas de representação da memória.



Para aprofundar seu entendimento sobre o filme *Narradores de Javé*, sugerimos a leitura da resenha *Narradores de Javé, um filme sobre memória, História e exclusão*, que analisa o filme do ponto de vista que interessa para a oficina. Essa resenha pode ser encontrada na internet.

KANASHIRO, Marta. *Narradores de Javé, um filme sobre memória, História e exclusão*. Disponível em: <www.comciencia.br/dossies-1-72/resenhas/memoria/narradores.htm>. Acesso em: 24 Jul. 2017.

Antes de iniciar a exibição do filme, explique aos participantes que ele será apresentado com o objetivo de incentivar a reflexão sobre a recuperação da memória coletiva como forma de reforçar a identidade da população do local. Peça que todos assistam ao filme tentando relacioná-lo com a situação que estão vivendo.

Exiba o filme de uma vez só, sem pausas, para que as pessoas possam se envolver com a história e se divertir. Uma ideia simpática é levar pipoca, simulando uma sessão de cinema.

Após o filme, inicie uma conversa com perguntas mais gerais, de forma que as pessoas comentem espontaneamente sobre ele. Do que mais gostaram? Alguém gostaria de comentar alguma parte do filme que chamou a atenção? Alguém gostaria de expor ideias que surgiram a partir do filme?

Em seguida, apresente os pontos que interessam discutir com o grupo, sempre convidando os participantes a completarem sua fala com observações próprias. Listamos, a seguir, alguns pontos interessantes para a discussão que você pode apresentar em um *slide*, mas também é possível levantar outros pontos. Antes de apresentar o *slide*, incentive que os participantes apontem espontaneamente as considerações deles.

- O objetivo do grupo ao escrever o livro das memórias locais. Chame a atenção para como a memória é um patrimônio valorizado.
- As histórias das pessoas podem parecer sem importância à primeira vista. Quando são relatadas, porém, podem revelar fatos de valor para a comunidade.
- Os fatos que os mais velhos podem contar e que os jovens não conhecem.

- No filme, a história se confunde com a ficção. No trabalho de construção da memória coletiva da comunidade, pretende-se falar apenas de fatos reais, o que não impede que a comunidade tenha suas histórias fictícias. No entanto, é importante separar realidade de ficção.
- Fala de Biá (aproximadamente 20 min.): “Uma coisa é o fato escrito. Outra coisa é o fato acontecido. O acontecido tem que ser melhorado no escrito de forma melhor para que o povo creia no acontecido”. Essa fala pode ser retomada na Oficina 7, quando será discutida a veracidade da informação. Ao longo do filme também são apresentadas versões complementares da história, a depender de quem conta – outro assunto a ser tratado na Oficina 7.
- As cenas de conversas desorganizadas, quando as pessoas tentam se organizar para falar. As dificuldades em se organizarem para produzir o documento.
- Escrita científica: a diferença entre a escrita científica e a escrita do povo. O valor dado à escrita chamada de “científica” no filme.
- Depoimentos de resistência dos moradores: vínculos com a localidade (aproximadamente 45 min.).

Os narradores de Javé: pontos para discussão

- Como as histórias das pessoas revelam fatos de valor para a comunidade.
- Os mais velhos contam histórias que os jovens não conhecem.
- O fato acontecido e o fato narrado: memória e ficção.
- A importância de organização das memórias para compor um relato.
- A escrita científica e a escrita do povo. Qual é mais importante?
- A história como fator de resistência dos moradores: vínculos com a localidade.
- Os personagens que se colocam como representantes da comunidade.
- O valor das lembranças de cada um: a família enterrada no local, os fatos importantes da vida que aconteceram ali.
- O valor da memória coletiva: “Nas suas ideias, Javé pode não valer muito. O caso é que, sem Javé, Antonio Biá vale menos ainda”.

- Personagens que assumem uma postura de representantes da comunidade. Suas atitudes são de bons representantes?
- A fala da cena final: “Nas suas ideias, Javé pode não valer muito. O caso é que, sem Javé, Antonio Biá vale menos ainda”.
- O valor das lembranças de cada um: a família enterrada no local, os fatos importantes da vida que aconteceram ali.

2ª PARTE

1. A importância da memória para a construção da história e da identidade da população local

Depois do levantamento dos assuntos despertados pelo filme, a oficina deve focar nos temas do direito à memória e da recuperação da memória coletiva.

No capítulo 1 do livro *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda* você pode conhecer mais sobre memória, identidade e favela.

NÓBREGA JÚNIOR, Edson Diniz; BELFORT, Marcelo Castro e Silva; RIBEIRO, Paula. *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2012. Disponível em: <<http://redesdamare.org.br/blog/publicacoes/baixe-gratis-o-livro-memoria-e-identidade-dos-moradores-de-nova-holanda-2>>. Acesso em: 24 Jul. 2017.



O exercício de levantamento de memórias que será feito na oficina deve possibilitar a percepção de uma identidade de grupo e, dessa forma, potencializar as iniciativas da comunidade. Pressupõe-se que a preservação e a divulgação da história e da memória locais contribuem para que os vínculos entre as pessoas sejam fortalecidos e para que elas se percebam como um coletivo.

Vale a pena aproveitar esse momento para falar um pouco sobre a história do direito à memória no Brasil. Para isso, você pode usar slides de apoio e preparar-se com a leitura do texto a seguir.

O direito à memória

Em nosso país, a importância do direito à memória pode ser claramente identificada no período de redemocratização, após o regime militar iniciado com o golpe de 1964. Com o término da ditadura, as famílias de presos políticos, exilados e pessoas que de alguma forma sofreram com a ditadura deram início a ações de resgate da história e da memória daquele período. O objetivo desse processo foi dar visibilidade às violações de direitos humanos que ocorreram no país e tentar reparar tais violações. O resgate da memória pode, como nesse caso, ter a função de dar visibilidade às injustiças e aos sofrimentos pelos quais passaram um povo, evitando que essas situações se repitam e informando sobre fatos que podem ter ficado apagados da memória em detrimento de outros fatos que ganharam mais destaque. Nesse exemplo, o fato de os presos políticos contarem suas experiências revelou ao país uma parte da História que não era tão conhecida.

Memória: elemento para a construção da identidade comunitária

Memória individual e coletiva

Possibilita a percepção de uma identidade de grupo e potencializa as iniciativas da comunidade.

A preservação e a divulgação da história e da memória locais contribuem para que os vínculos entre as pessoas fiquem fortalecidos e para que elas se percebam como um coletivo.

Direito à memória no Brasil

Identificado com o período de redemocratização, após a ditadura militar iniciada com o golpe de 1964.

Famílias de presos políticos e exilados → ações de resgate da história e da memória.

Objetivo: dar visibilidade às violações de direitos humanos que ocorreram e tentar reparar tais violações.



Direito à memória no Brasil

Resgate da memória → função de dar visibilidade às injustiças e aos sofrimentos pelos quais passaram um povo...

... evitando que essas situações se repitam.

... informando sobre fatos que podem ter sido apagados da memória.



*O processo de contar sua própria história se chama **direito à memória** e nasce da vontade de resgatar e preservar a história do país a partir das histórias e memórias individuais e coletivas da população. A memória pode se tornar um direito quando vem do desejo de garantir aos cidadãos acesso à informação por meio de arquivos públicos e históricos, assegurando a preservação desses documentos pessoais e públicos. A comunicação dessa história é uma atividade política e de expressão cultural.*

Direito à memória

Processo de contar sua própria história → nasce da vontade de resgatar e preservar a história do país a partir das histórias e memórias individuais e coletivas da população.

Memória se torna um direito quando vem do desejo de garantir o acesso à informação aos cidadãos.

Garante que pessoas e grupos sociais exerçam, de forma livre, o ato de lembrar o passado e de compartilhá-lo de várias formas e com outros grupos, conferindo-lhe significado.

Por isso dizemos que existe um aspecto político e simbólico do direito à memória: garantir que pessoas e grupos sociais consigam exercer de forma livre o ato de lembrar o passado, conferindo-lhe significado, e compartilhar essas memórias de várias formas e com outros grupos.

É importante ainda reforçar que o resgate da memória não é somente uma forma de entender o passado, mas também de ajudar a planejar e a construir o futuro. Conhecer o passado nos lembra o que somos, nos permite revisitar nossos erros e acertos, confirma nossas conquistas e nos orienta sobre como mantê-las.

Autorrepresentação

No caso das favelas ou ocupações – ou, ainda, quando se trata de outras populações marginalizadas ou minoritárias, como indígenas e quilombolas, por exemplo –, existe um conjunto de ideias negativas enraizadas. São ideias sobre essas populações formadas a partir do que é contado

por grupos antagônicos ou por aqueles que, de alguma maneira, sentem-se ameaçados por elas, ou seja, não são ideias formadas pelas histórias contadas pelas próprias populações.

Na maioria das vezes, quem mora em áreas marginalizadas da cidade é visto de forma bastante estereotipada e preconceituosa, em que são ressaltados os aspectos negativos. Preconceitos como “favelado é bandido, é sujo, tem famílias desestruturadas, vive no meio da violência” são muito comuns. Às vezes essas pessoas têm até de esconder o próprio endereço para conseguir emprego, por exemplo.

Quem mora nessas regiões da cidade sabe que essas ideias não são verdadeiras. Essas pessoas, no entanto, têm suas vozes pouco difundidas, não têm espaço para contar suas histórias.

Direito à memória

Resgate da memória

- Permite entender o passado.
- Ajuda a planejar e a construir o futuro.
 - Nos lembra o que somos.
- Nos permite revisitar nossos erros e acertos.
- Confirma nossas conquistas e nos orienta sobre como mantê-las.

Buscar oportunidades para ressaltar as qualidades de morar na favela – a produção cultural local, os hábitos, as relações familiares, as relações econômicas, as redes de ajuda mútua entre vizinhos e parentes etc. – é importante para mudar a visão que os outros têm dessa população e ajuda os próprios moradores a se enxergarem de forma mais positiva.

O cotidiano local, as lutas por melhorias sociais, as expressões culturais e religiosas, as formas de trabalho, a culinária e a arquitetura são elementos que formam a memória do local e precisam ser levados em conta no conjunto de prioridades da urbanização.

O resgate dessa memória local ajuda a legitimar esse grupo social como parte integrante da cidade e também é uma forma de contar para as gerações futuras a história do grupo, de forma que os jovens tenham consciência de seu passado.

2. Levantamento de memórias individuais e coletivas

Esse levantamento é o primeiro passo para a construção da linha do tempo da comunidade que será feita na oficina seguinte.

A linha do tempo é uma forma de materializar o direito dos moradores a reconhecer e resgatar suas histórias da forma como eles próprios se veem e poder contá-las para outras pessoas, inclusive para os profissionais do projeto de urbanização, que certamente não as conhecem desse ponto de vista.

Lembre ao grupo que, certamente, o Estado, representado pela CDHU, tem informações sobre a história dessa comunidade. Não é, entretanto, necessariamente a mesma história contada pela população, incluindo os motivos dessas pessoas morarem ali, o que importa para elas, do que mais precisam etc.

O levantamento de memórias dá à comunidade a oportunidade de escolher o que contar e como lembrar, reconstruindo a memória local de forma a modificar a maneira como é vista e reforçando o sentimento positivo dos moradores sobre si mesmos. Trata-se de um processo que pode, inclusive, reorientar aspectos do processo de reassentamento.

No exercício será feito um levantamento de fatos da memória individual e da memória coletiva. Sugere-se que os participantes elejam um nome para a atividade, inspirados no filme *Narradores de Javé*.

Entregue para cada pessoa a ficha de levantamento de memórias, para ser preenchida individualmente.

Projete o *slide* que explica a diferença entre memória individual e memória coletiva, além de especificar o que chamamos de memória nacional.

As diferentes memórias

Memória individual

→ lembranças pessoais.

Memória coletiva

→ lembranças do grupo, que despertam sentimento de pertencimento e asseguram sua coesão.

Memória nacional

→ lembranças unificadoras/ integradoras do país.



Atividade: resgate da memória

- Memória individual:
 - Fatos importantes da sua vida pessoal.
- Memória coletiva e nacional:
 - Fatos importantes do seu bairro.
 - Fatos importantes da sua cidade.
 - Fatos importantes do seu país.

Na ficha (veja “Anexo III – Questionário individual para resgate da memória”), há dois itens sobre o qual se deve escrever:

1. Memória individual:
 - Cinco fatos importantes da vida pessoal.
2. Memória coletiva e nacional:
 - Três fatos importantes do bairro.
 - Três fatos importantes da cidade.
 - Três fatos importantes do país.

Dê cerca de dez minutos para que os Agentes preencham a ficha. Na sequência, oriente-os a recolher, durante a semana, fotos, recortes de jornais e revistas, lembranças, objetos, documentos e outros elementos que os ajudem a contar a história dos fatos indicados na ficha. No encontro seguinte (Oficina 6), eles devem levar a ficha e os objetos para construir uma linha do tempo com a história do lugar.

Oficina 6: A memória coletiva

Objetivos

- Estabelecer relações entre memória individual e coletiva.
- Construir a linha do tempo da comunidade.

Material

- Cartolinas, pregadores, barbante e fita adesiva ou fita-crepe.

Dinâmica

1ª parte

1. Exposição do material trazido pelos participantes e identificação dos fatos da memória coletiva – 120 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Construção de linha do tempo coletiva – 105 minutos.

1ª PARTE

1. Exposição do material levado pelos participantes e identificação dos fatos da memória coletiva

Prepare a sala com antecedência. Junte mesas criando uma bancada para expor o que for levado pelos participantes. Outra opção é estender um tapete ou um pano no chão,

para que os objetos sejam expostos sobre ele. Faça um varal com barbante para pendurar fotos, revistas e pequenos objetos.

Inicie a oficina apresentando as atividades do dia e retomando o que foi dito a respeito de memória coletiva na discussão sobre o filme *Narradores de Javé*.

Em seguida, dê continuidade ao exercício da Oficina 5 com a seguinte provocação: Assim como as personagens do filme, vamos ser os narradores da história dessa comunidade?

Chame o grupo para expor as imagens e os objetos que trouxeram, organizando uma exposição e sugerindo que se trata de uma espécie de “museu da comunidade”. A referência a “museu” e a “exposição” tem como objetivo valorizar as lembranças da população e reforçar a importância dessas memórias.

Quando a exposição estiver organizada, convide as pessoas para circularem entre os objetos, para conhecê-los. Depois de conhecer os objetos, cada participante deve escolher um deles de acordo com os seguintes critérios: O que esse objeto me faz lembrar? Ele representa algum marco na minha vida?

Peça para que os participantes escolham algo que tenha sido trazido por outra pessoa, para tentar identificar o que há de comum entre as lembranças. Escolhido o objeto, as pessoas devem circular pela sala e identificar quem o trouxe. A ideia é conversarem sobre o objeto, trocando lembranças. Ressalte o fato de que essa coincidência de memórias reforça os laços entre as pessoas, mostrando como de fato existe uma memória coletiva, que faz parte da vida de todos.

Dê tempo para que as pessoas conversem, estimule esse encontro para que elas falem sobre suas memórias. Depois, pergunte se alguém gostaria de narrar acontecimentos lembrados pelos objetos. Durante as narrativas, chame atenção para os fatos que podem ser comuns a grande parte dos participantes daquela comunidade, estimulando que outros participantes complementem os acontecimentos narrados com suas próprias lembranças, para completar a história. Isso permitirá que o grupo perceba que a memória coletiva se constrói com a contribuição de cada um, como se fosse um mosaico montado com a junção de muitas partes antes separadas.

Quanto mais pessoas colaborarem para narrar um fato, mais esse fato é significativo para a memória coletiva daquele grupo. Esse exercício é muito produtivo, e você poderá estendê-lo caso perceba que ele está fortalecendo o sentimento de identidade entre as pessoas. Aproveite o momento para anotar em um cartaz os fatos que parecem ser mais importantes para a comunidade, para que eles não sejam esquecidos na montagem da linha do tempo coletiva.

Atividade

Museu da comunidade
→ memórias individuais e coletivas: exposição e narrativas.

Linha do tempo da comunidade
→ memórias coletivas.



2ª PARTE

1. Construção de linha do tempo coletiva

Depois de comentadas as memórias coletivas, forme grupos com no máximo oito integrantes, pois o trabalho a ser feito funcionará melhor em grupos pequenos (veja mais a esse respeito no “Anexo II – Como formar grupos de trabalho”). Uma vez que as pessoas já estejam conversando sobre suas memórias, deixe que elas se agrupem naturalmente. Entretanto, preste atenção para que os grupos não excluam ninguém e interfira caso perceba algum tipo de discriminação ou isolamento de algum participante. Nesse momento, é preciso ser discreto para não evidenciar a situação e constranger as pessoas.

Cada pessoa deverá mostrar para seu grupo o objeto trazido por um colega que escolheu durante a exposição. O objetivo da atividade é organizar as memórias levantadas em ordem cronológica, para depois juntá-las com as memórias dos outros grupos e formar uma linha do tempo da turma toda. Os grupos podem escolher alguns objetos e descartar outros, elegendo os mais significativos para a história da comunidade ou reunindo aqueles que repetem um tema/momento.

Depois de organizar os objetos em ordem cronológica, cada grupo deverá apresentar o que escolheu e dizer qual acontecimento cada objeto faz lembrar, localizando esses acontecimentos no tempo.

Localize a memória mais antiga e peça para que o grupo que escolheu aquela memória relate-a para os demais participantes. Depois de apresentada a memória, se a turma concordar que se trata de uma memória significativa para a comunidade, ela deve ser anotada na linha do tempo coletiva, que será feita em um cartaz.

Esse procedimento deve se repetir até que se tenha completado a linha do tempo coletiva, com todos os acontecimentos lembrados pelos grupos.

Provavelmente serão necessárias várias cartolinas para esse cartaz, de forma que a linha do tempo fique grande o suficiente para que os fatos possam ser lidos a certa distância.

Para anotar no cartaz os fatos da linha do tempo, peça ajuda a pessoas do grupo que possuam habilidade para escrever em cartazes. Se o grupo tiver dificuldade, você pode sugerir que primeiro façam um rascunho e depois a versão definitiva. Oriente para que o cartaz seja atrativo, pois ele será acompanhado por um objeto de destaque e permanecerá exposto na sala dos encontros a partir dessa oficina.

Pode haver polêmica na hora de registrar as datas das memórias. Dúvidas e divergências devem ser resolvidas por meio de busca de documentos que comprovem as datas dos fatos (como o nascimento de alguém ou um evento nacional importante) ou de marcas de

época (como roupas, músicas etc.), ou seja, lembranças compartilhadas que possam ajudar a localizar as memórias no tempo.

Para encerrar, provoque a turma perguntando qual o significado que eles enxergam nesse trabalho: Para que recuperar a memória e fazer uma linha do tempo? Peça que tentem encontrar palavras que descrevam o que sentiram ao fazer o exercício e também o que sentiram ao final dele, ao verem a linha do tempo coletiva montada por eles próprios. Deixe que falem à vontade e anote as respostas em um cartaz.

Algumas reflexões podem ser conduzidas a partir dessas respostas: A identidade do grupo, de fato, ganhou destaque? Ficou mais claro para todos “quem somos nós”? Ficou mais claro que se trata de um grupo, e não apenas de uma reunião de pessoas sem nada em comum? Será que resgatar essas lembranças uniu as pessoas e conferiu força ao grupo? De que forma e para qual finalidade o grupo pode usar a força que ganhou?

Oficina 7: Informação, comunicação e cidadania

Objetivos

- Apresentar o direito à informação como forma de participação e cidadania.
- Discorrer sobre a importância da veracidade, da confiabilidade, da transparência e do poder político na informação e na comunicação.
- Discutir a importância do protagonismo comunitário nas práticas de comunicação do projeto de urbanização.

Material

- Vídeos *A construção da informação* e *O caminho da notícia*. Disponíveis em: <www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/ConteudoCEEJA.aspx?MaterialID=67&tipo=Videos>. Acesso em: 25 Jul. 2017.

Dinâmica

1ª parte

1. Apresentação de conteúdo sobre direito à informação e comunicação comunitária – 60 minutos.
2. Exercício de resolução de problema: produção de peça de comunicação comunitária – 60 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Apresentação e discussão dos resultados dos trabalhos dos grupos – 60 minutos.
2. Preparação para visita a um órgão de comunicação – 45 minutos.

1ª PARTE

1. Apresentação de conteúdo sobre direito à informação e comunicação comunitária

Informação no dia a dia

- Você gosta de estar informado? Sobre o quê?
- Que tipo de informação precisamos no nosso dia a dia?
- Como conseguimos essas informações?
- Onde você consegue as informações das quais precisa?

Mas, afinal, o que é informação?

The collage illustrates different types of information sources. It includes a newspaper clipping about a historical event, a magazine cover for 'ARRAIAL NA COTA 200' featuring a cartoon character, a sports newspaper 'JORNAL DO ESPORTE' with a soccer game, and a diagram of an organizational structure with roles like Presidente, Diretor de Produção, and Gerente de Qualidade.

Informação para a cidadania

Vida privada → saber os problemas que um vizinho está passando para poder ajudá-lo.

Vida pública → conhecer os direitos que temos em relação a benefícios sociais, para poder requerê-los.

Duas situações: diferentes formas de exercer a cidadania

Você gosta de estar informado? Sobre o quê? Que tipo de informação precisamos no nosso dia a dia? Como conseguimos essas informações? Em quais veículos você consegue as informações das quais precisa? Comece a oficina lançando essas perguntas ao grupo e vá anotando as respostas em um cartaz. A ideia é entender do que falamos quando usamos o termo “informação”. Provoque o grupo para ampliar as respostas.

Informação pode ser algo correio como saber se alguém melhorou de uma doença e se precisa de ajuda; pode ser um conhecimento técnico, como a composição de um remédio para poder tomá-lo sem riscos; ou, ainda, uma indicação que diz respeito à vida de todos, por exemplo, como se faz para requerer a aposentadoria.

Cada informação tem um tipo de utilidade, seja para a vida privada, seja para a vida pública. Na vida de um cidadão, tanto a informação da vida privada como a da vida pública podem ser importantes para exercer a cidadania. Na vida privada, por exemplo, saber os problemas pelos quais um vizinho está passando pode ser importante para ajudá-lo. Na vida pública, conhecer os direitos que temos em relação a benefícios sociais é importante para requerê-los. As duas situações são formas de exercer a cidadania.

Assim como receber informação, transmitir informações também é importante. Por exemplo, se um Agente Comunitário tem acesso a uma informação sobre o que vai acontecer no bairro, é importante que ele tenha tanto o direito como o dever de transmitir essa informação para a comunidade.

Conduza a conversa para uma reflexão sobre:

- *De que forma nos tornamos capazes de informar as pessoas que nos cercam?*
- *Em que espaços podemos buscar informações relevantes e verdadeiras?*
- *Por que essas informações podem ser importantes para a vida de todos?*

*O direito à informação é um dos pilares do **Estado Democrático de Direito**. A liberdade de informação é ferramenta indispensável à concretização do princípio republicano e à consolidação da cidadania.*

Ter direito à informação significa:

- *ter o direito de **informar** (os outros);*
- *ter o direito de **se informar**;*
- *ter o direito de **ser informado** (ou o direito à verdade).*



© Laerte

O direito à informação

Liberdade de informação: um dos pilares do Estado Democrático de Direito

Ter direito à informação:

- ter o direito de **informar** (os outros)
 - ter o direito de **se informar**
- ter o direito de **ser informado** (ou o direito à verdade).



Estado Democrático de Direito

A Constituição brasileira de 1988, em seu artigo inaugural, afirma que a República Federativa do Brasil constitui-se em um Estado Democrático de Direito, que é caracterizado por:

- possuir uma Constituição democrática;
- ter uma democracia representativa e participativa;
- ter um sistema de direitos fundamentais individuais, coletivos, sociais e culturais;
- seguir os princípios da justiça social e da igualdade;
- seguir o princípio da divisão de poderes.

O direito à informação

Receber e transmitir informação → garantia do exercício da cidadania, da transparência e do controle social sobre as instituições



O direito a receber e a transmitir informação é garantia do exercício da cidadania, da transparência e do controle social sobre as instituições.

No artigo 5º da Constituição, pode-se observar o seguinte:

- **Parágrafo IX – É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.**

Esse parágrafo, portanto, garante que qualquer cidadão pode transmitir informações.

- **Parágrafo XIV – É assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.**

Esse parágrafo afirma que todo cidadão tem o direito de receber informação e de saber qual é a fonte dessa informação, a não ser nos casos em que o sigilo é necessário para, por exemplo, não colocar em risco ou expor a pessoa que deu a informação.

- **Parágrafo XXXIII – Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.**

Ou seja, os órgãos públicos têm o dever de divulgar ou transmitir, com clareza e transparência, todas as informações de que os cidadãos precisam para entender o que o Estado faz e como faz para cumprir com seus deveres.

Nesse momento, é interessante que você retome o papel do Agente Comunitário, lembrando a importância da sua atuação na difusão das informações sobre as ações de urbanização do Estado naquela comunidade, divulgando para ela as informações que sejam do interesse de todos.

Constituição Brasileira – Artigo 5º

Parágrafo IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

Parágrafo XIV – é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.

Parágrafo XXXIII – todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

Ao final da conversa, chame a atenção para alguns elementos que devem estar presentes na discussão sobre as informações: **veracidade, neutralidade e parcialidade da informação.**

Para estimular essa reflexão, você pode partir das seguintes perguntas: É importante saber quais as fontes de uma informação? Quando se divulga um fato, todos o contam do mesmo jeito? Uma informação dada por uma pessoa (ou um veículo) é igual àquela dada por outra pessoa (ou veículo)?

Essa reflexão tem como objetivo sinalizar aos participantes que uma informação deve possibilitar a verificação de sua veracidade, ou seja, **as fontes de informação devem possuir credibilidade.**

Além disso, é preciso ter claro que **toda informação é parcial**, pois o ser humano vive em meio a uma rede de relações com instituições, grupos e outras pessoas, e, sempre que alguém “fala sobre algo” ou “informa alguém”, ele informa a partir do ponto de vista em que se encontra na sociedade. Retome aqui a conversa sobre o filme *Narradores de Javé*.

Exiba o vídeo *A construção da informação*, que aborda todos esses temas. Depois, retome as ideias-chave discutidas:

- Imprensa livre.
- Censura: agressão ao cidadão.
- Formação da opinião pública.
- Influência dos veículos de comunicação de acordo com o interesse de alguns grupos.
- Poder econômico de anunciantes.
- Manipulação da informação.
- Poder econômico do Estado.
- Papel da internet na facilitação da divulgação de informações que não circulam na grande mídia.
- Diferença entre editorial (opinião) e reportagem (notícia).

Comunicação comunitária

Depois de falar sobre informação e circulação da informação, é importante diferenciar **informação** de **comunicação**. O objetivo é abordar brevemente o tema dos meios de comunicação e suas características.

Você pode iniciar essa discussão perguntando: De que maneira a informação circula na sociedade? Para que uma informação circule, é preciso que ela ganhe forma. Ela pode estar expressa em um folheto, uma notícia de jornal, uma entrevista no rádio, um vídeo

Características da informação

- É importante saber quem conta a informação?
 - Todo mundo conta do mesmo jeito?
 - Uma informação que sai de uma pessoa é igual àquela dada por outra pessoa?
- Veracidade**
- Neutralidade**
- Parcialidade**

A construção da informação

- Imprensa livre.
- Censura: agressão ao cidadão.
- Formação da opinião pública.
- Influência dos veículos de comunicação de acordo com o interesse de alguns grupos.
- Poder econômico de anunciantes.
- Manipulação da informação.
- Poder econômico do Estado.
- Papel da internet na facilitação da divulgação de informações que não circulam na grande mídia.
- Diferença entre editorial (opinião) e reportagem (notícia).

disponibilizado nas mídias sociais. Dependendo do meio utilizado, a comunicação tem características diferentes.

Peça aos participantes que pensem em como uma notícia escrita é diferente de uma notícia na televisão, por exemplo. A forma como a informação é transmitida é o que se chama de comunicação.

Informação e comunicação

Comunicação → maneira como se divulga uma informação

Forma ou meio escolhido para comunicar

→ influencia na maneira como as pessoas compreendem a informação



A comunicação é a maneira como se divulga uma informação. A forma escolhida para comunicar uma informação influencia na maneira como as pessoas compreendem essa informação. Por isso, escolher de que forma uma informação deve ser passada é fundamental para que ela seja compreendida. Por exemplo, se você quer informar uma estatística, utilizar gráficos ajuda as pessoas a visualizar os números. Se a ideia é contar um fato ocorrido, entrevistar um dos envolvidos pode ser muito mais

esclarecedor do que apenas fazer uma descrição dos fatos. Usar fotos ou desenhos também ajuda a compreensão da pessoa que está recebendo a informação.

Na comunidade, a circulação da informação pelos meios de comunicação é um instrumento muito importante para a participação e a cidadania. Por isso, escolher de que forma uma informação deve ser passada é fundamental.

Quem faz a comunicação na comunidade e qual sua função?

Ao falar de **comunicação comunitária**, é possível que alguns participantes pensem que existe um grupo de pessoas responsáveis pela produção e divulgação da comunicação e que o restante da população apenas recebe essas informações. Explique que

existe, sim, um grupo responsável, mas que todos na comunidade devem ter o compromisso de promover ou favorecer a comunicação comunitária, que está a serviço do interesse de todos.

A comunicação comunitária é participativa. Isso significa que o comunicador comunitário pode ser um único morador ou vários e que ela está dirigida a todas as pessoas da própria comunidade.

Comunicação comunitária

Comunicação comunitária

Comunicação participativa



A comunicação comunitária tem várias características:

- *É feita a partir da participação e do compromisso da comunidade e com a comunidade.*
- *Identifica e transmite os interesses da comunidade em que está inserida.*
- *Presta serviço à comunidade, dando informes e avisos, fazendo campanhas etc.*
- *Trata de assuntos voltados diretamente para os interesses e para a realidade da comunidade.*

A comunicação comunitária fala sobre a comunidade, seus pontos fortes e seus problemas. Ela tem também o papel de incentivar a mobilização social, estimulando a participação dos moradores na solução de seus problemas e na potencialização de suas qualidades.

A valorização da cultura local é outro aspecto fundamental na comunicação comunitária, que tem como uma de suas funções fortalecer a identidade dessa população, unindo a comunidade em torno dessa identidade. Assim, é essencial comunicar a história do lugar, falar de seus artistas, suas tradições, suas festas, seus eventos ou acontecimentos que possam trazer o sentimento de orgulho.

A comunicação comunitária é uma arma muito poderosa para o desenvolvimento da comunidade e deve estar voltada para essa finalidade.

Há muitas possibilidades para promover a comunicação comunitária. Jornais, rádios, vídeos, blogs, páginas eletrônicas e até redes sociais podem ser veículos de comunicação comunitária. A escolha dos veículos depende das habilidades dos participantes e dos recursos existentes.

2. Exercício de resolução de problema: produção de peça de comunicação comunitária

Depois da exposição sobre comunicação comunitária, proponha aos participantes um exercício de resolução do seguinte problema: há um lugar na comunidade que se tornou um depósito de lixo. Alguém começou a jogar lixo ali, e outros fizeram o mesmo.

Comunicação comunitária

- É feita a partir da participação e do compromisso da comunidade e com a comunidade.
- Identifica e transmite os interesses da comunidade em que está inserida.
- Presta serviço à comunidade, dando informes e avisos, fazendo campanhas etc.
- Trata de assuntos voltados diretamente para os interesses e para a realidade da comunidade.

Comunicação comunitária

Compromisso com o desenvolvimento da comunidade

Para a
Pela
Da
Com a

comunidade



As pessoas que moram perto da área de despejo estão incomodadas, porque esse lixo está causando mau cheiro, juntando animais, atrapalhando a passagem e tornando o espaço feio. Por outro lado, há deficiências no sistema de coleta de lixo na localidade, e as pessoas que jogam lixo ali fazem isso porque não sabem o que fazer com seu lixo ou porque não têm condições de levá-lo para outro lugar.

Atividade de comunicação comunitária

Produção de uma peça de comunicação

Objetivo → conscientizar sobre a importância da disposição do lixo em locais apropriados



Produzir uma peça de comunicação para conscientizar as pessoas sobre o problema pode ajudar a comunidade a equacioná-lo. Nessa peça, é preciso informar à população que o lixo não pode ser jogado em qualquer lugar e orientá-la sobre o que pode ser feito para minimizar o problema, por exemplo: gerar menor quantidade de lixo; acondicionar o lixo de forma correta; mobilizar a população para reivindicar a passagem de serviço de coleta de resíduos com maior frequência etc.

Para construir a comunicação, o grupo deve pensar em alguns pontos. A seguir, damos sugestões iniciais, mas deixe espaço para que as pessoas apresentem outras ideias.

O que pode ser dito para as pessoas que receberão a informação:

- Os males causados pelo lixo.
- O lugar correto/ideal para depositar o lixo.
- O que fazer com seu lixo.
- Como se mobilizar para reivindicar serviços de coleta de lixo mais frequentes.
- Outras ideias.

Como e com quem buscar informações sobre o assunto:

- Realização de entrevistas com moradores do local no qual o lixo está sendo jogado.
- Identificação e realização de entrevistas com os responsáveis pelo planejamento dos serviços de coleta.
- Identificação e realização de entrevistas com quem pode informar sobre locais e horários em que o lixo pode ser disposto.
- Pesquisas na internet sobre os males que o lixo pode causar.
- Pesquisa de informações sobre como gerar menos lixo, por exemplo, adotando práticas de reciclagem.
- Outras ideias.

Qual tipo de mídia pode ser utilizado:

- Cartazes.
- Folhetos para distribuição.
- Texto no jornal do bairro.
- Programa ou propaganda na rádio da comunidade.
- Notícia em grupos de mídias sociais (como aplicativos de trocas de mensagens, fóruns de discussões etc.).
- Manifestações artísticas.
- Vídeos.
- Outras ideias.

Divida a turma em grupos de até oito pessoas, considerando que grupos maiores podem dificultar o trabalho (veja o “Anexo II – Como formar grupos de trabalho”). Em seguida, faça um sorteio dos tipos de mídia entre eles: cada grupo deverá preparar a peça de comunicação para o tipo de mídia sorteado para ele.

Explique que ao final haverá uma discussão para verificar os pontos fortes e os pontos fracos das peças apresentadas, relacionando-os com o tipo de mídia, pois cada um tem seus limites e suas vantagens.

Os critérios para observação e avaliação das peças deverão considerar:

- Clareza da informação: Os principais pontos foram compreendidos ou ficaram dúvidas?
- Interesse: A forma de comunicar despertou o interesse das pessoas para que acompanhassem a comunicação até o final?
- Criatividade: O grupo utilizou recursos visuais e discursivos interessantes?
- Adequação das informações: Houve algum equívoco de informação?
- Alcance: Quantas pessoas podem ser atingidas por aquele tipo de comunicação?

2ª PARTE

1. Apresentação e discussão dos resultados dos trabalhos dos grupos

Além de divulgar os trabalhos produzidos, a apresentação dos grupos deve promover a reflexão sobre o que é uma comunicação eficiente e o que não é.

Antes de começar as apresentações, peça que os participantes fiquem atentos para poder escolher qual comunicação passou a informação de forma mais eficaz. Para isso, retome os critérios de avaliação. Sugira que façam anotações para terem mais facilidade de comentar cada comunicação, seus limites e suas vantagens.

As apresentações devem ser realizadas em sequência, e os comentários feitos apenas ao final de todas. Faça você também suas anotações para poder comentar cada uma das peças. Fique atento para deixar claro que todas têm aspectos positivos e fragilidades, sendo importante identificar qual tipo de peça e de texto é mais adequado a um determinado objetivo.

2. Preparação para visita a um órgão de comunicação

Exiba o vídeo *O caminho da notícia* e peça aos participantes que anotem os passos para a criação de uma notícia.

Oriente para que procurem perceber as especificidades de cada mídia (televisão, rádio, mídia impressa e internet): Como são montadas as pautas? Quais os profissionais envolvidos? Quais as principais características das informações? Como se dá a captação das notícias? Peça, ainda, que fiquem atentos à conduta dos jornalistas e à importância de se ouvir os diferentes lados e manter uma postura ética. Mesmo sabendo que é muito difícil ser neutro, é preciso evitar preconceitos e ter compromisso com a apuração dos fatos.

Levantamos, a seguir, alguns pontos tratados no vídeo que você pode enfatizar. Proponha que as pessoas anotem suas dúvidas para levá-las à visita ao meio de comunicação, a ser planejada pela Saru.

- **Televisão**

- Reunião de pauta: para decidir o que vai para o ar/o que pode interessar o telespectador.
- Como surgem as propostas de pauta.
- Profissionais de imagem.
- Parte técnica.
- Grande estrutura, na qual um depende do outro.

- **Rádio**

- Reunião de pauta várias vezes ao dia com âncoras, produção, chefia de reportagem: definem-se os assuntos principais.
- Produção entra em ação a partir dessas definições.
- Repórter vai captar a informação e os áudios.
- Muita rapidez na produção da notícia.
- Muita interatividade: *microblogs* e aplicativos de mensagens instantâneas são muito utilizados para a participação do ouvinte.

- **Mídia impressa**

- Divisão em editorias.
- Equipe: editores e repórteres.
- Assessorias de imprensa propõem pautas.
- Pautas também surgem dos leitores.
- Deve-se considerar o tempo para imprimir o jornal e distribuir.
- No mesmo dia pode haver mais de uma edição.

- **Internet**

- Oferece notícias em vídeo, áudio ou na forma escrita.
- Jornalistas e redatores recebem notícias prontas de agências de notícias e também as produzem.
- A rapidez é importante.

- **Conduta do jornalista** – regras básicas
 - Ouvir os diferentes lados da notícia.
 - Postura ética: saber que é muito difícil ser neutro, evitar preconceitos, ter compromisso com a apuração dos fatos etc.

Depois dessa conversa, passe ao grupo as informações necessárias sobre:

- Data, horário e local do encontro seguinte.
- Horário previsto para a saída e para o retorno.
- Materiais que devem ser levados, entre os quais: bloco ou caderno para anotações, celular para fotografar etc.
- Condições do passeio: se haverá ou não lanche e água; se há possibilidade de uma condição adversa que dificulte ou impeça a participação de alguém por problemas de saúde (barulho, escadas, poeira etc.).

Ressalte a importância da pontualidade na hora da saída e de se manter uma postura respeitosa diante do trabalho que está sendo feito, entre outros aspectos.

Visita ao jornal *O Estado de S. Paulo*

- **Saída:** 5 de setembro, quarta-feira, 9 horas
- **Local de encontro:** Mercearia São Pedro
- **Retorno aproximado:** 16 horas
- **Materiais de apoio:** bloco ou caderno para anotações, celular para fotografar etc.
- **Condições do passeio:**
 - Almoço gratuito (12h30)
 - Dificuldade de acesso para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

Oficina 8: Passeio formativo (1): A produção da informação

Objetivo

- Conhecer como funciona um órgão de comunicação, observando como acontecem a produção e a apresentação da informação em um veículo específico.

Dinâmica

Visita a um órgão de comunicação a ser determinado e organizado pela equipe técnica da Saru – 4 horas.



Módulo III – Projetos de organização sociocomunitária e de desenvolvimento local

Oficinas 9 a 12

Objetivos gerais

- A) Conhecer a proposta e a implantação dos diferentes projetos sociais da Saru.
- B) Formar grupos embrionários de projetos sociais.

Objetivos específicos

- 1) Abordar as diferentes formas de manifestação cultural.
- 2) Discutir as possibilidades e os limites de experiências de grupos empreendedores.
- 3) Conceituar desenvolvimento local e formas de participação comunitária.

Oficina 9: Projetos sociais (1): Arte e cultura

Objetivos

- Introduzir o tema das manifestações artísticas: significados e expressões.
- Conhecer os projetos sociais da Saru: ComCom, Ateliê e Música.
- Incentivar a formação dos grupos embrionários de projetos sociais.

Materiais

- Vídeo *Som, cor e palavras: um bairro vivo* (ver lista disponível ao final do material).
- Vídeos *A arte conta história* e *A arte em cada esquina*. Disponíveis em: <www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/Conteudo.aspx?MaterialID=1&tipo=Videos>. Acessos em: 25 Jul. 2017.

Dinâmica

1ª parte

- 1. Apresentação geral da metodologia dos projetos sociais – 60 minutos.
- 2. Apresentação do vídeo *Som, cor e palavras: um bairro vivo*, seguida de discussão – 40 minutos.
- 3. Apresentação dos vídeos *A arte conta história* e *A arte em cada esquina*, seguida de discussão – 40 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

- 1. Sondagem para formação dos grupos embrionários de projetos sociais – 85 minutos.

1ª PARTE

1. Apresentação geral da metodologia dos projetos sociais

Nas oficinas do Módulo III serão apresentados os três eixos temáticos em torno dos quais estão estruturados os diferentes projetos sociais desenvolvidos no âmbito do TTS da Saru:

- Arte e cultura.
- Empreendedorismo e meio ambiente.
- Participação e organização sociocomunitária.

Comece explicando que os objetivos principais dos projetos sociais da Saru são: estimular a organização e a participação da população para realizar trabalhos comunitários e promover o desenvolvimento local e os laços entre os moradores.

A organização da comunidade ao redor de projetos dessa natureza potencializa o exercício da cidadania, a autonomia, a elevação da autoestima e a descoberta de talentos e vocações. Eles não representam apenas os desejos e saberes dos técnicos sociais nem são frutos de sua elaboração intelectual, mas sim o resultado da participação e da vontade da população local. Dependem, portanto, da mobilização da comunidade, que é estimulada pelos técnicos sociais da CDHU.

Em seguida, apresente o objetivo específico da Oficina 9, que trata da apresentação do eixo “Arte e cultura”.

Esse eixo agrupa os projetos de comunicação comunitária (chamado de ComCom), os grupos de música e os programas desenvolvidos nos ateliês. Nesses, os moradores são

**Projetos sociais
Eixos estruturantes**

- Arte e cultura.
- Empreendedorismo e meio ambiente.
- Participação e organização sociocomunitária.

**Projetos sociais
Objetivos**

- Estimular a organização e a participação da população para realizar trabalhos comunitários.
- Promover o desenvolvimento local e os laços entre os moradores.



Projetos sociais → recurso para o desenvolvimento da cidadania, da autonomia, da valorização dos talentos e vocações de cada pessoa e da comunidade.

Projetos sociais

Não representam os desejos e saberes dos técnicos da CDHU.

São resultado da participação e da vontade da população local.

São conquistas → dependem da mobilização e dos esforços da comunidade.



Arte e cultura

Projetos existentes

Ateliê



Comunicação comunitária



Música



Projetos de arte e cultura

Objetivo específico:

Ajudar a desenvolver a construção coletiva da identidade do bairro.



capacitados em técnicas de desenho, estêncil, pintura e mosaico, além de desenvolverem, com a equipe de arte-educadores, artes específicas para espaços públicos e fachadas das casas e de produzirem, em alguns casos, linhas específicas de papelaria e vestuário, com a própria identidade visual do projeto.

2. Apresentação do vídeo *Som, cor e palavras: um bairro vivo*, seguida de discussão

Apresente o vídeo dizendo que a urbanização vai muito além das obras, pois implica valorização do espaço e das pessoas. O projeto de arte e cultura é implementado com esse objetivo.

Exiba o vídeo sem interrupções e verifique se os participantes ficaram com dúvidas sobre o que são os projetos. É importante que eles entendam bem esse conteúdo.

O vídeo conta sobre o Ateliê Arte nas Cotas, que tem por objetivo tanto ensinar sobre arte como

gerar trabalho e renda. Os participantes aprendem técnicas de arte e também podem desenvolver uma profissão. O aumento na autoestima é uma consequência, uma vez que as pessoas se sentem orgulhosas do produto do seu trabalho.

O depoimento da pessoa que quase deixou de ir ao projeto porque tinha que assinar o nome na lista de presença é uma boa oportunidade de chamar a atenção para o fato de que se envolver com um aprendizado pode levar a outros que nem imaginamos.

Ao falar dos projetos Música no Pimentas e ComCom, abra espaço para que as pessoas manifestem experiências pessoais sobre talentos para música e jornalismo, lembrando que esses projetos são oportunidades de desenvolver habilidades nessas áreas. É importante ressaltar que o objetivo final é a autonomia da população.

Antes de iniciar as oficinas do Módulo III, procure a equipe Social da Saru, para saber quais projetos sociais e de capacitação serão oferecidos no programa de urbanização em questão.

Utilize também as informações sobre os projetos de comunicação comunitária e artes realizados no contexto do Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, para falar a respeito deles. Embora cada projeto sociocultural seja criado e desenvolvido de acordo com as características locais, os recursos disponíveis e as dinâmicas de cada comunidade, é importante que o grupo conheça o que já foi realizado, para servir de inspiração.



Projeto ComCom e Arte nas Cotas

O projeto **ComCom** promove a formação em diferentes mídias, para apropriação, produção e difusão da informação pela própria comunidade. Além da formação em jornal, rádio, TV e mídias sociais, o ComCom realiza um grande trabalho de mobilização das famílias.

O projeto **Arte nas Cotas** é desenvolvido no Ateliê Arte nas Cotas, com atividades do curso de Intervenção Artístico-Urbana, por meio das técnicas de mosaico, desenho, pintura e estêncil e de intervenções artísticas nas áreas urbanizadas. No caso da Serra do Mar, as técnicas aprendidas foram aplicadas nas fachadas das casas dos bairros, vielas e praças pelos próprios moradores, que também produziram uma linha de produtos em papelaria e de confecção.

Também é importante informar para a comunidade que a formação de parcerias com órgãos governamentais e não governamentais pode ajudar a viabilizar os projetos por meio de vários tipos de apoio, seja com dinheiro, seja com conhecimento sobre o assunto ou outro tipo de recurso. Os moradores serão estimulados a identificar possíveis parcerias. É fundamental, porém, que antes de anunciar a possibilidade de parcerias, você tenha informações precisas sobre essa viabilidade, pesquisando e informando-se a esse respeito com os técnicos da Saru.

A ideia é que os projetos sociais que forem implantados interajam com as ações do plano do TTS de urbanização, mas que, quando finalizado o projeto de urbanização, os projetos sociais passem a fazer parte do cotidiano da comunidade. Para isso, eles devem ser estabelecidos independentemente dos trabalhos de urbanização.

3. Apresentação dos vídeos *A arte conta história* e *A arte em cada esquina*

O objetivo dessa atividade é realizar uma reflexão sobre a arte na vida das pessoas. Inicie com um levantamento de conhecimentos prévios, estimulando os participantes com perguntas como: O que é uma expressão artística? De que tipos de expressão artística vocês já ouviram falar? Qual a função da arte na vida das pessoas? O que se pode expressar pela arte? Onde há arte na cidade? E na comunidade? Quem é artista? Quem pode ser artista? Alguém é artista ou gostaria de ser? Há artistas nas suas famílias? E na comunidade?

Essa reflexão será particularmente importante para a atividade da segunda parte da oficina, quando as pessoas serão convidadas a sugerir formas de atividades artísticas

Discutindo o que é arte

- O que é uma expressão artística?
- De que tipos de expressão artística já ouviram falar?
Qual a função da arte na vida das pessoas?
O que se pode expressar pela arte?
- Onde há arte na cidade?
E na comunidade?
- Quem é artista?
Quem pode ser artista?
- Há artistas na sua família?
Ou alguém que gostaria de ser?



que gostariam que fossem desenvolvidas na comunidade. Deixe que os participantes falem livremente e estimule uma conversa descontraída, para que as possibilidades de trabalhos venham à tona.

Os dois vídeos sobre arte que sugerimos são muito interessantes, e cada um deles tem cerca de dez minutos de duração. Você pode escolher exibir apenas um deles, mas, caso a turma esteja envolvida com o assunto, veja a possibilidade

de exibir os dois vídeos, pois ambos trazem informações muito ricas.

Não se esqueça de assistir aos vídeos antes de exibi-los aos Agentes, pois assim você poderá se preparar e orientar as conversas sobre eles com mais segurança.

A arte conta história

O vídeo fala brevemente sobre a forma mais antiga de o homem se expressar pela arte – a chamada arte rupestre – e apresenta a arte como uma forma de expressão humana. Também aborda a função de comunicação da arte, chamando atenção para suas formas de transmitir ideias e sentimentos, registrar o que vemos no cotidiano e mudar a paisagem urbana.

A arte conta história

- Para que o homem usa a arte?
- O que as cores e as formas podem querer dizer?
- Como podemos usar a arte na nossa cidade?



Como o vídeo é curto e de simples compreensão, você deve exibi-lo sem interrupções. Antes, alerte os participantes para prestarem atenção em alguns pontos, sobre os quais vão conversar ao final. Por exemplo:

- Para que o homem usa a arte?
- O que as cores e as formas podem querer dizer?
- Como podemos usar a arte na nossa cidade?

Ao término do vídeo, inicie a conversa retomando as questões colocadas antes da apresentação. Chame a atenção para a parte final, em que algumas pessoas sugerem pintar as fachadas das casas, estimulando os participantes com as perguntas: O que vocês

acharam das sugestões para as fachadas? As casas ficaram mais bonitas ou não? Seria interessante pintar fachadas nesse bairro? Que outros tipos de intervenção artística poderíamos fazer para embelezar o bairro?

A arte em cada esquina

O vídeo aborda várias formas de arte: teatro, música, dança, grafite, monumentos, enfatizando como é possível encontrar arte por toda a cidade se prestarmos atenção.

Há também a análise de duas obras: *O lavrador* (pintura) e *Monumento às bandeiras* (escultura em pedra), que retratam aspectos da história do Brasil por meio de personagens do povo. Ainda aparece um ceramista da cidade de Embu das Artes (SP) contando por que gosta de trabalhar com argila, como é esse trabalho e o que ele quer expressar com sua arte. Por fim, o vídeo apresenta uma dupla de repentistas mostrando sua arte na Praça da República, na cidade de São Paulo.

Antes de exibir o vídeo, peça aos participantes que prestem atenção em:

- Que formas de arte se pode ver nas ruas?
- O que os artistas querem expressar com suas obras?

Exiba o vídeo sem interrupções e, depois, levante perguntas como:

- O que chamou sua atenção? Do que mais gostou?
- Quais das obras comentadas você achou mais interessantes?
- O que os artistas mostrados no vídeo queriam ou querem comunicar com sua arte?

A arte em cada esquina

- Quais das obras comentadas você achou mais interessantes?
- O que os artistas mostrados no vídeo queriam ou querem comunicar com sua arte?
- Que formas de arte se pode ver nas ruas?
- O que os artistas querem expressar com suas obras?



2ª PARTE

1. Sondagem para formação dos grupos embrionários de projetos sociais

Depois de apresentar os vídeos sobre as possibilidades de trabalhos com arte, convide as pessoas a se organizarem em três grupos, de acordo com o que mais gostariam de fazer: ComCom, Ateliê e Música.

Peça que, dentro desses grupos, eles conversem sobre a possibilidade de montar projetos similares aos que foram apresentados no vídeo *Som, cor e palavras: um bairro vivo*. Oriente para que apontem: formas de organização; o que gostariam de receber como apoio para os projetos; ideias de parceria; condições existentes na comunidade que favoreçam um ou outro projeto; outras sugestões de trabalhos com artes.

Oficina 10: Projetos sociais (2): Empreendedorismo e meio ambiente**Objetivos**

- Conhecer os projetos sociais da Saru que tratam das questões de empreendedorismo e meio ambiente e relacioná-los com as questões ambientais características das ocupações irregulares.
- Incentivar a formação dos grupos embrionários de projetos sociais.

Materiais

- Vídeo *Empreendedorismo e meio ambiente: projetos sustentáveis* (ver lista disponível ao final do material).
- Cartolinas e canetões.

Dinâmica**1ª parte**

1. Conversa sobre o que é empreendedorismo e por que desenvolver projetos de empreendedorismo e meio ambiente – 60 minutos.
2. Apresentação do vídeo *Empreendedorismo e meio ambiente: projetos sustentáveis*, seguida de discussão – 60 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Sondagem para formação dos grupos embrionários de projetos sociais – 85 minutos.

1ª PARTE**1. Conversa sobre o que é empreendedorismo e por que desenvolver projetos de empreendedorismo e meio ambiente**

Comece falando que na oficina serão formados os embriões dos projetos de empreendedorismo e meio ambiente. Explique que esses projetos se destinam a capacitar grupos locais e articular parcerias que possam estimular e fomentar a geração de renda.

Fale brevemente sobre o que é empreender – realizar algo novo, ainda não pensado ou realizado por outra pessoa – e explique que é possível fazer isso solidariamente, ou seja, aproveitando as potencialidades de várias pessoas que se organizem e trabalhem como um coletivo.

Você pode buscar referências sobre o tema na página eletrônica do Sebrae.

POMBO, Adriane Alvarenga da Rocha. *O que é ser empreendedor*. Sebrae, s.d. Disponível em: <www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/o-que-e-ser-empresendedor>. Acesso em: 25 Jul. 2017.



É importante também explicar a razão de os temas empreendedorismo e meio ambiente serem aqui tratados de forma conjunta.

Em um território alvo de projeto de urbanização podem ocorrer mudanças significativas para o meio ambiente onde a comunidade vive – tanto em relação às pessoas que mudarão para outro local, como para aquelas que permanecerão em suas moradias.

Nesse momento, dê alguns exemplos para que o grupo possa entender melhor a proposta de relacionar empreendedorismo e meio ambiente, tais como:

- cooperativas voltadas para reciclagem de resíduos;
- produção de artesanato;
- turismo de base comunitária;
- gastronomia.

Pergunte se os participantes conhecem como funciona uma cooperativa. Se necessário, você pode explicar que se trata de uma reunião de pessoas que têm como objetivo realizar uma atividade comum em benefício do próprio grupo.

Uma cooperativa também pode, paralelamente, envolver-se com uma questão do bairro (no caso da cooperativa de reciclagem de resíduos, por exemplo, ela pode ajudar a resolver o problema do acúmulo de lixo).

Projetos de empreendedorismo e meio ambiente

Objetivos específicos:

Capacitar grupos locais.

Articular parcerias para estimular e fomentar a geração de renda.



Empreendedorismo e meio ambiente Projetos existentes

- Cooperativa de reciclagem de resíduos



- Núcleo de Economia Solidária e Desenvolvimento Local (Nesdel)



Empreendedorismo e meio ambiente Projetos existentes

- Viveiro



- Turismo de Base Comunitária



Cooperativa: o que é

Reunião de pessoas que têm como objetivo realizar uma atividade comum em benefício do próprio grupo e que podem, paralelamente, resolver um problema do bairro.

Trabalha para conseguir resultados que serão úteis a todos os participantes e compartilhados entre eles.

Atividades, gestão e decisões → responsabilidade de todos.

Lucros e prejuízos → divididos entre todos.

A cooperativa trabalha para conseguir resultados que serão úteis a todos os participantes e que serão compartilhados entre eles. Em uma cooperativa, as atividades, a gestão e as decisões são de responsabilidade de todos. Lucros e prejuízos também são divididos entre todos.

Para aquecer a conversa, pergunte se há iniciativas desse tipo entre os moradores: Há empreendedores na comunidade? Que tipo de comércio ou serviço oferecem?

Alguém tem ideia de alguma atividade desse tipo que poderia ser desenvolvida em forma de cooperativa para gerar renda na comunidade?

Também é preciso falar sobre iniciativas que envolvem a questão urbano-ambiental, ligadas à necessidade de preservação dos espaços públicos. Converse com o grupo sobre questões ambientais e de preservação de meio ambiente que possam haver na comunidade. Faça um levantamento sobre o que conhecem do tema, a partir das perguntas: O que são questões ambientais? Lixo é questão de meio ambiente? E quanto aos esgotos e à água? O que há na comunidade que pode ser considerado meio ambiente? Há áreas verdes? Há áreas de proteção ambiental?

2. Apresentação do vídeo *Empreendedorismo e meio ambiente: projetos sustentáveis*, seguida de discussão

No vídeo são apresentadas estratégias para promover a sustentabilidade do projeto de urbanização. O projeto Cota Viva mostra várias possibilidades de empreendedorismo envolvendo ações de meio ambiente: viveiro, jardinagem, restauração de praças, produção de cosméticos naturais e feira de agricultura urbana. Pergunte se alguém tem ideias para outros tipos de ações que poderiam estar no contexto do Cota Viva.

Chame a atenção também para o projeto do centro de reciclagem e sua importância social, a partir dos depoimentos de quem trabalha na cooperativa mostrada no vídeo. Abra a discussão para que a turma se manifeste sobre a possibilidade de criar esse tipo de cooperativa no bairro.

Após a exibição do vídeo, algumas perguntas são possíveis:

- Como as potencialidades dos locais se tornaram projetos sociais?
- Qual o objetivo dos projetos: Viveiro Escola, Cooperativa, Cota Viva e Núcleo de Economia Solidária e Desenvolvimento Local (Nesdel)?
- Quais dos exemplos são mais interessantes? Por quê? Algum deles serviria para a realidade da comunidade local?
- De que forma eles poderiam ser adaptados para a realidade local?

Antes da atividade, informe-se sobre os projetos realizados no âmbito do Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, tendo como base os dados a seguir. Esse conhecimento pode ajudar a explicar os projetos e inspirar o grupo para pensar suas próprias ações de desenvolvimento local.



Nesdel, Cota Viva e Turismo de Base Comunitária

O **Núcleo de Economia Solidária e Desenvolvimento Local (Nesdel)** atua com grupos de mulheres, focando na valorização da cultura e das potencialidades locais. Para tanto, promove formação, debates e mecanismos de geração de renda com base na economia solidária e no comércio justo. No caso do Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, as mulheres foram capacitadas para atividades de culinária profissional e industrial, além de artesanato. Atualmente, o projeto mobiliza 21 mulheres que se dividem em dois grupos: Empreendedoras da Serra do Mar e Fabricoteiras, que consiste em artesanato com base no corte e costura.

O projeto **Cota Viva** é uma iniciativa conjunta da CDHU e da Fundação Florestal SMA que se destina aos moradores dos bairros-cota. Desenvolvido em áreas livres, objetiva reflorestar áreas degradadas, promover ações práticas e educativas de meio ambiente, atuar na revegetação da Mata Atlântica e formar agentes ambientais que contribuam para a sustentabilidade do projeto.

O **Turismo de Base Comunitária** é um trabalho social de pós-urbanização com foco no turismo comunitário, que beneficia os moradores dessas áreas e o Parque Estadual da Serra do Mar (PESM/Núcleo Itutinga-Pilões). As ações se baseiam em três eixos: ecológico, histórico e socioambiental. A iniciativa é uma ação conjunta da equipe técnica social da CDHU e de especialistas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

2ª PARTE

1. Sondagem para formação dos grupos embrionários de projetos sociais

Inicie a conversa abordando os exemplos de projetos apresentados no vídeo. Faça uma retomada dos tópicos para verificar se houve entendimento dos objetivos e da forma de atuação de cada projeto, anotando em um cartaz as informações levantadas.

Depois, divida a turma em grupos de seis a oito pessoas e peça que façam um levantamento de ideias, tendo em vista a montagem, na própria comunidade, de projetos que também tenham como foco empreendedorismo e meio ambiente, debatendo formas de viabilizá-los. Lembre os grupos de que eles podem dar sugestões diferentes das que foram apresentadas no vídeo.

Peça que, para cada sugestão, procurem responder as seguintes perguntas:

- Há condições de realizar esse projeto na comunidade?
- Que benefícios ele trará para a comunidade?
- Onde as pessoas poderiam se reunir?
- É preciso levantar recursos financeiros ou outros tipos de recurso para iniciar o projeto? Como conseguir?

- Será preciso formar parceria com alguma instituição?
- Será preciso receber formação/capacitação para as atividades envolvidas? Quem poderia pesquisar parcerias para a capacitação dos interessados?

As propostas de cada grupo devem ser registradas em um cartaz. Ao final das conversas, peça que os grupos apresentem suas sugestões e abra a palavra aos demais para contribuírem e ampliarem as sugestões dadas. Anote as sugestões no cartaz de cada grupo.

Depois de apresentadas todas as sugestões, organize listas para que as pessoas coloquem seus nomes nas atividades das quais gostariam de participar.

Oficina 11: Projetos sociais (3): Participação e organização sociocomunitária

Objetivos

- Conhecer os projetos sociais da Saru de participação e organização sociocomunitária.
- Apresentar a proposta do Núcleo Operacional de Urbanização (NOU): objetivo e funcionamento.
- Promover a seleção voluntária de Agentes para o NOU.

Materiais

- Vídeo *Projetos sociais e a construção da autonomia* (ver lista disponível ao final do material).
- Cartolina e canetões.

Dinâmica

1ª parte

1. Apresentação do vídeo *Projetos sociais e a construção da autonomia*, seguida de discussão – 60 minutos.
2. Formação dos grupos embrionários de projetos sociais – 120 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Preparação do passeio formativo para conhecer projetos sociais em andamento – 45 minutos.

1ª PARTE

1. Apresentação do vídeo *Projetos sociais e a construção da autonomia*, seguida de discussão

Antes de apresentar o vídeo, comente um pouco sobre o que são os projetos sociais de participação e organização sociocomunitária. Em alguns programas, quando parte

das obras de urbanização são finalizadas, são criadas estratégias para fomentar a organização dos moradores e identificar as oportunidades de desenvolvimento comunitário.

O Núcleo Operacional de Urbanização (NOU) envolve Agentes Comunitários de Urbanização que queiram acompanhar de perto a implantação do projeto de urbanização, participando de reuniões com as equipes técnicas de execução do projeto: Social, Projetos e Obras.

Esse grupo de Agentes divulga as informações sobre o andamento das obras para os demais moradores e apresenta as questões da comunidade em reuniões com as equipes técnicas. Ele é formado no início da intervenção e deverá continuar com a iniciativa dos moradores após o término das obras.

Inicialmente, essas reuniões têm o objetivo de debater as obras de urbanização, para que a população possa acompanhar o seu andamento, bem como entender melhor os motivos das remoções e as propostas de reassentamento. No NOU, a população pode sugerir o tema que será discutido, como problemas de infraestrutura viária, saneamento, drenagem etc., criação ou melhoria de espaços públicos e serviços de educação, saúde, lazer e esportes, recuperação ambiental.

Após essa breve explicação, exiba o vídeo *Projetos sociais e a construção da autonomia*, sem fazer pausas. Note que esse vídeo, ao tratar o desenvolvimento local de forma abrangente, apresenta exemplos de ações relacionadas também aos projetos sociais indicados nos demais eixos.

Solicite aos participantes que prestem atenção nas explicações sobre:

- a função desses projetos;
- as potencialidades locais para esses projetos;
- os exemplos (Galpão Escola de Artes e Ofícios, Amigos do Parque, Cooperativa de Reciclagem e Educação Ambiental, Viveiro Escola, Fórum de Desenvolvimento Sustentável, Turismo de Base Comunitária, Nesdel, Cota Viva e Ateliê);
- os resultados dos projetos segundo os coordenadores e moradores.

Projetos de participação e organização sociocomunitária

Objetivo específico:

Promover o envolvimento da população com o bairro, identificando oportunidades de desenvolvimento comunitário.



Participação e organização sociocomunitária

Projetos existentes

- Núcleo Operacional de Urbanização (NOU).
- Curso de Agentes Comunitários de Urbanização.
- Fórum de desenvolvimento sustentável.



Pontos para discussão em grupos

- Qual a função dos projetos de participação e organização sociocomunitária?
- Quais os resultados desses projetos segundo os coordenadores e os moradores entrevistados?
- Quais potencialidades locais podem se transformar em projetos sociais?

Apresente um *slide* com esses pontos, para orientar a discussão em grupo que será feita em seguida.

2. Formação dos grupos embriões de projetos sociais

Oriente os participantes a formarem grupos de até oito pessoas para discutirem o que foi visto, com base nos pontos levantados na atividade anterior. O objetivo dessas discussões é levantar potencialidades locais que possam se transformar em projetos sociais.

A partir das sugestões de cada grupo, faça uma discussão geral para definir possíveis projetos para a comunidade e organize uma lista de pessoas interessadas em cada projeto.

2ª PARTE

1. Preparação do passeio formativo para conhecer projetos sociais em andamento

Na Oficina 13 será feito um passeio para conhecer os projetos sociais em andamento em outros projetos de urbanização. Esse passeio deverá já estar definido e organizado por você e os técnicos sociais da Saru.

Explique com detalhes para os participantes qual(is) projeto(s) será(ão) visitado(s) e estabeleça uma conversa para levantar os pontos de interesse nessa visita, pedindo que anotem perguntas a serem feitas para os participantes e coordenadores dos projetos sociais. Oriente-os sobre os pontos que devem ser observados durante a visita e o que é importante anotar, fotografar ou mesmo filmar.

A ideia dessa conversa é preparar o grupo para tirar o máximo proveito da visita, aprendendo com as experiências em funcionamento e identificando dificuldades e problemas que podem surgir, assim como buscar boas soluções para a implantação e o desenvolvimento de projetos dessa natureza na própria comunidade.

Depois dessa conversa, dê todas as orientações necessárias para que o grupo se organize:

- Data, horário e local de encontro.
- Horário previsto para o retorno.
- Materiais que devem ser levados, entre os quais: bloco ou caderno para anotações, celular para fotografar/filmar etc.

- Condições do passeio: informe se haverá ou não lanche e água; se há possibilidade de uma condição adversa que dificulte ou impeça a participação de alguém por problemas de saúde (barulho, escada, poeira etc.).

Visita ao bairro dos Pimentas

- **Saída:** 20 de outubro, sexta-feira, 8 horas
- **Local de encontro:** posto Brasileirinho
- **Retorno aproximado:** 17 horas
- **Materiais de apoio:** bloco ou caderno para anotações, celular para fotografar/filmar etc.
- **Condições do passeio:**
 - Lanche
 - Dificuldade de acesso para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

Oficina 12: Passeio formativo (2): Projetos sociais

Objetivos

- Visitar uma área já urbanizada ou em processo de urbanização com projetos sociais em andamento.
- Conhecer os projetos sociais e dialogar com seus coordenadores e moradores participantes, explorando o processo de implantação, os objetivos e as possibilidades.

Dinâmica

Visita a uma área urbanizada ou em processo de urbanização a ser determinada pela equipe técnica da Saru e organizada por você e pelos técnicos sociais e coordenadores dos projetos sociais – 4 horas.



Módulo IV – Recuperação urbana

Oficinas 13 a 16

Objetivos gerais

- A) Abordar a recuperação urbana como oportunidade de desenvolvimento local.
- B) Conhecer empreendimentos, manifestações culturais e de lazer dos moradores como focos de mobilização e desenvolvimento local.
- C) Definir espaços públicos e privados.

Objetivos específicos

- 1) Familiarizar o grupo com o uso da planta do arrolamento.
- 2) Identificar na planta espaços públicos e privados e seus usos: atividades econômicas, manifestações culturais e de lazer.

Oficina 13: Diagnóstico sociocultural

Objetivos

- Aprender a ler uma planta de arrolamento.
- Preparar o grupo para a realização da pesquisa sobre atividades culturais, de lazer e equipamentos sociais.

Materiais

- Cartolinas, canetas hidrocores ou lápis de cor variados.
- Ficha “Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais”.

Dinâmica

1ª parte

- 1. Leitura de planta – 120 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

- 1. Simulação de aplicação do questionário “Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais” – 60 minutos.
- 2. Divisão dos grupos por setores para aplicação do questionário – 45 minutos.

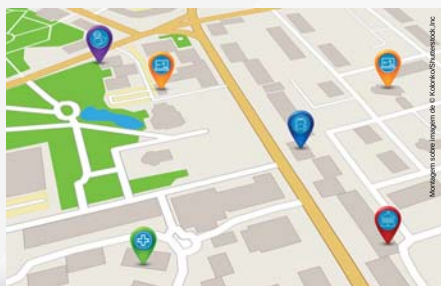


distintos. Por exemplo: residências de uma cor; escolas de outra; praças de uma terceira cor etc. Para facilitar a compreensão, lembre-se de pedir aos participantes que façam uma legenda explicando as cores utilizadas.

Depois que os participantes fizerem a atividade, peça para que cada grupo exponha sua produção e que explique o trabalho aos demais participantes. Em seguida, deixe que os participantes circulem alguns minutos para observarem as plantas mais de perto.

Espaços públicos na sua comunidade

- São suficientes?
- São diversificados?
- Estão bem distribuídos pelo bairro?
- Quais as carências identificadas e o que podemos fazer para saná-las?



Finalize o exercício pedindo que os grupos comentem o que acharam da distribuição dos espaços públicos pela comunidade:

- São suficientes?
- São diversificados?
- Estão bem distribuídos pelo bairro?

Antes de passar para a segunda parte, anote as carências identificadas pelo grupo e promova uma reflexão sobre possíveis ações para resolver essas questões.

2ª PARTE

1. Simulação da aplicação do questionário “Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais”

Peça aos participantes para retornar aos seus grupos e distribua a ficha “Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais” (veja o Anexo IV). Explique que esse questionário será levado a campo e que, com ele, os Agentes Comunitários vão entrevistar representantes das instituições existentes dentro da área de intervenção ou nas proximidades (até 1 km), como unidades de saúde, escolas, creches e conselho tutelar.

Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais

Data: ____/____/____

Projeto: _____

Núcleo: _____

Nome do grupo: _____

Nome do entrevistado: _____

Nº CDHU ou Nº mais próximo: _____

Leia o questionário com os participantes e faça uma simulação de preenchimento, utilizando um dos equipamentos listados na 1ª parte da oficina. A intenção é deixar bem claro do que se trata o levantamento.

Ressalte para os participantes que o objetivo do exercício é fazer uma simulação da aplicação do questionário em campo, para que estejam preparados quando forem

entrevistar os representantes das instituições.

Oriente para que analisem cada pergunta, esclarecendo as dúvidas que surgirem. Ao final de alguns minutos, verifique se há questões que não foram esclarecidas. As perguntas formuladas no momento da atividade em grupo poderão ser levadas para todos, possibilitando novos esclarecimentos. É importante que fique claro o que significa cada pergunta e resposta e quais tipos de resposta se espera obter.

Em seguida, peça, que, em duplas, os participantes façam uma simulação da aplicação do questionário, com um deles no papel de pesquisador e o outro no papel de representante de uma instituição. Circule por entre as duplas para orientar no que for preciso.

Explique que o questionário deve ser entendido como uma espécie de roteiro para o diálogo entre os Agentes Comunitários e os representantes das instituições existentes. O questionário é um orientador para que os Agentes conheçam melhor como funcionam os equipamentos públicos, os empreendimentos e as manifestações culturais e de lazer da localidade, aprofundando a coleta de informações. Isto é, as respostas ao questionário servirão para complementar a identificação, nas plantas, dos locais significativos para a população.

Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais

Os locais identificados deverão ser registrados na planta e as informações coletadas complementarão os dados do arrolamento.

- 1) Forma de ocupação
 - a. Espaço aberto não delimitado.
 - b. Espaço aberto delimitado.
 - c. Edificação de uso exclusivo para a(s) atividade(s).
 - d. Edificação de uso misto.

Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais

2) Tipo de atividade

- | | |
|--|---|
| a. Econômica.
Especificar: _____ | f. Saúde.
Especificar: _____ |
| b. Cultural.
Especificar: _____ | g. Educação.
Especificar: _____ |
| c. Religiosa.
Especificar: _____ | h. Atendimento infantil (0 a 5 anos).
Especificar: _____ |
| d. Esportiva e de lazer.
Especificar: _____ | i. Outro(s).
Especificar: _____ |
| e. Associação.
Especificar: _____ | |

Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais

- 3) Período de funcionamento
 - a. Regular diário: período integral.
 - b. Regular diário: manhã ou tarde.
 - c. Regular semanal ou mensal.
 - d. Irregular.
 - e. Outro(s).
Especificar: _____

Ao terminar a simulação, abra um debate para que as duplas comentem como foi a experiência. O foco desse debate será recolher comentários que ajudem a preparar os Agentes para a aplicação do questionário em campo. Anote em um cartaz os pontos de destaque da conversa.

2. Divisão dos grupos por setores para aplicação do questionário

Divida a turma em grupos, que serão responsáveis pela aplicação dos questionários. Essa distribuição dependerá dos resultados da análise prévia dos dados do arrolamento, realizada por você e um técnico social indicado pela Saru.

Os dados do arrolamento informarão o número total de locais existentes para a pesquisa, possibilitando o planejamento das atividades e a distribuição dos Agentes como entrevistadores. Por exemplo, a depender do número de igrejas, comércios etc., cada grupo ficará responsável por determinado número de quadras ou setor. Também pode ser avaliada a necessidade de incluir equipamentos sociais localizados no entorno (até 1 km), a depender da importância deles para as famílias da comunidade.

Avise aos participantes que, no encontro seguinte, os grupos deverão trazer os resultados da aplicação do questionário em campo para apresentar para a turma. Os dados coletados serão inseridos nas plantas para complementar a caracterização de cada área do bairro.

Oficina 14: Qualificação urbana: espaços públicos e privados

Objetivo

- Identificar expectativas em relação ao projeto de urbanização.

Materiais

- Vídeo *Público e privado*. Disponível em: <www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/ConteudoCEEJA.aspx?MateriaID=72&tipo=Videos>. Acesso em: 25 Jul. 2017.
- Cartolinas, papel sulfite, canetões.

Dinâmica

1ª parte

1. Exibição do vídeo *Público e privado* – 45 minutos.
2. Mapa Falado – 90 minutos.

Intervalo – 15 minutos.

2ª parte

1. Preparação para o encontro com os Agentes Comunitários de Urbanização e para a confraternização – 60 minutos.

1ª PARTE

1. Exibição do vídeo *Público e privado*

Antes de começar a apresentação dos resultados das pesquisas de campo sobre as atividades culturais e de lazer e os equipamentos sociais, converse um pouco com os participantes sobre as diferenças entre público e privado, utilizando o vídeo *Público e privado*.

Exiba o vídeo até 4min05, quando o professor Renato Janine Ribeiro termina sua fala, afirmando: “O privado muda totalmente de sentido. Ele deixar de ser o menor, para se tornar quase o maior”.

Convide as pessoas a refletir juntas sobre como nos relacionamos com o que é público e o que é privado na cidade:

- Por que os espaços privados são importantes para nós?
- E os espaços públicos? Qual sua função no nosso dia a dia?
- Vocês acham que há espaços públicos e privados que satisfazem as necessidades dos moradores no bairro?
- Vocês acham que, em geral, nos relacionamos de uma forma adequada com os espaços públicos?

Essa conversa ajuda a refletir sobre o significado e a importância dos espaços públicos e privados existentes no bairro.

Público e privado

- Por que os espaços privados são importantes para nós?
- E os espaços públicos? Qual sua função no nosso dia a dia?
- Os espaços públicos e privados do bairro satisfazem nossas necessidades?
- Em geral, nos relacionamos de uma forma adequada com os espaços públicos?

**2. Mapa Falado: apresentação do mapeamento, das entrevistas e do balanço dos resultados**

Os resultados da pesquisa de campo realizada deverão ser usados para completar a planta de arrolamento da área.

Para isso, peça que os grupos formados na Oficina 13 se reúnam e preparem o que vão apresentar para o restante da turma. Essa preparação deve incluir: organização das entrevistas; conversa sobre as conclusões a respeito da área visitada; retomada da planta de arrolamento usada na Oficina 13 para incluir as informações obtidas com a pesquisa de campo.

As apresentações devem conter os seguintes pontos:

- Breve caracterização do setor visitado. Por exemplo: se é uma área mais voltada para o lazer com pouco comércio; se é uma região escura durante a noite etc.
- Identificação dos equipamentos/espaços públicos da região.
- Espaços públicos de lazer não identificados na planta de arrolamento.
 - Esses equipamentos estão nos lugares adequados?
 - Como funcionam esses espaços/equipamentos?

Resultados da pesquisa de campo Apresentações

- Caracterização do setor visitado.
- Identificação dos equipamentos/espços públicos da região.
- Esses equipamentos estão nos lugares adequados?
- Como funcionam esses espaços/equipamentos?
- Sugestões de mudança, aperfeiçoamento, criação e adequação de espaços públicos.
- Sugestões pertinentes ao projeto de urbanização.

- Sugestões gerais de mudança, aperfeiçoamento, criação e adequação de espaços públicos.
- Sugestões pertinentes ao projeto de urbanização.

Depois que cada grupo apresentar seu mapa, deve haver um debate para levantar ideias e sugestões de modificações que envolvam o bairro como um todo. As sugestões podem ser, por exemplo, alteração dos horários de funcionamento do posto de saúde, a abertura da quadra da escola no fim de semana para a comunidade etc.

Você deve mediar esse debate, anotando as sugestões e fazendo comentários sobre a pertinência e a viabilidade delas. Perguntas como as que seguem são uma boa forma de alimentar essa conversa:

Sugestões para a comunidade

- A sugestão é do interesse da comunidade ou de apenas um pequeno grupo?
- Devemos garantir apenas sugestões que atinjam a maioria ou devemos pensar também nas minorias?
- A sugestão é prejudicial a algum grupo de moradores?
- Como será possível viabilizar a sugestão? É necessário recurso financeiro? Como consegui-lo?
- É preciso mobilizar pessoas para trabalhar nisso? De que forma isso poderá ser organizado?

- A sugestão é do interesse da comunidade ou de apenas um pequeno grupo?
- Devemos garantir apenas sugestões que atinjam a maioria ou devemos pensar também nas minorias?
- A sugestão é prejudicial a algum grupo de moradores?
- Como será possível viabilizar a sugestão? É necessário recurso financeiro? Como consegui-lo?
- É preciso mobilizar pessoas para trabalhar nisso? De que forma isso poderá ser organizado?

Claro que, em se tratando de sugestões para o bairro, essas perguntas não precisam ser respondidas de forma completa. De qualquer modo, elas representam formas de refletir sobre a necessidade, a adequação e a viabilidade das propostas. Considere que as sugestões apresentadas podem ser pontos de partida para a organização de reivindicações que façam sentido para a comunidade. Uma ideia é pedir que algumas pessoas anotem as sugestões, que poderão entrar na pauta do NOU.

2ª PARTE

1. Preparação para o encontro com os Agentes Comunitários de Urbanização e para a confraternização

Lembre os participantes de que os próximos dois encontros serão os últimos. O primeiro deles (Oficina 15) será dedicado a um novo passeio, no qual ocorrerá um encontro com Agentes Comunitários de Urbanização. Tal como nos demais passeios, explique como será esse encontro e quais as questões mais relevantes a serem abordadas com os Agentes para conhecer suas experiências, seus êxitos, suas dificuldades e suas estratégias.

Além dessa conversa, lembre-se de apresentar as orientações necessárias para que o grupo se organize para o dia do encontro.

Por fim, informe que, no último encontro (Oficina 16), você gostaria de fazer uma confraternização para comemorar o final da formação e peça sugestões para os participantes. Organize os preparativos com a turma: Que atividades podem haver nessa confraternização? Alguém vai preparar uma fala? As pessoas levarão comidas e bebidas?

Também é interessante aproveitar esse momento de conversa final para fazer uma avaliação do curso: Como foi a convivência entre as pessoas? O curso atingiu as expectativas? Que comentários e/ou críticas gostariam de fazer para melhorar os próximos cursos? Alguém quer contar como foi participar do grupo?

É importante que a avaliação e a confraternização final sejam organizadas de maneira a proporcionar uma celebração entre as pessoas, fortalecendo o vínculo entre elas, uma vez que esse grupo de Agentes Comunitários continuará a trabalhar na comunidade.

Encontro com Agentes Comunitários de Urbanização

- **Saída:** 22 de maio, quarta-feira, 13 horas
- **Local de encontro:** mercearia do sr. Augusto
- **Retorno aproximado:** 17 horas
- **Materiais de apoio:** bloco ou caderno para anotações e/ou celular para fotografar
- **Condições do passeio:**
 - Lanche
 - Água

Confraternização de encerramento

- **Dia:** 28 de novembro, sábado
- **Horário:** das 14 às 18 horas
- **Local:** Salão comunitário
- **Trazer:** bolo, salgado ou refrigerante

Oficina 15: Passeio formativo (3): Encontro com Agentes Comunitários de Urbanização

Objetivos

- Conhecer área alvo de projeto de urbanização da CDHU.
- Realizar encontro com os Agentes Comunitários de Urbanização que atuam no local, para apresentarem suas experiências, seus êxitos, suas dificuldades e suas estratégias.

Dinâmica

Encontro com Agentes Comunitários de Urbanização, organizado por você e pelos técnicos sociais e coordenadores dos projetos sociais da área visitada – 4 horas.

Oficina 16: Encerramento

Na última oficina, serão retomados os embriões dos projetos sociais iniciados no Módulo III. Caso você já tenha condições de confirmar os projetos que realmente existirão no bairro, informe aos Agentes como se dará a organização deles (agenda e locais de reunião etc.). Se possível, apresente as pessoas que vão conduzir as atividades de iniciação dos projetos.

Faça *slides* que expliquem com detalhes como serão os projetos sociais: locais, horários, pessoas responsáveis, estrutura e objetivos. Tire todas as dúvidas que surgirem e, depois, peça para que as pessoas confirmem seu interesse e se inscrevam nos projetos que desejarem.

Lembre a todos que eles estão no último encontro do Curso de Formação para Agentes Comunitários de Urbanização, mas que as atividades deles terão continuidade. Apresente, então, o calendário das atividades seguintes.

Informe, também, sobre a formatura do grupo e a entrega de certificados e diplomas. É importante verificar com antecedência o que será adotado para cada grupo.

Então, será a hora da confraternização de encerramento do curso, conforme decidido e organizado pelo grupo. Boa comemoração de encerramento do Curso de Formação para Agentes Comunitários de Urbanização!

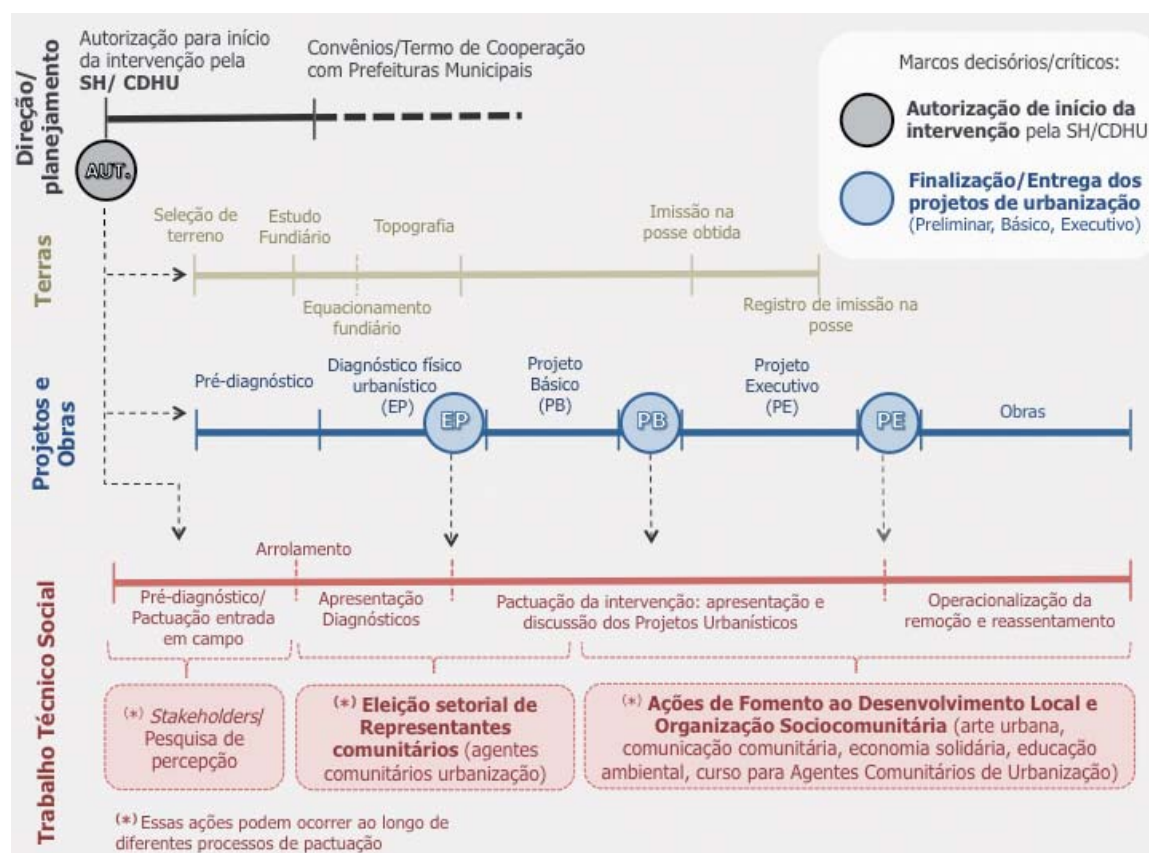
Anexos

Anexo I – Tópicos relevantes do processo de urbanização

I – Etapas do processo de urbanização

Para que o processo de urbanização transcorra no sentido de recuperar a qualidade urbana e ambiental do território, propiciando melhores condições de vida à população, é necessário que diferentes equipes técnicas atuem de forma integrada. Nesse contexto, é importante distinguir essas diferentes equipes envolvidas na intervenção e compreender os principais macroprocessos da urbanização. O Quadro 1 sistematiza tais áreas técnicas e suas principais ações/responsabilidades ao longo da urbanização.

Quadro 1 – Macroprocessos da urbanização



Fonte: Arquivos Superintendência de Ações de Recuperação Urbana/CDHU, 2017.

Inicialmente, órgãos e pastas de governo (quadros diretivos da CDHU e/ou da Secretaria de Habitação do Estado) ou Unidades Gestoras de Programa (UGP) são institucionalmente responsáveis pela definição relativa a quando e quais áreas serão objeto da

intervenção urbanística. Em alguns projetos, podem ser firmados convênios e parcerias com as prefeituras municipais, formalizando-se os arranjos institucionais necessários ao desenvolvimento do projeto ou programa de urbanização.

Após a autorização para que se comece a intervenção ou o programa, têm início os diversos estudos e levantamentos de diagnóstico do território. Em alguns projetos, esses levantamentos são precedidos por estudos de **pré-diagnóstico**, em que são levantados, em caráter mais inicial, os aspectos físico-urbanísticos (pela equipe de Projetos) e socioeconômicos (pela equipe Social), apenas como forma de subsidiar e melhor adequar o planejamento das ações seguintes às características e dinâmicas do território. Nessa etapa, é usual a realização de análises com base em dados secundários e de visitas a campo pontuais, em caráter de reconhecimento da área e de diagnóstico inicial (pré-diagnóstico, como indica o nome). Nesse contexto, a equipe Social pode realizar levantamentos para pesquisas sobre partes interessadas (mapeamento e análise das pessoas ou entidades envolvidas/afetadas) e de percepção da população acerca das condições urbano-ambientais do território.

Na sequência, ocorrem as ações de **diagnóstico**: a equipe técnica de Projetos realiza o **diagnóstico físico-urbanístico** das áreas, que é chamado de **Estudo Preliminar (EP)**. Esse estudo pode ser realizado em maior ou menor nível de detalhamento (mediante definições institucionais do escopo do projeto) e inclui o levantamento das seguintes informações:

- Inserção urbana (localização do núcleo a ser urbanizado, acessos à área) e estrutura viária (vias arteriais, vias coletoras e vias locais).
- Caracterização geológica/geotécnica, levantamento planialtimétrico cadastral, análise da declividade das áreas, mapeamento e classificação das áreas de risco.
- Hidrologia e aspectos ambientais (tipo de ocupação vegetal no núcleo).
- Características urbanísticas/condições de habitabilidade (padrão construtivo das edificações, conformação dos lotes, adensamento do núcleo, tipo de uso, entre outras características associadas aos padrões de ocupação na área e aos vetores de pressão decorrentes das ocupações urbanas).
- Condicionantes legais (urbanísticos e fundiários), com informações sobre o terreno, suas delimitações e seus registros de posse, as Diretrizes de Uso e Ocupação do Solo definidas em Plano Diretor, as Diretrizes do Zoneamento Ecológico Econômico, se houver.
- Infraestrutura urbana e saneamento (abastecimento de água, coleta e lançamento/tratamento de esgoto, drenagem das águas pluviais, coleta de resíduos sólidos, rede elétrica e iluminação pública).
- Equipamentos urbanos e serviços públicos (transporte coletivo, disponibilidade de equipamentos públicos de educação, saúde e lazer).
- Plano de massas, que se constitui na estimativa (ainda preliminar) de remoções de edificações necessárias à urbanização e na identificação/localização dos motivos de remoção.

A equipe Social, por sua vez, realiza o **arrolamento**, que é o mapeamento/identificação de todas as edificações da área e a caracterização socioeconômica das famílias residentes, estabelecendo-se o marco zero dos compromissos de atendimento habitacional. Em seguida, são realizadas as **reuniões setoriais** ou “reuniões quadra a quadra” de pactuação, em que acontece a apresentação dos estudos de diagnóstico – tanto o diagnóstico físico-urbanístico quanto o arrolamento – e a eleição de representantes comunitários.

Na sequência, dá-se início à elaboração do **Projeto Básico de Urbanização (PBU)**, seguida de inúmeras reuniões com a população, para apresentar e discutir suas propostas e diretrizes. A participação efetiva e contínua da comunidade possibilita a promoção de um sentimento de corresponsabilidade entre os diferentes envolvidos no processo – comunidade e Estado –, contribuindo para a melhor qualidade do projeto urbanístico e a maior eficiência do processo de urbanização.

O **PBU** é elaborado a partir das características físicas, urbanísticas e sociais do território, previamente identificadas nos estudos de diagnóstico. Assim, ele se constitui em um conjunto de diretrizes mais definidas para a intervenção, em uma escala mais específica, dispondo sobre as intervenções a serem feitas quanto a infraestrutura viária, saneamento, equipamentos públicos (especialmente espaços públicos e áreas de lazer), delimitação de áreas para remoção de edificações, áreas de preservação ambiental, entre outros aspectos. Deve-se salientar que, em função das peculiaridades de cada território, não existe uma forma padronizada de estabelecer critérios, diretrizes e condicionantes, sendo cada PBU adequado às características do território a que se refere.

É possível, no entanto, identificar temas/eixos comuns aos projetos de urbanização, cuja aplicabilidade varia de acordo com as características e dinâmicas socioterritoriais de cada área. Tais temas/eixos são sintetizados em:

- **Estrutura viária e drenagem:** abertura de vias ou adequação de vias já existentes, pavimentação, implantação de calçadas/passeios e escadas/escadarias.
- **Implantação de espaços públicos e equipamentos urbanos:** novas praças/parques e áreas de lazer/esportes (centralidades), arborização e paisagismo, mobiliário urbano, implantação de quadras, pavimentação, destinação de áreas institucionais para implantação de equipamentos de saúde e educação (quando possível).
- **Áreas de maior declividade, áreas verdes, talvegues, nascentes/cursos de água:** implantação de redes interceptoras de esgoto, remoção de edificações dentro da área limitada pelos interceptores, revegetação das encostas e proteção contra erosão (sistemas de contenção), possível implantação de áreas de lazer e quadras de esporte em áreas onde as dimensões e topografia do terreno permitam (com eventual aproveitamento de platôs das casas removidas), implantação de iluminação e mobiliário urbano adequados ao longo das vias, intervenções físicas para preservação de nascentes e margens de cursos de água, consolidação geotécnica.
- **Plano de massas:** definição das edificações a serem removidas em função dos diferentes critérios de remoção (risco geológico, risco geotécnico, área de preservação ambiental, abertura de vias etc.).

- **Saneamento e infraestrutura urbana:** abastecimento de água potável, implantação de esgoto sanitário, dispositivos para coleta de lixo, iluminação pública e eletricidade.
- **Habitação:** definição e planejamento de conjuntos residenciais para o reassentamento das famílias residentes nos domicílios situados em frente de remoção.¹

O **Projeto Executivo (PE)**, por sua vez, corresponde ao estágio mais avançado no desenvolvimento do projeto, no qual aparecem mais detalhes. No entanto, em função da complexidade das características físico-urbanísticas das favelas, o PE acaba se desenvolvendo concomitantemente às obras, na medida em que se identificam as peculiaridades de cada setor da intervenção.

II – Conceitos e referenciais técnicos da urbanização

O processo de urbanização de favelas, conforme se pode perceber ao analisar suas diferentes etapas e equipes técnicas envolvidas, é um processo complexo, que envolve múltiplas dimensões (sociais, urbanísticas, ambientais e fundiárias) da intervenção no território. A compreensão de alguns conceitos-chave, intrínsecos ao processo de urbanização, tende a possibilitar melhor diálogo entre as equipes técnicas e a comunidade, uma vez que todos podem usar essas referências no processo de elaboração e discussão coletiva do projeto.

Ainda que os temas sejam bastante integrados – e permeados pelas diferentes dimensões da intervenção – é possível distinguir conceitos importantes, apresentados a seguir:

1) Condicionantes do projeto: motivos de remoção e critérios para atendimento habitacional

A remoção de determinadas edificações pode ser necessária por diferentes motivos. A partir da experiência de projetos de reassentamento realizados em diversos países, foram estabelecidas, por organismos multilaterais, diretrizes nacionais e internacionais que incentivam a realização do menor número possível de remoções.

Por essa razão, em geral, o *Plano Básico de Urbanização* e o *Projeto Executivo* são desenhados procurando realizar o menor número possível de remoções, o que pode até implicar em alterações no seu traçado original. Ainda assim, por questões relativas à segurança da população, às condições de habitabilidade ou mesmo a fatores ambientais, é necessário que se realizem determinadas remoções, garantindo a viabilidade da execução do projeto de urbanização.

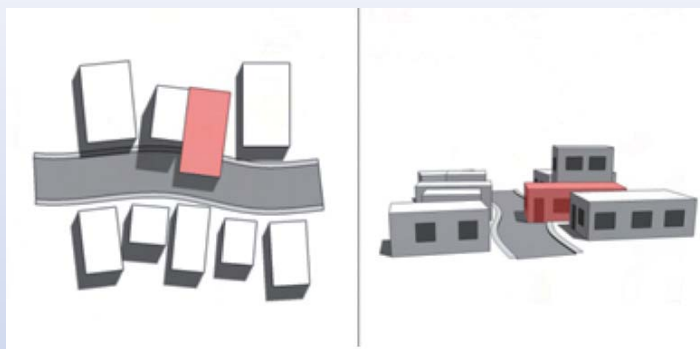
1. *Frentes de remoção* são os setores nos quais haverá necessidade de remoção das edificações e reassentamento das famílias. Uma vez definidas tais áreas, a equipe Social lança mão de todas as formas e escalas de participação já abordadas, no intuito de conduzir, da melhor forma possível, a remoção e o reassentamento dos moradores. Nesse contexto, ocorrem reuniões, Atendimentos Individuais Programados (AIPs) e atendimentos individuais espontâneos (nos quais a própria população procura a equipe Social).

É possível distinguir diferentes motivos de remoção, conforme apresentado no quadro a seguir.

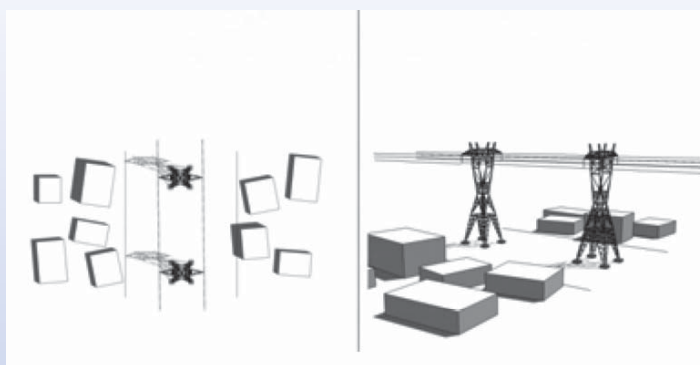
Quadro 2 – Motivos de remoção e reassentamento de edificações

Edificações que dificultem

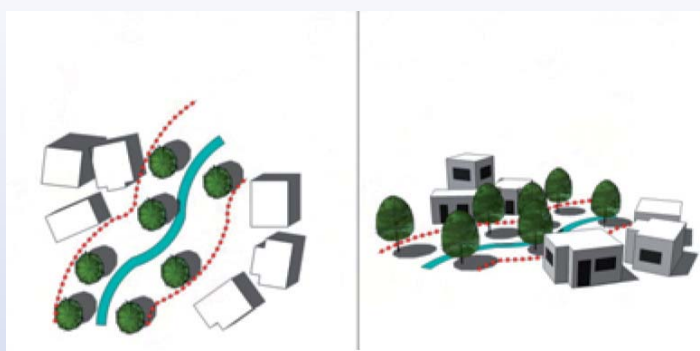
as vias de acesso: quando da realização da urbanização, é necessário abrir ou adequar/alargar vias de modo a permitir o tráfego de veículos, inclusive veículos de prestação de serviços diversos (coleta de lixo, ambulância, entregas ou mudanças), o que pode exigir a remoção das edificações que dificultem essa intervenção.



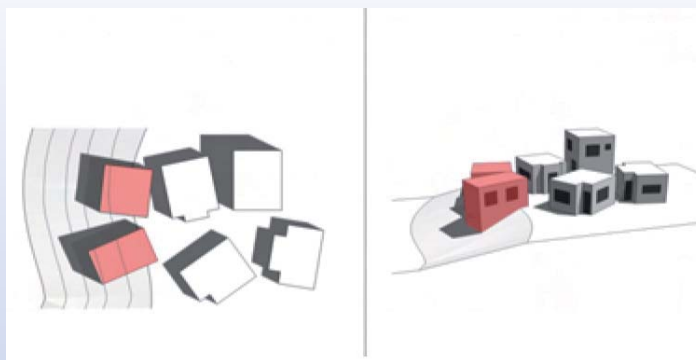
Faixas não edificáveis: por questões de segurança à própria população residente no núcleo (ou em qualquer região), é preciso seguir as normativas que dispõem sobre faixas não edificáveis (*non aedificandi*) por sua proximidade com linhas de transmissão de energia, ferrovias e rodovias (as chamadas “faixas de servidão”).



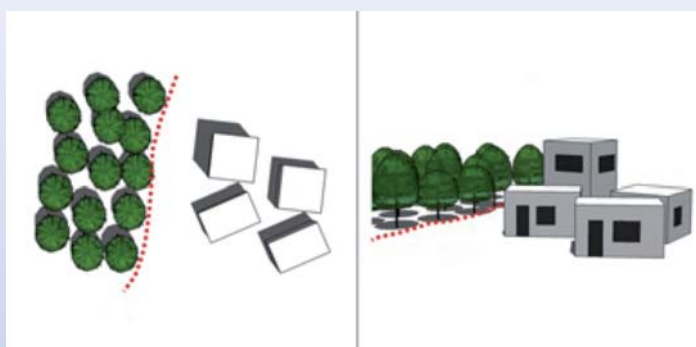
Faixas marginais de proteção ambiental: edificações situadas às margens de cursos de água também estão sujeitas à remoção, seja por questões relativas à proteção ambiental, seja por causa da excessiva declividade dessas áreas (em alguns casos, sujeitas a deslizamentos).



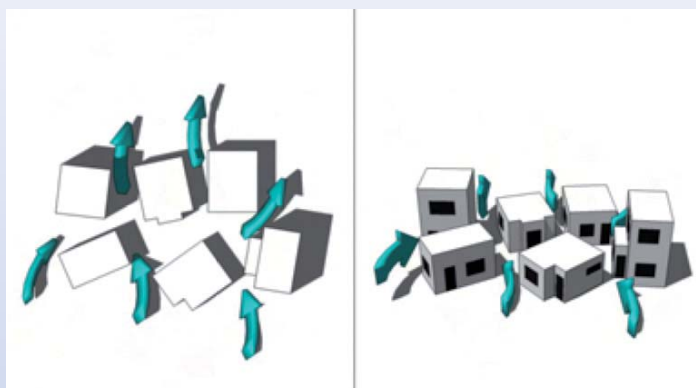
Áreas de risco geotécnico: terrenos com acentuada declividade, como encostas, apresentam risco geotécnico, ou seja, altas probabilidades de deslizamento de terra com grandes riscos à população residente.



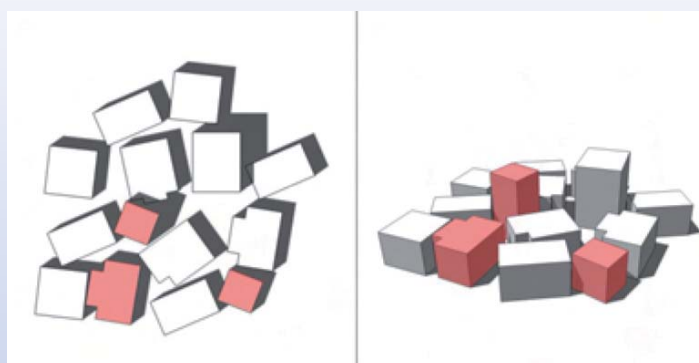
Áreas de proteção ambiental: em assentamentos precários são frequentes edificações situadas em áreas de proteção ambiental (que, por vezes, são a única alternativa habitacional encontrada pela população). Diante dessa situação, há duas alternativas possíveis, e a eleição de uma delas ocorre mediante arranjos técnicos e institucionais relativos ao desenho do projeto: (i) as áreas são “desafetadas” (ou seja, faz-se revisão dos limites da área de proteção ambiental com intuito de que as edificações possam ali permanecer) ou (ii) as edificações são removidas, possibilitando recuperação e posterior proteção ambiental da área.



Salubridade: diversos estudos mostram o impacto que a falta de ventilação e iluminação natural nas casas causa na saúde de seus residentes. O processo de urbanização possibilita a análise das edificações e das ocupações cujos arranjos e padrões construtivos se encontrem em maior precariedade. A indicação da remoção de algumas edificações de modo a permitir maior ventilação e iluminação natural representa ganho coletivo a todas as edificações do setor (tanto para as edificações situadas em área de permanência, com o aumento da qualidade habitacional, quanto para as famílias cujas edificações estão situadas em área de remoção e deverão ser reassentadas em unidades habitacionais devidamente construídas, tendo em conta parâmetros habitacionais).



Adensamento: na mesma perspectiva dos aspectos considerados anteriormente (sobre salubridade), também é necessário remover edificações cujo arranjo seja excessivamente denso, impossibilitando a circulação das pessoas pela área, ou as já citadas condições de ventilação e iluminação.



Fonte: FARIAS, Jacira Saavedra; CANEDO, Juliana; MAYA-MONTEIRO, Patrícia; HUGUENIN, João Paulo; ANDRADE CARNEIRO DA SILVA, Victor. *Memória do Concurso Morar Carioca: conceituação e prática em urbanização de favelas*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <www.iabrij.org.br/morarcarioca/2012/08/memoria-do-concurso-paineis-do-escritorio-de-jacira-saavedra-farias>. Acesso em: 27 Jul. 2017.

Por fim, é importante ressaltar que cada projeto de urbanização possui um conjunto de diretrizes e critérios para o atendimento habitacional, adequados às características de cada território. Esse conjunto dispõe sobre o reconhecimento de direitos de atendimento habitacional e os critérios de acesso e elegibilidade às soluções habitacionais. Tudo devidamente pactuado com a população local, nas diversas reuniões realizadas, e explicado de forma mais detalhada e aplicada a cada perfil familiar, nos AIPs.

2) Aspectos urbanísticos: espaços públicos, conectividade/integração, traçado viário

O traçado das vias e a delimitação dos espaços públicos são fatores fundamentais no processo de urbanização, com impacto não só no arranjo/organização espacial do território (se mais ou menos orgânico, mais ou menos voltado às dinâmicas sociais da estrutura urbana), mas também na própria definição das estruturas de incentivo ao convívio e à maior ou menor sociabilidade da população.

Os espaços comuns dos bairros (como praças, parques e outras áreas de lazer e esporte) possibilitam oportunidades de encontro entre os moradores, favorecendo condições para o estabelecimento de algum grau de confiança e de reciprocidade entre a população. Dessa forma, podem funcionar como estruturas de oportunidade para o fortalecimento e a diversificação do tecido social. Tais áreas de encontro, troca e convivência na favela podem ser incentivados (embora não garantidos, obviamente) por meio do desenho urbano. Os espaços públicos, portanto, figuram como “áreas de oportunidades” centrais à dinâmica do novo bairro/núcleo urbanizado.

A disponibilização de áreas institucionais voltadas à implantação de equipamentos públicos de saúde e educação também pode fazer parte do projeto de urbanização, dependendo das definições prévias acerca de seu escopo.

Nessa mesma perspectiva, o **traçado viário** também pode favorecer maior ou menor organicidade e conectividade no território, conforme sua capacidade de: (i) conectar setores da favela a equipamentos urbanos (se for o caso) e áreas de uso coletivo; (ii) integrar diferentes setores até então segregados por motivos diversos (adensamento habitacional, declividade acentuada etc.); (iii) se organizar a partir da composição entre vias locais, vias coletoras e vias arteriais que permitam integração tanto no interior do núcleo quanto em relação ao seu entorno imediato ou à cidade como um todo.

O quadro a seguir descreve as características das vias arteriais, coletoras e locais.

Quadro 3 – Hierarquia da estrutura viária

Via arterial

Permite ligações intraurbanas, com média ou alta fluidez e baixa acessibilidade. Apresenta integração com o uso do solo adjacente.



Via coletora

Recebe e distribui o tráfego proveniente das vias locais e alimenta as vias arteriais. Possui boa acessibilidade e integração com as atividades locais.



Via local 1

Apropriada para eixos de comércio e serviços. Permite o acesso de veículos em duas faixas e uma terceira para estacionamento ou carga e descarga.



Via local 2

Apropriada para a circulação interna na favela. Permite o acesso de veículos em duas faixas carroçáveis.



Via local 3

Apropriada para a circulação interna. Possui apenas uma faixa carroçável que pode, eventualmente, ter circulação compartilhada de veículos e pedestres.

**Via local 4**

Apropriada para o acesso de pedestres e bicicletas, podendo prescindir de calçadas.

**Via local 5**

Nas escadarias, ao lado dos degraus, deve haver um plano inclinado que facilite trânsito de bicicletas e carrinhos de compras.



Fonte: FARIAS, Jacira Saavedra; CANEDO, Juliana; MAYA-MONTEIRO, Patrícia; HUGUENIN, João Paulo; ANDRADE CARNEIRO DA SILVA, Victor. *Memória do Concurso Morar Carioca: conceituação e prática em urbanização de favelas*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <www.iabrij.org.br/morarcarioca/2012/08/memoria-do-concurso-paineis-do-escriptorio-de-jacira-saavedra-farias>. Acesso em: 27 Jul. 2017.

3) Infraestrutura/saneamento básico

Outros aspectos que devem ser considerados – e que, assim como a delimitação de espaços públicos e estrutura viária, também estão associados aos condicionantes do projeto e respectivos motivos de remoção e reassentamento – referem-se à implantação da infraestrutura de saneamento básico: (i) abastecimento de água; (ii) esgotamento sanitário; (iii) drenagem; (iv) coleta de lixo; (v) iluminação pública e energia elétrica.

As definições da infraestrutura no PBU – e do tipo de solução encontrada para cada um de seus componentes – são estabelecidas de acordo com as características do território.

Anexo II – Como formar grupos de trabalho

Quando trabalhamos em grupos, devemos pensar que diferentes agrupamentos de participantes terão diferentes dinâmicas e resultados. Por isso, alguns pontos devem ser levados em conta na organização de grupos.

Número de componentes

A quantidade de pessoas para cada grupo depende do tipo de atividade a ser feita. Se for uma tarefa que exija muita discussão, o grupo precisará ser pequeno, com no máximo oito pessoas. Se for um levantamento de ideias a respeito de determinado tema, um grupo mais numeroso poderá obter melhores resultados.

Escolha dos componentes

A escolha dos componentes de cada grupo também deve ser definida de acordo com os objetivos e o tipo de atividade. Os grupos podem ser formados de maneira aleatória, por escolha dos participantes ou por escolha de quem conduz a atividade, conforme exposto a seguir.

Escolha aleatória

Pode ser bastante útil quando os participantes têm uma forte resistência a desfazer “panelinhas” que sejam consideradas improdutivas ou até prejudiciais à turma ou a algumas pessoas da própria “panelinha”.

A escolha aleatória também é adequada em grupos de pessoas que não se conhecem, para facilitar o entrosamento.

Existem várias maneiras de fazer a escolha aleatória:

- dividir por localização na sala, por exemplo, os que estão do lado direito e os que estão do lado esquerdo;
- designar números diferentes para as pessoas e agrupar pares e ímpares;
- designar números repetidos para as pessoas e agrupar por números, por exemplo, todos os de número 1 se juntam, e assim por diante;
- usar uma forma lúdica, por exemplo, agrupar quem gosta de esporte e quem não gosta; quem comeu carne no fim de semana e quem não o fez; quem viu a novela no dia anterior e quem não viu etc.

A escolha aleatória só deve ser utilizada quando não for importante que os participantes dos grupos tenham determinadas características.

Por escolha dos participantes

Nas atividades em que é preciso agrupar pessoas que já se sentem entrosadas, deixar que elas escolham com quem se reunir pode dar bons resultados. O problema desse tipo de escolha é que algumas pessoas mais tímidas ou inseguras podem se sentir excluídas ou intimidadas a convidar parceiros de trabalho.

Por escolha de quem conduz a atividade

Para escolher os componentes dos grupos, a pessoa que conduz a atividade precisa definir seus critérios de acordo com o que espera da atividade. Assim, pode-se ter grupos heterogêneos e grupos homogêneos.

- **Grupos heterogêneos** ajudam o crescimento pessoal dos participantes, uma vez que oferecem a oportunidade de complementaridade entre as pessoas e de convívio com as diferenças. Por exemplo, misturar pessoas mais engajadas com pessoas menos participativas pode fazer que as menos participativas despertem para o engajamento; misturar pessoas mais criativas com pessoas mais sistemáticas une habilidades diferentes, o que pode enriquecer o trabalho.
- **Grupos homogêneos** são indicados para atividades em que cada grupo desenvolverá uma atividade diferente. Por exemplo, se um grupo vai fazer um desenho enquanto outro vai escrever, é bom que se reúnam, no primeiro, as pessoas com habilidades para desenho e, no segundo, aquelas com habilidades para escrita.

Em todos os casos, é importante estar preparado para as dificuldades que podem surgir no trabalho em grupo. Conflitos são esperados e, para que eles sejam resolvidos, é fundamental haver respeito e encorajamento mútuos.

Anexo III – Questionário individual para resgate da memória

RESGATE DA MEMÓRIA

MEMÓRIA INDIVIDUAL

Quais foram os cinco fatos mais importantes da sua vida?

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

MEMÓRIA COLETIVA E NACIONAL

1 - Pense em três fatos importantes do seu bairro.

2 - Pense em três fatos importantes da sua cidade.

3 - Pense em três fatos importantes do seu país.

A ideia é que você comece a relembrar coisas importantes da sua vida, do seu bairro, da sua rua, da sua cidade, enfim, da sua HISTÓRIA.

Para a próxima semana, traga fotos, recortes de jornais e revistas, lembranças, objetos, documentos e outros elementos que ajudem a contar sua HISTÓRIA.

Nome: _____ Núcleo: _____

Anexo IV – Levantamento das atividades culturais e de lazer e dos equipamentos sociais

Data: ____/____/____

Projeto: _____

Núcleo: _____

Nome do grupo: _____

Nome do entrevistado (se houver): _____

Nº CDHU ou nº mais próximo: _____

Instruções

Os locais identificados deverão ser registrados na planta e as informações coletadas complementarão os dados do arrolamento.

1 – Forma de ocupação

- a) Espaço aberto não delimitado.
- b) Espaço aberto delimitado.
- c) Edificação de uso exclusivo para a(s) atividade(s).
- d) Edificação de uso misto.

2 – Tipo de atividade

a) Econômica. Especificar: _____

b) Cultural. Especificar: _____

c) Religiosa. Especificar: _____

d) Esportiva e de lazer. Especificar: _____

e) Associação. Especificar: _____

f) Saúde. Especificar: _____

g) Educação. Especificar : _____

h) Atendimento infantil (0 a 5 anos). Especificar: _____

i) Outro(s). Especificar: _____

3 – Período de funcionamento

a) Regular diário: período integral.

b) Regular diário: manhã ou tarde.

c) Regular semanal ou mensal.

d) Irregular.

e) Outro(s). Especificar: _____

Anexo V – Instrumental de caracterização dos Agentes Comunitários



INSTRUMENTAL DE CARACTERIZAÇÃO AGENTES COMUNITÁRIOS

1. Projeto:	2. Nº do Questionário: (não preencher)
3. Núcleo:	4. Município:

I – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

5. Nome completo:										
Caso seja muito conhecido pelo apelido, anotar abaixo:										
6. Apelido										
Endereço (tipo de logradouro: rua, avenida, praça, largo, alameda, travessa, viela, beco)										
7. Tipo:	8. Nome do logradouro:									
Caso o entrevistado resida em conjunto habitacional, preencher questões 11, 12 e 13										
9. Número:	10. Complemento:	11. Empreendimento/Fase (CDHU):	12. Prédio/Bloco:	13. Nº Apto.						
14. Bairro:										
15. CEP:	16. É morador do núcleo?		17. Há quanto tempo?							
-	1. Sim 2. Não (passe p. 21)		D/M/A							
18. Setor:	19. Quadra:	20. Número CDHU:	21. DDD	Telefone fixo	22. DDD	Telefone celular				
23. E-mail:										
24. Sexo:	25. Idade:	26. Local de nascimento:	27. Vive com companheiro(a)?	28. Possui filhos?						
1. Masc. 2. Fem.		(UF)	1. Sim 2. Não	1. Sim/Nº 2. Não						
29. Última série concluída: Atenção: anotar códigos correspondentes abaixo										
Código:	Última série concluída com aprovação:					Código:	Última série concluída com aprovação:			
01.	1º ano do Ensino Fundamental					10.	1º ano do Ensino Médio			
02.	2º ano do Ensino Fundamental					11.	2º ano do Ensino Médio			
03.	3º ano do Ensino Fundamental					12.	3º ano do Ensino Médio			
04.	4º ano do Ensino Fundamental					13.	Ensino Superior incompleto			
05.	5º ano do Ensino Fundamental					14.	Ensino Superior completo			
06.	6º ano do Ensino Fundamental					15.	Nenhuma, 0 - 6 anos			
07.	7º ano do Ensino Fundamental					16.	Nenhuma, mas sabe ler e escrever			
08.	8º ano do Ensino Fundamental					17.	Nenhuma, não sabe ler e escrever			
09.	9º ano do Ensino Fundamental									

47. Temas a serem trabalhados na formação (numerar por ordem de importância)	() Urbanização	() Memória	() Outros (especificar) _____
	() Cidadania	() Organização comunitária	() Outros (especificar) _____
	() Meio ambiente	() Empreendedorismo	
		() Geração de trabalho e renda	

48. Avalie o lugar que você mora quanto a:						
a. Localização.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
b. Espaços verdes.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
c. Ruído.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
d. Segurança pública.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
e. Rede de água.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
f. Rede de esgoto.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
g. Rede de telefone.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
h. Telefones públicos.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
i. Iluminação pública.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
j. Energia elétrica.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
k. Transporte público.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
l. Creche.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
m. Escola – Ensino Fundamental.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
n. Escola – Ensino Médio.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
o. Serviço de carteiro.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
p. Posto de Saúde.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
q. Hospital/Maternidade.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
r. Comércio/serviços.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
s. Coleta de lixo.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
t. Limpeza e varrição das ruas.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
u. Vias para pedestres.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
v. Vias para veículos.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
w. Pavimentação.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA

49. Avalie o lugar que você mora em relação à vida social e comunitária:						
a. Relações de vizinhança.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
b. Locais para prática de esportes e lazer	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
c. Espaços de participação comunitária.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
d. Quantidade de eventos e reuniões comunitárias.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
e. Adesão às regras e pactos de convivência.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA
f. Diálogo com o poder público.....	1. Ótimo	2. Bom	3. Regular	4. Ruim	5. Péssimo	6. NSA

50. Você é informado/convidado a participar de eventos/ reuniões e grupos comunitários no seu núcleo?	1. Sim	2. Não (passe p. 55)
51. Quem informa? (resposta múltipla)	1. Amigos/vizinhos 2. Lideranças locais 3. Agentes Comunitários de Urb. 4. Igreja	5. Associação de moradores 6. Rádio comunitária 7. Outros (especificar): _____
52. As pessoas do seu núcleo participam de atividades comunitárias?	1. Sim, muito 2. Sim, pouco 3. Não, porque não têm tempo	4. Não, porque não têm interesse 5. Não, porque não sabem como participar 6. Outros (especificar): _____

53. Você participa de atividades comunitárias?	1. Sim, muito 2. Sim, pouco 3. Não, porque não tem tempo	4. Não, porque não tem interesse 5. Não, porque não sabe como participar 6. Outros (especificar): _____
54. Alguém da sua família participa de atividades comunitárias?	1. Sim, muito 2. Sim, pouco 3. Não sabe 4. Não, porque não tem tempo	5. Não, porque não tem interesse 6. Não, porque não sabe como participar 7. Outros (especificar): _____

55.	
Você conhece pessoas moradoras ou entidades da área que, na sua opinião, representam e/ou ajudam a sua comunidade?	1. Sim (<i>preencher abaixo</i>) 2. Não
1. Morador/Entidade	
2. Morador/Entidade	

56. Banco da solidariedade:

O que você sabe fazer:

O que você gostaria de aprender:

Entrevistadores(as): _____ _____ _____	Data: ____/____/____
--	----------------------

Vídeos

Para assistir aos vídeos, acesse:
www.cdhu.sp.gov.br



Trabalho social numa comunidade em transformação

O vídeo é uma introdução à dinâmica dos projetos de urbanização, com foco no Trabalho Técnico Social (TTS), uma ferramenta valiosa para criar pontes entre a população e a CDHU. Conheça o conceito de pactuação, que sustenta a relação entre a CDHU e os moradores envolvidos em projetos de recuperação urbana.

A urbanização e seus atores

A revitalização de áreas como favelas ou ocupações irregulares é um desafio. O vídeo apresenta a urbanização como ferramenta indispensável de inclusão social, oferecendo acesso à qualidade de vida. Veja como esse trabalho é feito, desde o planejamento até a execução das obras, e como atuam engenheiros, projetistas, arquitetos e técnicos sociais, com a participação ativa da população.

Os moradores e a urbanização: expectativas e realizações

O vídeo mostra como a CDHU faz verificações técnicas (mapeamento de áreas de risco, necessidades de remoção etc.) e estudos sociais para efetivar um projeto de urbanização. Veja como a participação da população amplia o sentido desse projeto, tornando-o mais adequado às necessidades do público e da área nele envolvidos.

O Agente Comunitário de Urbanização

Eleitos pela população da região, os Agentes Comunitários de Urbanização são o canal de comunicação entre os moradores e a CDHU. Conheça a importância da atuação desses Agentes para promover a união entre os técnicos sociais da CDHU e a população, vencer os desafios do projeto de urbanização e tornar possível a sua realização.

A decisão de mudar

Os motivos (áreas de risco, ocupações irregulares, áreas onde serão feitas obras públicas) que levam à remoção de famílias de suas moradias podem variar, mas essa é uma negociação sempre difícil. O vídeo trata de desafios presentes nessas situações e algumas opções oferecidas pela CDHU: urbanização de lotes, auxílio-moradia, carta de crédito, novas unidades habitacionais e troca regularizada.

Som, cor e palavras: um bairro vivo

Urbanizar não é apenas fazer obras, colocar asfalto e erguer paredes. As pessoas são as protagonistas dessa história, e os projetos de urbanização têm como meta criar lugares mais adequados para se viver. Veja como a arte e o empreendedorismo dão autonomia para a população e mais vida aos programas habitacionais, com destaque para os projetos ComCom e Arte nas Cotas.

Empreendedorismo e meio ambiente: projetos sustentáveis

Participar de projetos sociais é uma das formas de os moradores se envolverem com o processo de urbanização. O vídeo mostra que essa participação gera o sentimento de pertencimento à comunidade. Conheça as iniciativas Núcleo de Economia Solidária e Desenvolvimento Local, Cota Viva e Viveiro Escola.

Projetos sociais e a construção da autonomia

Compreender e se envolver em uma determinada tarefa ou iniciativa traz autonomia e gera pertencimento. Acompanhe o trabalho do Núcleo Operacional de Urbanização, organismo vivo da CDHU para compartilhar e promover, entre outros benefícios, mais participação da população.